

MAX LUCADO



NO OLHO
DO FURACÃO

Jesus sabe como você se sente



MAX LUCADO

NO OLHO DO FURACÃO

JESUS SABE COMO VOCÊ SE SENTE

Traduzido por ALMIRO PISETTA



mundocristão
São Paulo

Mídias Sociais



curta



siga



confira



assista



acesse

Copyright © 1991 por Max Lucado
Publicado originalmente por Thomas Nelson, Nashville, Tennessee, EUA.
Direitos negociados por Silvia Bastos, S. L., agência literária.

Os textos de referência bíblica foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Biblica Inc., salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Diagramação: Luciana Di Iorio *Preparação:* Érica Campos *Capa:* Raul Fernandes *Diagramação para e-book:* Yuri Freire

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lucado, Max

No olho do furacão [livro eletrônico] : Jesus sabe como você se sente / Max Lucado ; traduzido por Almiro Pisetta. -- São Paulo : Mundo Cristão, 2014.

2 Mb; ePUB

Título original: In the eye of the storm.

Bibliografia

ISBN 978-85-433-0040-5

1. Consolação 2. Espiritualidade 3. Jesus Cristo - Pessoa e missão 4. Vida cristã I. Título.
II. Série.

14-08568 CDD-248.4

Índices para catálogo sistemático: 1. Espiritualidade : Vida cristã 248.4

Categoria: Inspiração

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por: Editora Mundo Cristão

Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147

www.mundocristao.com.br

1ª edição eletrônica: outubro de 2014

Para Robert e Elsie Forcum

dois embaixadores com amor pela
igreja e responsabilidade por
todas as nações

SUMARIO

AGRADECIMENTOS

ANTES DE VOCÊ COMEÇAR...

PARTE I — O ESTRESSE DAS EXIGÊNCIAS

1. Da calma para o caos
2. Deus sob pressão
3. Amor de mãe, empatia de amigo
4. Quando os pescadores não pescam
5. A alegria da viagem
6. Coisas impressionantes
7. Obrigado pelo pão
8. Reflexões em Minneapolis
9. Sufocando as vozes
10. A foto e o arquivo

PARTE II — TEMPESTADE DE DÚVIDAS

11. Deus visto através do vidro estilhaçado
12. Dois pais, duas festas
13. Tempestade de dúvidas
14. O milagre do carpinteiro
15. A sabedoria do lenhador
16. As leis do farol
17. Ele fala em meio à tempestade
18. Ponderações de peregrinos
19. Nossa tempestade foi seu caminho
20. Eles fariam tudo de novo

PARTE III — O ESPINHO DO FRACASSO

21. Castelos de sofrimento

22. Medo que se torna fé
23. Por que Deus sorri
24. O visitante sacrificial
25. Santidade de pijama ou camisola
26. A escolha
27. De calças arriadas, mas de cabeça erguida
28. Limonada e graça

CONCLUSÃO

GUIA DE ESTUDO

AGRADECIMENTOS

Quero aqui prestar minhas homenagens a alguns amigos especiais que tornaram possível este livro.

Primeiramente, ao pessoal da Thomas Nelson americana:

Kip Jordon, Byron Williamson, Ernie Owen, Joey Paul e Roland Lundy. É um privilégio fazer parte dessa equipe.

Dave Moberg, Tom Williams, Susan Russell, Ed Curtis e Michal Rutledge. Criatividade sem limites!

Nancy Norris e Leslie Hughes. Nós sabemos quem de fato mantém o escritório em funcionamento.

Stephen e Amanda Sorenson. Vocês podem riscar meus “tês” e pôr os pingos nos meus “is” quando houver por bem fazê-lo. Obrigado pela excelente editoração.

E aos irmãos da Oak Hills Church:

Mary Stain, minha supersecretária que corrige meus erros, recebe meus telefonemas, me mantém alerta e me livra de encrencas todos os dias. MUITÍSSIMO obrigado.

Elsie Clay, Marcelle Le Gallo e Kathleen McCleery, as secretárias que ajudam Mary para que ela possa me ajudar. Novamente, obrigado.

Glen Carter, Jim Toombs, John Tuller, Pat Hile, Jeff Pickens e Rod Chisholm, eis colegas que transformam meu trabalho em prazer.

Karen Hill, Rod Chisholm e Allen Dutton Jr. Obrigado por revisar meu texto original.

Todos os membros da Oak Hills. Vocês transformam cada domingo numa volta para casa.

E à família Lucado:

Jenna, Andrea e Sara, três garotinhas que roubaram meu coração.

E, acima de tudo, minha esposa Denalyn. Uma década com você me convenceu do seguinte: o céu existe e não é preciso morrer para chegar lá.

O periquito Chippie nem desconfiava de que algo estava por acontecer. Num segundo, lá estava ele empoleirado, bem tranquilo em sua gaiola. No segundo seguinte, Chippie foi sugado, enxaguado e fustigado por um jato de ar quente.

Tudo começou quando a dona de Chippie decidiu limpar sua gaiola com um aspirador de pó. Ela removeu o bocal do aspirador e introduziu a mangueira na gaiola. Foi então que o telefone tocou e ela se virou para atender. Mal havia conseguido dizer “Alô” quando “*Shup!*”: Chippie foi sugado.

Assustada, a dona do passarinho largou o telefone, desligou o aspirador e abriu o saco do aparelho. Lá estava Chippie: ainda vivo, mas completamente atordado.

O periquito estava coberto de pó e sujeira, por isso sua dona o pegou e foi correndo para o banheiro. Abriu a torneira e o colocou debaixo da água corrente. Depois, percebendo que o bichinho estava ensopado e não parava de tremer, ela fez o que qualquer dona de um periquito bem intencionada faria: pegou o secador de cabelos e submeteu o bichinho a um verdadeiro vendaval de ar quente.

O pobrezinho do Chippie sentia-se como se um caminhão o tivesse atropelado.

Alguns dias depois do trauma, a repórter que noticiara o incidente telefonou para a dona do periquito para saber como Chippie estava se recuperando. Ela respondeu: “Bom, ele não canta mais. Só fica parado na gaiola, olhando para o nada”.

Não é difícil entender por quê. Ser sugado, enxaguado e fustigado por um jato de ar quente é mais do que suficiente para silenciar o canto de qualquer

coração.

Você se identifica com Chippie? A maioria de nós responderia que sim. Um dia, estamos tranquilos, de bem com a vida, e no dia seguinte, recebemos o cartão vermelho, a carta de rejeição. O médico telefona. Chegam os papéis do divórcio. O cheque volta. Um policial bate à nossa porta.

De repente, você é sugado para dentro de uma caverna de dúvidas, é mergulhado na água fria da realidade e fustigado pelo vendaval das promessas vazias.

A vida que antes era tão calma se tornou tão tempestuosa. Uma avalanche de exigências nos atinge. Somos tomados pela dúvida. Golpeados por perguntas. E, por conta do trauma, perdemos nossa alegria. Em algum momento da tempestade, nosso canto cessa.

Você já passou por alguma grande tempestade em sua vida? Se a história de Chippie é a sua história, fico feliz por você ter apanhado este livro. Eu o escrevi pensando em você. Eu o escrevi porque há um dia na vida de Cristo que você precisa conhecer bem.

Excluindo-se a crucificação, foi o dia mais estressante da vida de Jesus, uma atordoante sequência de más notícias, multidões exigentes e amigos cheios de dúvidas. Ele enfrentou 24 horas dos mesmos temores tempestuosos que você e eu enfrentamos. Estrondam ondas de pressão. Sopram ventos de ansiedade. Crescem nuvens de trevas.

Mas, no olho do furacão, Jesus permanece calmo. Ele resiste o dia inteiro, sem parar de cantar. Quero lhe mostrar como ele fez isso.

Primeiro vamos falar sobre *O estresse das exigências*. Jesus enfrentou doze horas de caos. O que ele fez para se manter calmo? Quais conhecimentos lhe deram força? Se os seus dias estão apertados entre prazos estabelecidos e frustrações que o fazem considerar largar tudo, você vai gostar dessa parte.

A segunda parte se chama *Tempestade de dúvidas*. Em meio à tempestade, você já se perguntou por que Jesus não o resgata? Os discípulos passaram por isso. Enquanto Jesus subia a montanha, eles entraram no barco para

atravessar o mar da Galileia. Veio a tempestade, o barco balançou e os discípulos enfrentaram uma longa noite de medo e dúvida. “Jesus sabe que estamos enfrentando uma tempestade. Por que então não nos resgata?”.

Você conhece bem essa situação?

Na última parte do livro, vamos falar sobre uma terceira fonte de ansiedade: *O espinho do fracasso*. Em meio às horas obscuras daquela noite, descobrimos uma linda história de graça: Pedro tenta caminhar sobre as águas. O que começou como um passo de fé terminou em fracasso devido ao medo. Se você já se perguntou o que Deus faz quando fracassamos, leia a última parte deste livro e deixe a mesma mão que salvou Pedro lhe tocar.

As tempestades fazem parte da vida. Chegam sem aviso. Seus golpes são violentos. Se você está no meio de uma tempestade, sabe muito bem do que estou falando. Se você não está, sabe tão bem quanto eu que uma tempestade pode constar da previsão do tempo para amanhã.

Minha oração é que este livro o ajude a estar preparado para dias de tribulação, que você possa descobrir alguma palavra, alguma história, algum versículo ou algum pensamento que o convença de que Deus está próximo de você. Espero que, ao ler este livro, você se lembre de que a mesma voz que acalmou a fúria do mar da Galileia pode acalmar a tempestade em sua vida.

Leia, meu amigo, e tenha esta certeza: Deus está mais próximo do que você jamais sonhou.

PARTE I

O ESTRESSE DAS EXIGÊNCIAS

DA CALMA PARA O CAOS

Talvez você se identifique com minha experiência hoje de manhã.

É domingo. Para mim, os domingos são dias agitados e que sempre começam muito cedo. E o dia de hoje prometia não ser uma exceção à regra.

Com a agenda cheia de atividades, levantei-me cedo, peguei o carro e fui para a igreja. Quase não havia trânsito às seis da manhã. O tom alaranjado do amanhecer ainda não havia desfeito a magia do céu escuro de verão. As estrelas cintilavam. Soprava uma brisa fresca.

Estacionei na frente da igreja, saí do carro e parei um minuto para desfrutar a quietude. Coloquei meus livros à parte, apanhei meu café e fiquei lá encostado no carro.

Estávamos a sós: o céu cravejado de estrelas e eu. Sobre a cidade, as luzes piscavam. As árvores dormiam envoltas nas sombras. A noite era calma: nenhum ruído, nenhuma pressa, nenhuma emergência. Mas em apenas algumas horas, o silêncio chegaria ao fim. Bastava que alguns milhares de despertadores disparassem e milhares de portas de garagem se abrissem para a serenidade ser substituída pelo despertar da cidade. Naquele momento, porém, a cidade dormia, tranquila.

Às vezes a vida é calma. Na jornada da vida, há momentos plácidos como um lago noturno numa noite em que não sopra vento algum. Não há barulho, nem correria. Não há crise. Durante alguns compassos de nossa

sinfonia, o maestro silencia o tímpano e somente a flauta tem permissão para cantar.

E como ela canta! Sob a magia de seu canto, os prazos contratados não são tão fatais. A morte parece distante. Os entes queridos ainda são queridos e, às vezes, estão próximos. As espessas nuvens do medo, das dívidas e dos telefonemas furiosos se dissiparam. E, por algum tempo, seu mundo está enluarado.

O meu estava. Sentei-me no capô do carro, peguei a caneca de café e brindei às estrelas. Elas responderam piscando.

Tudo era calma. Mas a calma tende a se transformar em caos.

Segurando a pasta com uma das mãos e a caneca com a outra, fui assobiando em direção à porta do escritório. Para entrar, precisava passar pelo cão de guarda do século 20: o sistema de alarme. Coloquei minha pasta no chão e destravei a porta. Peguei a pasta e entrei.

Na caixa do alarme presa à parede, uma luz vermelha começou a piscar.

Não entendo muito de aparelhos eletrônicos, mas sei o que significa uma luz vermelha piscando num sistema de alarme: “Digite a senha, rapaz, ou prepare-se para ouvir a música”.

Digitei a senha. Nada. Repeti o processo. A luz vermelha continuou piscando. Digitei a senha mais uma vez. O tempo estava acabando. A luzinha vermelha ria-se de mim em silêncio. Eu já imaginava a mensagem sendo transmitida pelos fios para cá e para lá na direção de todos os duendes alarmistas: “Acionem suas sirenes. O famoso cabeça oca está digitando no alarme a senha do banco de novo!”.

Continuei tentando, o relógio continuou tiquetaqueando, e a luz piscando, e os duendes ficavam cada vez mais animados. “Preparem-se! Dez segundos em contagem regressiva. Dez, nove, oito...”.

— Essa não! — resmunguei. — Vai disparar.

A sirene pulou em cima de mim como um leão. Achei que se tratava de um ataque nuclear. Fachos de luz inundaram o corredor e luzes estroboscópicas

se acenderam. Continuei pressionando os botões sem sucesso. O alarme continuava berrando. Alguém poderia até pensar que se tratava de uma fuga de Alcatraz.

Meu pulso estava acelerado, minha testa molhada; era uma situação de desespero completo. Corri pelo corredor até a escrivaninha, abri a gaveta e encontrei o número da empresa de alarmes.

Eu mal conseguia ouvir o que o sujeito falava do outro lado da linha e, quando conseguia, não podia acreditar no que ele dizia.

— Como assim “qual é o problema”? Você não está ouvindo o alarme? — gritei. — Sim, digitei a senha, mas não adiantou!

Os vinte minutos seguintes foram ensurdecedores, cruéis, confusos e quase insuportáveis. Eu estava falando com técnicos que eu mal conseguia ouvir sobre um equipamento do qual eu não entendia, tentando compreender palavras que soavam totalmente confusas para mim.

Foi então que chegou o policial. Ele bateu na janela, e eu a abri.

— Não consigo desligar esta coisa — berrei.

— Você é o pastor da igreja? — ele perguntou.

— Sou — respondi gritando.

Ele sacudiu a cabeça e foi embora, provavelmente resmungando alguma coisa sobre o que não se ensina em cursos de teologia.

Foi então que do nada, sem nenhum motivo aparente, a sirene se calou. As luzes se apagaram. O que antes era um abrigo antiaéreo voltou a ser um escritório. Voltei para a minha escrivaninha, sentei-me e suspirei. “Que jeito péssimo de começar o dia!” A lição da escola dominical que eu havia preparado estava sobre a escrivaninha. Peguei-a e li a primeira linha: “Quando a calma se transforma em caos...”.

— Bem apropriada — murmurei.

Você já passou por uma situação semelhante? Qual foi a última vez que sua vida se transformou da calma para o caos em questão de minutos? (“Quantos exemplos você quer que eu apresente?”, você pergunta.) Quando foi que você

se viu, pela última vez, pressionando botões que não respondiam, tentando entender instruções que você mal conseguia ouvir ou operando um sistema do qual você não entendia?

Digitamos uma senha errada no computador e perdemos um ano e meio de anotações em frações de segundo. A calma se transforma num furacão caótico.

Um recado em sua secretária eletrônica lhe diz que o relatório que você deve apresentar na próxima semana precisa estar pronto amanhã. Adeus, soninho. Olá, noite de trabalho. Adeus, calma. Olá, caos.

O mecânico que prometeu que seu carro estaria pronto para a sua viagem programada para hoje lhe diz: “Era para ter ficado pronto, mas o caso é muito pior do que eu pensava. O eixo saiu do lugar e por isso o eixo cardã destrambelhou a injeção eletrônica, que é uma peça feita à mão na Baixa Tasmânia...”.

Grrrr.

Se você já recebeu no escritório um telefonema de sua mulher dizendo: “Recebemos uma carta da Receita Federal. Parece que caímos na malha fina...”.

Se você já teve um chefe que começou uma conversa com estas palavras: “Você é um bom funcionário, mas, devido à recessão, precisamos cortar...”.

Se seu filho já chegou em casa perguntando: “Pai, nosso seguro do carro cobre danos a terceiros?” Então você sabe que a vida pode passar da calma para o caos em segundos. De repente. Sem aviso, sem tempo para se preparar.

Pequenas luzes vermelhas se acendem e você começa a apertar os botões. Às vezes você cala o alarme; às vezes ele rasga o silêncio feito um demônio. O resultado pode ser paz ou pânico. Calma ou caos.

Tudo depende de um único fator: você sabe a senha?

Para mim, a manhã de hoje se tornou um caos. Se eu estivesse mais preparado... se soubesse a senha... se soubesse o que fazer quando a luz do

alarme se acendeu... a calma teria prevalecido.

As páginas seguintes vão levá-lo a um dia na vida de Jesus em que a calma poderia ter se transformado em caos. Esse dia contém todos os elementos da ansiedade: má notícia e ameaça de morte seguidas por pressões, interrupções, discípulos despreparados e uma tentação ardente de seguir a multidão. Em 24 horas repletas de pressão, Jesus foi levado do cume da celebração ao fundo do vale da frustração.

Foi o segundo dia mais estressante da vida de Jesus. Assim que um alarme era desarmado, outro começava a piscar. Os governantes ameaçavam. A multidão pressionava. Seus seguidores duvidavam. O povo exigia. Ao ver o que Jesus suportou naquele dia, você vai se perguntar como ele conseguiu manter a calma.

Mas, de algum modo, ele a manteve. Apesar da pressão das pessoas e da avalanche de problemas, Jesus não explodiu, nem saltou do barco; ele fez justamente o oposto: serviu às pessoas, agradeceu a Deus e tomou cada decisão com muita calma.

Quero ajudá-lo a ver como Jesus fez isso. Gostaria de compartilhar com você algumas “senhas internas” que lhe serão bastante úteis. Equipe-se com essas senhas, utilize-as quando as luzes vermelhas de seu mundo começarem a piscar e você se surpreenderá com a rapidez com que o alarme será desligado.

Deixe-me explicar uma coisa: Se você estiver procurando ajustes exteriores, não vai encontrá-los aqui. Não vou falar sobre como se vestir para o sucesso, sobre o poder da comunicação ou sobre como se tornar popular. Você pode adquirir muitos livros que o ajudarão nessas questões externas, mas este não é um deles.

O que você vai descobrir neste livro são atitudes (atitudes de Deus), uma forma de ver as pessoas e os problemas seguindo o modelo deixado pelo Mestre.

Se você está em busca de uma alteração exterior, procure noutra lugar. Se você procura um desenvolvimento interior, continue sua leitura. Se você quer ver como Deus lidou (e lida) com problemas, tenho alguns pensamentos para compartilhar com você.

Vamos fazer o seguinte. Consideremos o exemplo de Jesus e apliquemos seu modelo nesse turbilhão de exigências e decisões que compõem nosso dia a dia. Vamos parar e observar como Deus age sob pressão. Vamos observar seu rosto, ouvir suas palavras, analisar suas escolhas e ver o que podemos aprender. Vamos observar Cristo num ambiente de pressão total e tentar responder à seguinte pergunta:

O que sabia Jesus que lhe permitiu fazer o que fez?

DEUS SOB PRESSÃO

Um dia na vida de Cristo.

Chame isso de uma tapeçaria de tumultos, um confuso painel no qual os fios dourados do triunfo se entrelaçam com as cordas escuras da tragédia.

Chame isso de uma sinfonia de emoções, uma orquestração de extremos do amanhecer ao pôr do sol. Esta partitura apresenta exuberantes metais; a seguinte, gemidos de dor. Numa página, a orquestra retumba na plenitude sonora da adoração. Na que vem depois, Jesus executa os solos da balada da solidão.

Chame isso como quiser, mas trata-se de algo real. Chame-o de um dia em que Jesus experimenta mais estresse do que em qualquer outro dia de sua vida, exceto a crucificação. Antes de o dia tornar-se noite, ele tem motivos para chorar, sair correndo, gritar, praguejar, louvar e duvidar.

Da calma ao caos. Da paz à perplexidade. Em alguns instantes seu mundo vira de pernas para o ar.

Na tapeçaria, porém, há um fio que cintila. Na sinfonia, há uma canção que paira acima de tudo. Na história, há uma lição que conforta. Você já ouviu isso antes, mas talvez tenha esquecido. Observe de perto. Ouça com atenção. Lembre-se de que Jesus sabe como você se sente.

Se você já viveu um dia no qual você foi bombardeado por reivindicações; se você já andou na montanha-russa da dor e da celebração; se você já se

perguntou se Deus no céu consegue entender você na terra; então leia e releia sobre esse dia da vida de Cristo absolutamente repleto de pressão.

Coragem! Jesus sabe como você se sente.

• • •

A manhã de Jesus começa com a notícia da morte de João Batista: seu primo, precursor e amigo (Mt 14.1-13). Estava morto o homem que, mais do que qualquer outro, chegou perto de entender Jesus.

Imagine perder alguém que o conhece melhor do qualquer outra pessoa. Era assim que Jesus se sentia. Reflita sobre o horror de receber a notícia de que seu amigo mais querido acaba de ser assassinado. Essa era a dor de Jesus. Considere sua reação se você viesse a saber que seu melhor amigo havia sido decapitado por um incestuoso monarca populista. Assim começa o dia de Jesus. Aos poucos, seu mundo vai virando de cabeça para baixo.

A mensagem dos emissários, porém, era mais do que uma notícia dolorosa; era um aviso: “O mesmo Herodes que cortou a cabeça de João está de olho na sua”. Veja como Lucas apresenta o desvario do monarca: “Mas Herodes disse: ‘João, eu decapitei! Quem, pois, é este de quem ouço essas coisas?’ *E procurava vê-lo*” (Lc 9.9). Algo me diz que Herodes queria mais do que uma visita de cortesia.

Assim, sabendo que a vida de João lhe fora tirada e vendo que a sua sofria ameaças, Jesus decidiu isolar-se por um tempo. “Ouvindo o que havia ocorrido, Jesus retirou-se de barco, em particular, para um lugar deserto” (Mt 14.13).¹

Mas, antes de ele se retirar, chegam seus discípulos. O evangelho de Marcos afirma: “Os apóstolos reuniram-se a Jesus e lhe relataram tudo o que tinham feito e ensinado” (Mc 6.30). Eles voltam exuberantes. Jesus os incumbiu de proclamar o evangelho e autenticá-lo com milagres. “Eles

saíram e pregaram ao povo que se arrependesse. Expulsavam muitos demônios e ungiam muitos doentes com óleo, e os curavam” (Mc 6.12).

Você consegue visualizar a cena e imaginar a euforia? Um reencontro de doze amigos. Uma reunião dos discípulos com o Mestre, todos eles narrando efusivamente seus testemunhos:

- Pedro descrevia um coxo curado por ele.
- João contava sobre a multidão a quem ele pregou.
- André relatava a cura de um epilético.
- Tiago contava como as multidões o seguiam aonde quer que ele fosse.
- Mateus relatava a cura de uma deficiente visual.

Vale lembrar que os discípulos eram pessoas comuns. Não eram oradores, estudiosos, reis ou santos. Eram pescadores e um coletor de impostos, trabalhadores comuns que, pelo poder de Deus, haviam tomado a nação de surpresa. A emoção? Exuberância. Numa questão de segundos, o coração de Jesus passa uma canção fúnebre para uma marcha triunfal num desfile, com direito a confetes e serpentinas.

E veja quanta gente segue os discípulos para localizar Jesus. “Cerca de cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças” (Mt 14.21). Rios de gente cascadeando pelas colinas e aldeias. Alguns estudiosos calculam que a multidão totalizava 25 mil pessoas.² Elas se apinham em volta de Jesus, cada uma com o mesmo desejo: conhecer o homem que havia conferido poderes a seus discípulos.

O que fora uma manhã tranquila agora fervilhava com atividades. “Havia muita gente indo e vindo, a ponto de eles não terem tempo para comer” (Mc 6.31).

Eu já vivi a experiência de ter pessoas exigindo minha atenção. Sei o que é ter meia dúzia de crianças, cada uma querendo uma coisa diferente ao mesmo tempo. Conheço o sentimento de receber um telefonema enquanto outras duas pessoas aguardam impacientes em outras linhas. Sei até mesmo o que é estar cercado por uma dezena de pessoas, cada uma com seu pedido específico.

Mas 25 mil? Isso representa uma população maior do que a de muitas cidades. Não é de se admirar que os discípulos não pudessem comer. Até me surpreende que eles conseguissem respirar!

• • •

A manhã foi uma trilha na floresta do inesperado. Primeiro Jesus chora a morte de um amigo e parente querido. Em seguida, vê sua vida ameaçada. Depois ele celebra o retorno triunfal de seus seguidores. A seguir, ele é quase sufocado pela algazarra da humanidade. Perda... ameaça... júbilo... tumulto.

Você está começando a perceber por que chamo esse dia de o segundo dia mais estressante na vida de Cristo? E era só o começo.

Jesus decide levar seus discípulos para um lugar tranquilo onde eles possam descansar e refletir. Gritando, dá uma ordem em meio ao barulho da multidão. “Venham comigo para um lugar deserto e descansem um pouco” (Mc 6.31). Os treze abrem caminho à força para chegar até a praia e tomar um barco.

Durante alguns preciosos minutos, o mundo está novamente em silêncio. A algazarra da multidão vai se distanciando, e apenas se ouve o som da água batendo no casco do barco. O coração de Jesus sente o peso da dor e a leveza da alegria. Ele contempla seus seguidores trocando relatos de vitórias. Depois ele ergue os olhos e vê o horizonte de Tiberíades, a cidade construída por Herodes, o assassino de João Batista. Sua alegria de repente se mistura com indignação, e isso o leva a cerrar os punhos enquanto os olhos se enchem de lágrimas.

Quem questionaria seu desejo de se afastar das pessoas? Jesus precisa de algumas horas a sós. Apenas uma pausa. Apenas um retiro. Tempo para orar. Tempo para ponderar. Tempo para chorar. Um tempo sem multidões e pedidos. Uma fogueira cercada de amigos. Um fim de tarde com as pessoas que ele ama. “O povo pode esperar até amanhã”.

O povo, porém, tem outra ideia. “Mas as multidões ficaram sabendo, e o seguiram” (Lc 9.11). Contornar o canto nordeste do mar da Galileia é uma caminhada de uns dez quilômetros. Mesmo assim, a multidão empreende a marcha. Quando Jesus chegou a Betsaida, seu almejado retiro se transformara numa estrondosa arena.

“Surpresa!”.

Acrescente-se a palavra *interrupção* à lista de dor, ameaça, euforia e tumulto. Os planos de Jesus são interrompidos. O que ele tem em mente para o seu dia e o que as pessoas têm em mente para o dia dele são duas programações diferentes. O que Jesus procura e o que Jesus consegue não são a mesma coisa.

Você se identifica com essa situação?

Você se lembra de quando queria uma noite de descanso, mas o que teve foi um bebê com cólicas? Você se lembra de quando planejou pôr em dia seu trabalho no escritório, mas o que conseguiu foi se atrasar ainda mais? Você se lembra de quando planejou usar seu sábado para o lazer, mas acabou passando o dia consertando a pia do seu vizinho?

Sinta-se confortado, meu amigo. Isso aconteceu também com Jesus.

De fato, este seria um bom momento para fazer uma pausa e digerir o recado mais importante deste capítulo.

Jesus sabe como você se sente.

Pense nisso e use-o na próxima ocasião em que seu mundo passar da calma para o caos.

O pulso de Jesus disparou. Seus olhos se mostravam cansados. Ele sentiu um peso no coração. Teve de se levantar da cama com dor de garganta. Não

conseguiu dormir, mas, mesmo assim, teve de levantar cedo. Ele sabe como você se sente.

Talvez você continue cético. Talvez você acredite que Jesus sabe o que significa enfrentar tragédias pesadas e está convencido de que ele conhece a dor e sabe o que é o medo. A maioria das pessoas aceita isso. Mas será que Deus entende as chateações e dores de cabeça de sua vida?

Por alguma razão, temos mais dificuldade para acreditar nisso.

Talvez seja esse o motivo por que os momentos desse dia estão registrados em todos os evangelhos. Nenhum outro acontecimento, exceto o da crucificação, é relatado pelos quatro evangelistas. Nem o batismo de Jesus, nem sua tentação, nem mesmo seu nascimento. Mas todos os quatro registram esse dia. É como se Mateus, Marcos, Lucas e João soubessem que você iria se perguntar se Deus entende situações semelhantes. E eles proclamam suas respostas numa harmonia a quatro vozes:

Jesus sabe como você se sente.

Outro dia um amigo meu estava tentando ensinar a seu filho de 6 anos como encestar uma bola de basquete. O menino pegava a bola e a atirava com toda força para o alvo, mas o arremesso era sempre curto demais. O pai então pegava a bola e a lançava para a cesta, dizendo algo do tipo: “É só fazer assim, filho. É fácil”.

Em seguida, o menino tentava e errava de novo. Meu amigo pegava de novo a bola, fazia outra cesta e encorajava o filho a arremessar com um pouco mais de força.

Depois de vários minutos e muitas tentativas sem sucesso, o menino respondeu aos incentivos de seu pai dizendo: “Tá, é fácil pra você aí em cima. Você não sabe como é difícil daqui de baixo”.

Você e eu nunca podemos dizer isso a respeito de Deus. Dentre as muitas lições que Jesus nos ensinou naquele dia em relação ao estresse, a primeira é esta: Deus sabe como você se sente.

Leia a tradução que J. B. Phillips fez de Hebreus 4.15:

Pois nosso Sumo Sacerdote não é incapaz de compadecer-se de nossas fraquezas — ele próprio participou plenamente de toda a nossa experiência de tentação, exceto pelo fato de jamais ter pecado.

O autor de Hebreus é inflexível, tornando-se quase redundante. É como se ele antecipasse nossas objeções. É como se ele soubesse que nós vamos dizer a Deus o que o filho de meu amigo disse a seu pai: “Deus, é fácil para você aí em cima. Mas você não sabe como é difícil daqui de baixo”. Por isso ele enfaticamente proclama a capacidade de entendimento de Jesus. Preste atenção no fraseado:

Ele próprio. Não um anjo. Não um embaixador. Não um emissário. Mas o próprio Jesus.

Participou plenamente. Não parcialmente. Não de modo aproximado. Não em alto grau. Inteiramente! Jesus participou plenamente.

De toda a nossa experiência. Todos os sofrimentos. Todas as dores. Todos os estresses e todas as estafas. Sem nenhuma exceção. Sem nenhum sucedâneo. Para quê? Para que ele pudesse compreender nossas fraquezas.

Um político põe um capacete e entra numa fábrica como se fosse um dos empregados. Um assistente social vai à parte mais pobre do centro da cidade e passa a noite na rua com os sem-teto. Um general vai para o refeitório dos soldados e se senta com eles como se fosse um membro da tropa.

Todos os três querem comunicar o mesmo recado: “Eu me identifico com vocês. Posso compreendê-los. Sei entendê-los”. Só há um problema. Os empregados da fábrica sabem que o capacete do político será deposto quando a equipe de reportagem for embora. Os desamparados sabem que o assistente social estará numa cama aconchegante na noite seguinte. E os soldados têm perfeita consciência de que para cada refeição que o general faz no refeitório com eles, ele fará muitíssimas outras no alojamento dos oficiais.

Por mais que eles tentem, esses profissionais bem-intencionados não entendem de verdade as dificuldades daquela gente. A participação deles é parcial. No caso de Jesus, no entanto, sua participação foi completa. O autor de Hebreus afirma com redobrada clareza que Jesus “participou plenamente de toda a nossa experiência”.

O dono de uma livraria do noroeste dos Estados Unidos contou-me como certa vez uma senhora irritada irrompeu na loja dele levando meu livro *Deus está aqui*. Ela atirou o livro sobre o balcão, disse algumas coisas nada gentis sobre a obra e depois gritou para que todo mundo ouvisse: “O meu Deus não tinha espinhas!”.

Sei qual foi o parágrafo que detonou seu paiol de pólvora. Diz o seguinte:

Jesus possivelmente teve espinhas. Talvez não tivesse talento para música. Uma garota da rua podia ter uma quedinha por ele, ou vice-versa. Pode ser que seus joelhos fossem ossudos. Uma coisa é certa: ele era, embora completamente divino, completamente humano.³

Posso compreender por que a mulher ficou furiosa. Entendo seu desconforto. Nós rapidamente consertamos uma fissura que aparece no vitral. Removemos qualquer mancha do altar. Há algo que inspira *segurança* envolvendo um Deus que nunca teve calos. Há algo *tremendo* envolvendo um Deus que nunca sentiu dor. Há algo *majestoso* envolvendo um Deus que nunca arranhou seu cotovelo.

Mas há também algo *frio* envolvendo um Deus que não consegue entender o que você e eu sentimos.

Se eu pudesse conversar com aquela senhora por alguns instantes, eu lhe perguntaria: “Talvez Jesus não tivesse espinhas, mas você não espera que ele pudesse tê-las?”.

Cada página dos evangelhos insiste neste princípio crucial: Deus sabe como você se sente. Do funeral à fábrica e à frustração de uma agenda apertada, Jesus entende. Quando você diz a Deus que você atingiu seus limites, ele sabe o que você está querendo dizer. Quando você sacode a cabeça diante de prazos impossíveis, ele também sacode a dele. Quando seus planos são interrompidos por pessoas que têm outros planos, ele acena, demonstrando empatia. Ele esteve nessas situações. Sabe como você se sente.⁴

Antes de retomarmos nosso relatório desse dia estressante na vida de Jesus, permita-me levar você para outro dia — um dia muito mais recente, num lugar mais próximo de nossa casa.

• • •

Dia 15 de fevereiro de 1921. Cidade de Nova York. Sala de cirurgia do Kane Summit Hospital. Um médico está realizando uma apendicectomia.

Sob muitos aspectos, os incidentes que levam a essa intervenção cirúrgica são rotineiros. O paciente se queixou de dor aguda na região do abdome. O diagnóstico é claro: apendicite. Dr. Evan O’Neil Kane está realizando a cirurgia. Ao longo dos 37 anos de sua ilustre carreira de médico, ele já fez mais de quatro mil apendicectomias, de modo que esta operação será rotineira sob todos os aspectos, com exceção de dois.

A primeira novidade dessa intervenção cirúrgica é o uso de anestesia local numa cirurgia maior. Dr. Kane milita ferrenhamente contra os riscos da anestesia geral. Segundo ele, a anestesia local é mais segura. Muitos de seus colegas concordam com ele em tese, mas, para concordarem na prática, eles terão de ver a tese aplicada.

Dr. Kane busca um voluntário, um paciente disposto a submeter-se à cirurgia com anestesia local. Não é fácil encontrar um voluntário. Muitos relutam diante da ideia de estar acordado durante uma cirurgia. Outros temem que o efeito da anestesia local acabe cedo demais.

Por fim, dr. Kane encontra um voluntário. Na manhã de terça-feira do dia 15 de fevereiro ocorre a histórica operação.

O paciente é preparado e levado para a sala de cirurgia. A anestesia local é aplicada. Como fez centenas de vezes, dr. Kane corta os tecidos superficiais e localiza o apêndice. Habilmente, ele o remove e conclui a cirurgia. Durante o procedimento, o paciente se queixa apenas de um pequeno desconforto.

O voluntário é conduzido para uma sala de recuperação pós-operatória e depois para o quarto. Recupera-se rapidamente e recebe alta em dois dias.

Dr. Kane provou sua teoria. Graças a um corajoso voluntário, Kane demonstrou que a anestesia local é uma alternativa viável e até preferível.

Mas eu disse que havia dois aspectos extraordinários dessa cirurgia. Já falamos do primeiro: o uso de anestesia local. O segundo é o paciente. O corajoso voluntário para a cirurgia realizada por dr. Kane foi... o próprio dr. Kane.

Para provar sua tese, dr. Kane operou-se a si mesmo!⁵

Uma jogada sábia. O médico tornou-se paciente para convencer os pacientes a confiar no médico.

Contei essa história a vários profissionais da saúde. Cada um deles teve a mesma reação: uma testa franzida, um sorriso desconfiado e algumas palavras duvidosas: “Difícil de acreditar”.

Pode ser. Mas a história do médico que se tornou seu próprio paciente nem se compara com a história do Deus que se tornou humano. Para que você e eu pudéssemos acreditar que o Médico dos médicos conhece nossos males, Jesus se tornou um de nós. Colocou-se em nosso lugar. Sofreu nossas dores e sentiu nossos medos.

Rejeição? Ele a sentiu. Tentações? Ele as conheceu. Solidão. Ele a provou. Morte? Ele sentiu o gosto dela.

Estresse? Ele poderia escrever um livro campeão de vendas sobre isso.

Por que Deus se tornou um de nós? Por uma única razão: para que, quando você se sentir aflito, recorra a ele (seu Pai e seu Médico) e permita que ele o

cure.

AMOR DE MÃE, EMPATIA DE AMIGO

Theresa Briones é uma mãe terna e carinhosa. Mas ela também tem um forte gancho de esquerda, que usou para acertar uma senhora numa lavanderia. Mas por que ela faria isso?

Algumas crianças riam de sua filha Alicia.

Alicia é careca. Seus joelhos são artríticos. A menina tem um nariz achatado. Os quadris são desengonçados. Sua audição é deficiente. Alicia tem a disposição de uma septuagenária, apesar de ter só 10 anos.

— Mãe — zombaram as crianças —, venha ver o monstro!

Alicia pesa apenas onze quilos e é mais baixa do que a maioria das crianças em idade pré-escolar. Ela sofre de progéria, uma doença genética que provoca velhice prematura e afeta uma em cada oito milhões de crianças. A expectativa de vida das vítimas dessa enfermidade é de vinte anos. Há somente quinze casos conhecidos desse mal no mundo inteiro.

— Ela não é uma alienígena. Ela não é um monstro — defendeu Theresa.
— Ela é como você e eu.

Do ponto de vista mental, Alicia é uma aluna vivaz do terceiro ano e que adora brincar. Ela tem uma longa lista de amigos. Gosta de ver TV, sentada numa cadeira de balanço de criancinha. Brinca com bonecas e provoca seu irmão mais velho.

Theresa já se acostumou com os olhares e as perguntas e tem paciência com a curiosidade de pessoas desconhecidas. Ela aceita indagações sinceras, mas

não ofensas insensíveis.

A mãe das crianças que a apontavam com o dedo veio investigar.

— Estou vendo “a coisa” — falou para os filhos.

— Minha filha não é uma “coisa” — disse Theresa e, em seguida, esmurrou a mulher.

Quem a censuraria? O amor de pai e mãe é assim. Os pais têm uma capacidade conferida por Deus de amar seus filhos independentemente de suas imperfeições. Não que eles sejam cegos. É exatamente o contrário. Eles enxergam nitidamente.

Theresa enxerga as deficiências de Alicia com a mesma clareza de qualquer outra pessoa. Mas ela também enxerga o valor de Alicia.

Deus faz o mesmo.

Ele nos enxerga com os olhos de um Pai. Vê nossos defeitos, erros e imperfeições, mas também enxerga nosso valor.

Encerrei o primeiro capítulo com a seguinte pergunta: O que sabia Jesus que lhe permitiu fazer o que fez?

Aqui está parte da resposta. Jesus conhecia o valor das pessoas. Sabia que cada ser humano é um tesouro. Portanto as pessoas não eram uma fonte de estresse, mas de alegria.

• • •

Quando Jesus desembarca no litoral de Betsaida, ele deixa o mar da Galileia e entra num mar de pessoas. Não se esqueça de que ele havia atravessado o mar para *se afastar* da multidão. Ele precisa ficar sozinho, lamentar sua perda. Ele anseia pelo descanso com seus seguidores. Ele precisa de qualquer coisa, menos de outra multidão carente.

Mas seu amor pelas pessoas supera sua necessidade de descanso.

“Quando Jesus saiu do barco e viu tão grande multidão, teve compaixão deles e curou os seus doentes” (Mt 14.14).

“Quando Jesus saiu do barco e viu uma grande multidão, teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor” (Mc 6.34).

“Ele as acolheu [as multidões], e falava-lhes acerca do Reino de Deus, e curava os que precisavam de cura” (Lc 9.11).

Duvido que alguém na multidão pense em perguntar a Jesus como ele se sente. Não há indicação nenhuma de que alguém esteja preocupado com os sentimentos de Jesus. Ninguém tinha vindo para dar, mas sim para receber.

• • •

Em minha casa, às cinco da tarde, temos a “hora de devorar”. É o momento do dia quando todos querem um pedaço da mamãe. Sara, a bebê, está com fome. Andrea quer que a mamãe leia um livro para ela. Jenna quer ajuda com a lição de casa. E eu, o marido sempre amoroso e sensível, quero que Denalyn largue tudo e converse comigo sobre meu dia.

Qual é sua “hora de devorar”? Quando as pessoas de seu mundo exigem muito e oferecem pouco?

Todos os chefes já tiveram um dia em que os pedidos superam os resultados. Não existe ninguém vivo no mundo dos negócios que não tenha gemido ao ver uma armada de tarefas atracar em sua escrivaninha. Para quem é professor, a “hora de devorar” muitas vezes começa quando o primeiro aluno entra na sala e termina quando o último vai embora.

“Hora de devorar.” Os pais passam por ela, os chefes a enfrentam, as secretárias a temem, os professores são tomados de surpresa por situações desse gênero e Jesus nos ensinou a superá-las com sucesso.

Quando mãos se estendiam e vozes exigiam, Jesus respondia com amor. Ele agia assim porque sua senha interior desligava o alarme. Vale a pena anotar a senha: “As pessoas são preciosas”.

• • •

Neste ponto, posso ouvir alguém levantar uma objeção:

— Sim, mas para Jesus era mais fácil. Ele era Deus. Podia muito mais do que eu posso. Afinal, ele era divino.

Verdade. Jesus era igualmente Deus e homem. Mas não se precipite em descartar o que ele fez. Veja por outro ângulo.

Considere que, ao mesmo tempo em que Jesus tinha um poder divino, ele também tinha uma consciência divina. Não havia segredos na montanha naquele dia: Jesus conhecia o coração de cada pessoa. Sabia por que elas estavam lá e o que iriam fazer (Jo 6.15, 26).

Mateus escreve que Jesus “curou os seus doentes” (Mt 14.14). Não *alguns* de seus doentes. Não os *justos* dentre os doentes. Não os que *mereciam* ser curados. Mas “*os doentes*”.

Com certeza, entre os muitos milhares de pessoas presentes, havia algumas que não mereciam gozar de boa saúde.

A mesma divindade que conferia a Jesus o poder da cura também lhe conferia o poder da percepção. Eu me pergunto se Jesus foi tentado a dizer ao estuprador: “Curar você? Depois de tudo o que você fez?”, ou então a quem abusara de crianças: “Por que eu deveria permitir a recuperação de sua saúde?”, ou ao religioso intolerante: “Suma daqui, rapaz, e leve consigo sua arrogância”.

E ele podia enxergar não apenas o passado das pessoas, mas também o futuro.

Sem dúvida, lá estavam em meio à multidão pessoas que usariam sua saúde recém-recuperada para fazer mal a outros. Jesus soltou línguas que, no futuro, profeririam blasfêmias; devolveu a visão a olhos que se entregariam à luxúria e curou mãos que matariam.

Muitas das pessoas curadas por Jesus nunca diriam “obrigado”. Mesmo assim, ele as curou. A maioria dos curados se preocuparia mais com a

sanidade do que com a santidade. Mesmo assim, ele os curou. Alguns dos que hoje pediam pão meses mais tarde gritariam pedindo a cabeça de Jesus. Mesmo assim, ele os atendeu.

Jesus decidiu fazer o que você e eu raramente (ou talvez nunca) decidimos fazer. Ele decidiu conceder dádivas às pessoas, sabendo perfeitamente que elas poderiam usá-las para o mal.

Não se precipite atribuindo a compaixão de Jesus à sua divindade. Lembre-se dos dois lados. Cada vez que Jesus curava, ele precisava relevar o futuro e o passado.

E isso é algo que ele ainda faz.

Já notou que Deus não pede que você prove que vai fazer bom uso de seu salário? Notou que ele não desliga seu suprimento de oxigênio quando você utiliza suas dádivas de forma incorreta? Você não acha bom que Deus não lhe dá apenas aquilo pelo qual você se lembra de lhe agradecer? (Alguma vez você agradeceu a Deus por ter lhe dado um baço? Eu também não. Nem por isso ele o removeu de meu corpo.)

A bondade de Deus é estimulada por sua própria natureza divina, e não por nosso merecimento.

Fizeram a seguinte pergunta a um colega:

— Que precedente bíblico temos nós para ajudar os pobres que não desejam se tornar cristãos?

Meu amigo respondeu com uma única palavra:

— Deus.

Deus faz isso diariamente, em benefício de milhões de pessoas.

O que sabia Jesus que lhe permitiu fazer o que ele fez? Que senha interior evitou que sua calma se transformasse em caos? Ele sabia o valor das pessoas.

• • •

É interessante notar que o estresse daquele dia não está estampado no rosto de Jesus, mas sim no rosto dos discípulos. “Manda embora a multidão”,

pediram eles (Mt 14.15). Uma solicitação sensata. “Afinal”, justificaram, “você já lhes deu seus ensinamentos, já os curou, já os acomodou. Agora estão ficando com fome. Se você não mandar essa gente embora, eles vão querer que você lhes dê também comida!”.

Gostaria de ver a expressão dos discípulos ao ouvir a resposta do Mestre: “Eles não precisam ir. Deem-lhes vocês algo para comer” (Mt 14.16).

Antes eu pensava que essa resposta de Jesus fosse um pedido retórico. Pensava que Jesus soubesse que os discípulos não poderiam alimentar a multidão, mas, mesmo assim, ele lhes pediu que o fizessem. Pensava se tratar de um “teste” para ensinar-lhes a confiar em Deus em tudo o que para eles era impossível.

Agora não penso mais assim.

Acredito que tenha sido um teste, mas não um teste para lhes mostrar o que eles não podiam fazer; um teste para demonstrar o que eles podiam fazer. Afinal, eles acabavam de voltar de uma turnê em que haviam realizado o impossível. Jesus está lhes pedindo que repitam aquela experiência. “Deem-lhes vocês algo para comer” (Mc 6.37).

Eu gostaria de poder lhe dizer que os discípulos obedeceram a Jesus. Gostaria de dizer que eles sabiam que Deus não lhes pediria para fazer algo sem lhes conferir poderes para tanto, assim alimentaram a multidão. Gostaria de poder lhe dizer que os discípulos alimentaram milagrosamente cinco mil homens, sem contar as mulheres e as crianças.

Mas não posso, pois eles não o fizeram.

Em vez de dirigir seu olhar para Deus, eles examinaram suas carteiras: “Isto exigiria duzentos denários! Devemos gastar tanto dinheiro em pão e dar-lhes de comer?” (Mc 6.37).

— O se-e-e-enhor deve estar brincando.

— Ele não pode estar falando a sério.

— Só pode ser uma piada.

— O senhor sabe quantas pessoas estão aí?

Olhos esbugalhados. Queixos caídos. Um ouvido escutando a algazarra da multidão; o outro, a ordem de Deus.

Preste atenção às visões contrastantes: quando Jesus viu o povo, viu uma oportunidade de amar e afirmar valores; quando os discípulos viram o povo, viram um monte de problemas.

E não deixe escapar a ironia. Bem no meio de uma padaria (na presença do Padeiro Eterno), eles dizem ao “Pão da Vida” que não há pão.

Que tolos devemos parecer aos olhos de Deus.

Este é o ponto em que Jesus deveria ter desistido. Este é o ponto de máxima pressão naquele dia em que Jesus deveria ter explodido. Sua dor, sua vida ameaçada, a exuberância, as multidões, as interrupções, as exigências e agora mais essa! Seus próprios discípulos não conseguem fazer o que ele lhes pede. Na frente de cinco mil homens, eles o decepcionam.

“Teletransporte-me, Pai!” deveriam ter sido as palavras subsequentes de Jesus. Mas não foram. Em vez disso, ele indaga: “Quantos pães vocês têm?”.

Os discípulos lhe apresentam o lanche de um rapazinho. O conteúdo de uma lancheira se torna um banquete e todos ficam satisfeitos. Nenhuma palavra de censura se faz ouvir. Nenhuma testa franzida se revela. Nenhum comentário do tipo “Não falei?” é proferido. A compaixão de Jesus pela multidão é estendida a seus amigos.

Reconsidere esse dia mais uma vez. Vamos rever o que Jesus enfrentou:

Dor intensa — pesar devido à morte de um ente querido.

Ameaça imediata — ele está entre os mais procurados.

Alegria imensurável — um reencontro com seus seguidores.

Multidões imensas — uma avalanche humana o seguia aonde quer que ele fosse.

Interrupções insensíveis — ele queria descansar, mas a multidão o encontrou.

Exigências inacreditáveis — milhares de pessoas clamavam por seu toque.

Assistentes ineptos — a única vez em que ele pediu ajuda, ouviu como resposta expressões do tipo “Está de brincadeira?”.

Mas a calma interior de Cristo nunca se alterou. O alarme não disparou. O que sabia Jesus que lhe permitiu fazer o que fez? Ele conhecia o incrível valor das pessoas. Em consequência disso:

- Ele não bateu os pés, nem exigiu que as coisas fossem do jeito que ele queria.
- Não mandou os discípulos procurarem outra praia onde não houvesse gente.
- Não perguntou às multidões por que não haviam trazido sua própria comida.
- Não mandou os apóstolos de volta para o campo, para que ganhassem mais experiência.
- E, acima de tudo, ele se manteve calmo em meio ao caos. Jesus até fez uma pausa, no meio da confusão, para orar e agradecer (Mc 6.41).

• • •

Um jovem entrou numa loja de animais de estimação, a fim de procurar um cãozinho. O dono da loja mostrou-lhe uma caixa que continha uma ninhada de filhotes. O jovem contemplou os cachorrinhos. Pegou um por um, examinou-o e tornou a colocá-lo na caixa.

Depois de alguns minutos, ele se dirigiu ao dono da loja e disse:

— Já escolhi um. Quanto custa?

O homem falou o preço e o jovem prometeu voltar dentro de alguns dias com o dinheiro.

— Não demore muito — advertiu o vendedor. — Esses filhotes vendem que nem água.

O jovem virou-se com um sorriso astuto e respondeu:

— Não estou preocupado. O meu ainda vai estar aqui.

E o jovem foi trabalhar; carpiu, lavou janelas, cuidou de jardins. Deu duro e economizou seu dinheiro. Quando tinha o suficiente para comprar o filhote, voltou à loja.

Dirigiu-se ao balcão e depositou sobre ele um maço de notas. O dono da loja separou as notas e contou o dinheiro. Depois de verificar o total, sorriu para o jovem e disse:

— Tudo certo, filho. Pode pegar seu cãozinho.

O rapaz estendeu as mãos para o fundo da caixa, apanhou um filhote magro que tinha uma perna mole e já ia saindo.

O dono da loja o parou:

— Não leve esse. Ele é aleijado. Não pode brincar. Nunca vai correr com você, apanhar as coisas. Pegue um dos filhotes sadios.

— Não, obrigado, meu senhor — respondeu o jovem. — É exatamente esse tipo de cachorrinho que eu estava procurando.

Quando o rapaz se virou para sair, o dono da loja ia começar a falar de novo, mas se manteve em silêncio. De repente, ele entendeu. Na barra da calça do jovem, viu aparecer uma prótese — uma prótese para sua perna aleijada.

Por que o rapaz quis aquele filhote? Porque ele sabia como o bichinho se sentia. E ele sabia que ele era muito especial.

O que sabia Jesus que o capacitou a fazer o que ele fez? Ele sabia como as pessoas se sentiam e sabia que elas eram muito especiais.

Espero que você nunca se esqueça disso.

Jesus sabe como você se sente. Você está sob uma tensão tremenda em seu trabalho? Jesus sabe como você se sente. Tem mais coisas a fazer do que é humanamente possível? Ele também teve. Tem filhos que transformam a hora do jantar na “hora de devorar”? Jesus sabe como é. As pessoas tiram de você mais do que lhe dão? Jesus entende. Seus filhos adolescentes não lhe obedecem? Seus alunos não se esforçam? Seus empregados olham para você

com cara de paisagem quando você lhes atribui tarefas? Acredite-me, meu amigo, Jesus sabe como você se sente.

Você é valioso para ele; tanto que ele se tornou igual a você para que você pudesse chegar até ele.

Quando você passa por dificuldades, ele está atento. Quando você anseia por algo, ele responde. Quando você questiona, ele ouve. Ele já passou por isso. Você já deve ter ouvido essa verdade, mas precisa ouvi-la mais uma vez.

Ele ama você com o amor de uma Theresa Briones.

Ele entende você com a compaixão do jovem deficiente.

Como a Theresa, ele briga até contra o inferno para protegê-lo.

E, como o jovem, ele pagou um alto preço para levá-lo para casa.

CAPÍTULO QUATRO

QUANDO OS PESCADORES NÃO PESCAM

[Eles] eram como ovelhas sem pastor. Então começou a ensinar-lhes muitas coisas.

Marcos 6.34

Quando Jesus saiu do barco e viu tão grande multidão, teve compaixão deles e curou os seus doentes.

Mateus 14.14

• • •

Ainda bem que esses versículos não foram escritos a meu respeito. Ainda bem que aquela multidão não dependia do Max para receber ensinamentos e comida, principalmente num dia em que eu tivesse acabado de receber a notícia da morte de um amigo querido, em que eu quisesse ficar a sós com meus amigos, em que eu tivesse me isolado para fugir das pessoas. Tivesse eu estado no lugar de Jesus naquela praia de Betsaida, os versículos diriam algo assim:

Eles eram como ovelhas sem pastor. Então Max os impediu de pastar em sua propriedade e os mandou de volta para o curral.

Quando Max saiu do barco e viu uma grande multidão, ele resmungou alguma coisa sobre a dificuldade de conseguir um dia de folga e chamou seu helicóptero pelo rádio. Em seguida, ele e seus discípulos fugiram para um local reservado.

Ainda bem que eu não era responsável por aquelas pessoas. Eu não teria tido a disposição para ensiná-las ou ajudá-las. Não teria tido sequer o desejo de ficar com elas.

Mas, pensando bem, Jesus também não desejava a companhia delas. Afinal, ele tentou se livrar da multidão. Queria se isolar e ficar sozinho. Mas o que aconteceu? Por que Jesus não disse para a multidão deixá-lo em paz? O que o levou a mudar de ideia e passar o dia com as pessoas que ele estava tentando evitar?

A resposta está em Mateus 14.14: “[Jesus] teve compaixão deles”.

A palavra grega usada nessa passagem para referir-se a compaixão é *splanchnizomai*, que não significará muito para você a menos que sua profissão tenha a ver com a área da saúde e tenha estudado esplancnologia na faculdade. Nesse caso, você se lembra de que “esplancnologia” é o estudo das vísceras. Ou, em outras palavras, o estudo das entranhas.

Quando Mateus escreve que Jesus teve compaixão daquelas pessoas, ele não está dizendo que Jesus sentiu por elas uma compaixão comum. Não, o termo é muito mais preciso. Mateus está dizendo que Jesus sentiu a dor delas em suas entranhas.

- Sentiu a deficiência dos mancos.
- Sentiu a dor dos enfermos.
- Sentiu a solidão do leproso.
- Sentiu o constrangimento dos pecadores.

E quando Jesus sentiu o sofrimento das pessoas, não pôde deixar de curá-las. Ele sentiu as necessidades delas em suas próprias entranhas. Ficou tão sensibilizado ante as necessidades alheias que se esqueceu de suas

necessidades. Ficou tão comovido ante o sofrimento alheio que colocou seu próprio sofrimento em segundo plano.

Talvez seja esse o motivo que leva Deus a colocar também em seu caminho pessoas que estão sofrendo. Apenas isolamento sem nenhum serviço se iguala ao egoísmo. Um pouco de isolamento e um pouco de serviço, porém, se iguala à perspectiva.

A história a seguir vai ajudá-lo a entender o que estou dizendo.

• • •

Quando eu estava no ensino médio, nossa família costumava fazer pescarias todos os anos durante o recesso da primavera. Houve um ano em que minha mãe e meu irmão não puderam participar, então meu pai permitiu que eu levasse um amigo. Convidei Mark, que era um cara legal e divertido. Os pais de Mark concordaram com a viagem, e começamos a planejá-la.

Já podíamos sentir o gostinho do passeio. Podíamos sentir o sol esquentando nossa pele enquanto flutuávamos no barco. Podíamos sentir na vara de pesca o arranque do peixe fígado e ouvir o molinete girando enquanto lutávamos para puxá-lo para o barco. E podíamos sentir o cheiro do peixe sendo grelhado sobre um fogareiro ao ar livre.

Mal podíamos esperar. Os dias se arrastavam. Finalmente, o recesso da primavera chegou. Carregamos o *trailer* com os equipamentos necessários e partimos rumo ao lago.

Chegamos tarde da noite, abrimos o compartimento traseiro do trailer, que se convertia numa barraca, e fomos dormir, sonhando com um ensolarado amanhecer no dia seguinte. Mas, durante a noite, soprou um vento forte e a temperatura despencou. O vento era tão violento que, no dia seguinte, mal conseguíamos abrir a porta do *trailer*. O céu estava cinza. O lago era uma cordilheira de altas ondas com cristas brancas. Não havia como pescar com aquele tempo.

— Não tem problema — dissemos. — Podemos passar o dia dentro do *trailer*. Afinal, podemos jogar Banco Imobiliário. Temos algumas revistas para ler. Podemos contar piadas. Não foi para isso que viemos aqui, mas vamos aproveitar a situação da melhor maneira possível e a pescaria fica para amanhã.

Assim, amontoados na barraca, com um fogão portátil e um tabuleiro de Banco Imobiliário, nós, os três pescadores, passamos o dia enclausurados. As horas passaram devagar, mas passaram. A noite finalmente chegou e nos enfiamos nos sacos de dormir, sonhando com fisgar uns peixinhos.

Mas uma surpresa nos aguardava. Na manhã seguinte, não foi o vento que dificultou a abertura da porta. Foi o gelo!

Tentamos continuar animados. “Sem problemas”, murmuramos. “Podemos jogar Banco Imobiliário... de novo, reler as revistas e contar mais algumas piadas”. Mas, por mais animados que tentássemos nos mostrar, ficou óbvio que um pouco da cor cinzenta descera do céu para invadir o nosso *trailer*.

Comecei a perceber algumas coisas. Notei algumas falhas na personalidade de Mark. Ele era um pouco arrogante em suas opiniões. Irritava-se facilmente e estava sempre nervoso. Não sabia aceitar nenhuma crítica construtiva. Embora suas meias fedessem, achava que isso não era da minha conta.

— Só estou preocupado com o *trailer* do meu pai — defendi-me, na esperança de que meu pai viesse em meu socorro.

Mas meu pai continuou sentado no seu canto, lendo. “Hum”, pensei. “Onde está meu pai quando preciso dele?”. E em seguida, comecei a ver meu pai de um modo diferente. Quando falei que os ovos estavam empapados e a torrada estava queimada, ele me convidou a tentar cozinhar num fogão portátil. “Que beleza”, falei para mim mesmo. “Nada como ficar enclausurado num *trailer*-barraca para conhecer a verdadeira natureza de nossos companheiros”.

Foi um dia longo. Foi uma noite longa e fria.

Quando despertamos na manhã seguinte, ouvindo o som do granizo batendo na lona, nem sequer fingimos o bom humor. A chateação era óbvia. Mark se mostrava ainda mais bobo à medida que o tempo ia passando; e eu me perguntava que surto de ignorância tomara conta de mim quando o convidei. Meu pai não conseguia fazer nada direito; eu me perguntava como alguém tão irritadiço podia ter um filho tão equilibrado como eu. Ficamos lá, sentados, curtindo nosso mau humor o dia inteiro, com o equipamento de pesca ainda desempacotado.

No dia seguinte o frio era ainda mais intenso. “Vamos para casa”, foram as primeiras palavras de meu pai. Ninguém se opôs.

Aprendi uma dura lição durante aquela viagem; não sobre a pesca, mas sobre as pessoas.

Quando os que são chamados a pescar não pescam, começam as brigas.

Quando a energia programada para ser usada ao ar livre é usada num ambiente enclausurado, o resultado é explosivo. Em vez de lançar redes, jogamos pedras. Em vez de estender mãos para ajudar, apontamos dedos acusadores. Em vez de ser pescadores dos que andam perdidos, nos tornamos críticos dos que estão salvos. Em vez de ajudar os que estão feridos, ferimos os que ajudam.

O resultado disso? Mesquinhas na igreja. Espiritualidade falseada. Olhos bem abertos procurando verrugas nos outros, ignorando as que estão no próprio nariz de quem procura. Dedos em riste que ignoram pontos fortes e denunciam fraquezas.

Igrejas divididas. Testemunhos ruins. Corações partidos. Guerras legalistas.

E, lamentavelmente, os pobres não são alimentados, os confusos ficam sem aconselhamento e não há uma mão que se estenda para os que estão perdidos.

Quando os que são chamados a pescar não pescam, eles brigam.

Mas veja o outro lado dessa história de pescador: quando os que são chamados a pescar pescam, a pescaria é um sucesso!

Para curar uma crise de mau humor, nada melhor do que uma tarde servindo alguém que precisa de ajuda. Para restaurar a perspectiva distorcida, nada melhor do que uma visita a um hospital. Para unir os soldados, nada melhor do que uma tarefa em comum.

Mantenha os soldados presos no quartel sem um período no campo de batalha e veja o que acontece com a atitude deles. Eles inventarão motivos para se queixarem. As camas serão duras demais. A comida estará fria demais. A liderança será rigorosa demais. A companhia será sem graça. Agora experimente levar esses mesmos soldados para a trincheira e deixe-os esquivar-se de algumas balas, e o que era um quartel chato parecerá um céu. As camas serão excelentes. A comida estará quase perfeita. A liderança será corajosa. A companhia será empolgante.

Quando os que são chamados a pescar pescam, a pescaria é um sucesso!

Jesus sabia disso.

Quando ele chegou a Betsaida, sentia-se triste, cansado e queria muito ficar a sós com seus discípulos. Ninguém o teria censurado se ele tivesse mandado a multidão embora. Mas ele não o fez. Mais tarde o faria. Mais tarde pediria que se dispersassem e Jesus buscaria o isolamento.

Mas antes ele “curou os seus doentes” (Mt 14.14) e lhes ensinou “muitas coisas” (Mc 6.34). O interesse pessoal foi posto de lado... os outros foram servidos... e o estresse foi aliviado.

Tome nota disso. Na próxima vez que desafios “externos” o tentarem a fechar a porta e trancar-se dentro, fique isolado o tempo necessário para se aquecer. Depois saia. Quando os que são chamados a pescar não pescam, começam as brigas.

A ALEGRIA DA VIAGEM

Ela ocupava o assento 14E, e eu, o 14D.

Ela vinha do campo, e eu, da cidade. Ela era rústica, e eu, sofisticado. Ela era do lar, e eu, “profissional”. Mas ela sabia enxergar, e eu estava cego.

— Eles colocam estes assentos um coladinho no outro, né? — disse ela quando me sentei.

Seu rosto estava a 30 centímetros do meu. Tinha bochechas de bassê; as sobrancelhas formavam dois picos sobre o nariz; sua pele do rosto parecia flácida. Seu riso era tão largo que dava para enxergar o céu da boca. O pescoço parecia projetar-se dos ombros formando um ângulo de 45 graus, de modo que a cabeça ficava na frente dos ombros, em vez de em cima deles. Usava um corte de cabelo “chanel” e um conjunto de veludo azul de calça e blusa.

Não sei dizer se ela era idosa ou se apenas aparentava idade avançada. Mas de uma coisa eu sei: era a primeira vez que ela viajava de avião.

— Não viajo muito de avião. E você?

Quando respondi que sim, seus olhos se arregalaram.

— Nossa! Deve ser muito diverti-ido — falou. Ela conseguia adicionar uma sílaba em qualquer palavra.

Limitei-me a resmungar alguma coisa. Eu já havia adotado uma atitude negativa. Minha semana tinha sido cansativa. O voo estava atrasado e superlotado. Eu estava com dor de dente, mas havia esquecido o remédio no

hotel. Queria dormir, mas tinha muito trabalho a fazer. E agora lá estava eu, sentado ao lado da velhinha mais caipira do mundo.

— Minha nossa! Olha só aquele lá! — disse ela apontando para outro avião que aguardava permissão para decolar.

— Este aqui é do tamanho daquele?

— Exatamente. — Esperei que meu breve comentário lhe mostrasse que eu não estava a fim de jogar conversa fora. Não funcionou.

— Estou indo para Dallas visitar meu filho. Você já foi para Dallas? Espero que ele esteja bem. Teve uma diarreia braba a semana passada. Comprou um cachorro. Mal posso esperar para ver. É um labrador. Você conhece essa raça? Eles são grandes e mansos e...

Essa mulher era esquisita. Ela não só conseguia adicionar uma sílaba em cada palavra, mas também sabia responder às próprias perguntas.

Mas quando começamos a decolar, ela se calou. Por alguns instantes não disse nada. Depois, de repente, ela emitiu um som que poderia ter chamado os porcos para jantar.

— Eiiiiiiita! Tudo lá embaixo parece miniatura!

As pessoas perto de nós se viraram e olharam como se eu fosse um extraterrestre.

— Que rio é aquele?

Respondi que não sabia. Então ela interpelou uma aeromoça.

Quando chegaram as bebidas, pedi uma coca-cola. Ela quis saber o que eles tinham.

— Não ouvi. Dá pra repetir?

A aeromoça repetiu.

— Ai, como é difícil escolher! — ela deu uma risadinha, mas finalmente fez sua escolha.

Quando lhe trouxeram sua bebida, ela exclamou que não sabia que havia suco de maçã enlatado. E quando lhe trouxeram o sanduíche, ela abriu a caixa e proclamou bem alto para que até o piloto ouvisse:

— Nossa! Eles põem até maionese nesse negócio.

Quando apanhei meu *laptop*, ela ficou fascinada:

— Mas isso é uma coisa fantástica!

E foi desse jeito... a viagem toda. Nada lhe passava despercebido. Quando não estava olhando pela janelinha, maravilhava-se com algo na revista. Quando não estava falando, emitia exclamações. Brincou com o ventilador. Ligou e desligou sua luzinha. Distraiu-se com o cinto de segurança. Saboreou seu lanche. Quando passamos por uma turbulência, olhei para ela de soslaio para saber se estava tudo bem e ela estava rindo. Alguém poderia pensar que ela estava numa roda-gigante de alguma quermesse!

Ocorreu-me, no meio da viagem, que ela era a única pessoa que estava se divertindo com o voo.

O resto de nós, os “sofisticados”, éramos demasiado maduros para nos divertirmos. O homem na minha frente discutia viagens de negócio para o Japão, listando mais nomes do que o Instituto de Pesquisas do Censo. O sujeito atrás de mim estava pedindo cerveja — duas latas de cada vez. A mulher à minha direita estava mergulhada até os cabelos em sua papelada. E eu só olhava para a tela do computador — os olhos cansados, o dente doendo, todo estressado, tentando escrever uma mensagem para pessoas estressadas sem nunca notar que a mensagem estava sentada ao meu lado.

E talvez eu nunca houvesse notado isso se ela, no fim da viagem, não se tivesse inclinado em minha direção para me dizer:

— Filho, não é da minha conta, mas você trabalhou durante toda a viagem. Você precisa relaxar, moço. Precisa largar essa máquina e aproveitar a viagem.

Engoli em seco.

Sorri de leve e murmurei algumas desculpas sobre precisar terminar o trabalho antes do dia seguinte. Mas ela não estava me ouvindo. Estava toda entusiasmada esfregando as mãos enquanto aterrissávamos.

— Não foi uma viagem divertida? — perguntou-me enquanto deixávamos o avião.

Eu não disse nada. Só concordei com a cabeça e sorri. Lá foi ela, avançando pelo saguão com a curiosidade de uma criança de seis anos de idade. Observei-a enquanto pude, depois me virei para embarcar em outro avião levando uma lição recém-aprendida.

Resolvi manter os olhos abertos.

Concluí que fazer a viagem e não desfrutá-la não adianta de nada.

COISAS IMPRESSIONANTES

Algumas semanas atrás, aconteceu comigo algo digno de ser arquivado na pasta identificada como “Coisas impressionantes”.

Era sábado de manhã, e eu estava jogando basquete na quadra da igreja. Vários caras aparecem para jogar basquete toda semana. Alguns não têm barriga; são sujeitos que conseguem tocar a ponta dos dedos dos pés quando se abaixam e o aro da cesta quando saltam. O restante de nós é composto de barrigudos; sujeitos que, se ainda não chegaram ao topo, já enxergam o pico da terceira idade. Tocar os dedos dos pés, para nós, não é uma opção. Nosso desafio é olhar para baixo e *enxergá-los*. Ao saltar, nunca tocamos o aro, e ele é raramente tocado quando arremessamos a bola.

Mas os sem-barriga não se importam de jogar com os barrigudos. (Na verdade, eles não têm muita escolha, já que temos a chave da quadra.)

O fato é que, alguns sábados atrás, nós estávamos no calor de uma partida quando eu subi para um rebote. Devo ter sido demasiado lento porque, quando subi para pegar a bola, alguém já estava descendo com ela. E a única coisa que eu consegui foi um dedo no olho.

Quando abri o olho, tudo estava embaçado. Eu sabia que minha lente de contato não estava em seu devido lugar. Achei que a sentia no canto do olho, por isso saí da quadra e corri para o banheiro. Mas depois de olhar no espelho, percebi que a lente provavelmente havia caído no chão da quadra.

Voltei correndo. Os jogadores estavam no lado oposto, deixando vazia a parte da quadra onde eu perdera a minha lente.

Corri, ajoelhei-me e comecei a procurar. Quando os outros iniciaram uma jogada em direção à minha cesta, viram o que eu estava fazendo e vieram em meu socorro. Todos os dez jogadores estávamos de joelhos, arfando como cachorrinhos e suando como cavalos do correio Poney Express.

Mas ninguém conseguia achar a bendita lente.

Estávamos a ponto de desistir quando um de nós exclamou: “Achei!”. Ergui os olhos. Ele apontava para o ombro de um dos jogadores. Era o mesmo sujeito que havia explorado minha córnea.

Ali, sobre seu ombro, estava a minha lente. Tinha caído em cima dele, grudado em sua pele, permanecido em seu ombro durante todo o percurso em direção à outra cesta enquanto ele pulava e saltava, e depois fizera o caminho de volta.

Impressionante.

É ainda mais impressionante pensar que a lente de contato fez sua viagem de ida e volta nas costas de um sem-barriga, um dos caras que conseguem tocar a ponta dos dedos dos pés e o aro da cesta. Tivesse ela caído sobre o ombro de um dos barrigudos, ninguém teria ficado impressionado, pois alguns de nós têm a agilidade de um búfalo pastando. Mas, ao pensar na viagem que fez aquela peça minúscula, só há um lugar para a classificação desse evento: na pasta com a etiqueta “Coisas impressionantes”.

Quanto mais refleti sobre esse acontecimento, tanto mais impressionante ele me pareceu.

Quanto mais impressionante ele me pareceu, tanto mais aprendi sobre coisas impressionantes.

Aprendi que coisas impressionantes geralmente ocorrem em situações nada impressionantes, como por exemplo, numa partida de basquete num sábado de manhã.

Também notei que acontecem mais coisas impressionantes do que nós geralmente enxergamos. De fato, quando comecei a olhar ao meu redor, descobri cada vez mais coisas que eu havia classificado como “esperadas”, mas que mereciam receber a seguinte etiqueta: “A gente sempre se surpreende”.

Quer alguns exemplos?

Meu dinheiro está num banco junto com o dinheiro de, pelo menos, milhares de correntistas. Quem sabe quantas transações acontecem todos os dias? Quem sabe quanto dinheiro é depositado naquele banco e quanto é sacado? Mas, de algum modo, se eu quiser dinheiro, ou se simplesmente quiser saber quanto tenho, o caixa eletrônico pode me dar essa informação.

Impressionante.

Todas as manhãs entro num carro que pesa meia tonelada e o conduzo até a rodovia interestadual onde eu e milhares de outros motoristas transformamos nossos veículos em bólides que correm a cem quilômetros por hora. Embora eu tenha sofrido alguns sustos e percalços, ainda consigo assobiar enquanto dirijo numa velocidade que teria feito meu bisavô desmaiar.

Impressionante.

Todos os dias tenho a honra de me sentar com um livro que contém as palavras daquele que me criou. Todos os dias tenho a oportunidade de deixar que ele me ensine uma ou duas coisas sobre a vida.

Se eu não fizer o que ele me diz, ele não queima o livro, nem cancela minha matrícula. Se eu não concordar com o que ele diz, nenhum raio partirá minha cadeira giratória, nenhum anjo riscará meu nome da lista dos santos. Se eu não entender o que ele diz, não me chamará de imbecil.

Na verdade, ele me chama de “Filho” e noutra página me explica o que eu não entendi.

Impressionante.

No fim do dia, quando caminho pela casa, entro no quarto de três garotinhas. Geralmente estão descobertas, então eu as cubro; o cabelo delas

esconde o rosto de cada uma, então eu o recomponho. E, inclinandome sobre cada uma delas, beijo a testa dos anjos que Deus me emprestou. Depois paro na porta e me pergunto por que ele confiou a um sujeito atrapalhado e canhestro como eu a tarefa de amar e guiar esses tesouros.

Impressionante.

Depois eu vou e me enfio na cama com uma mulher muito mais sábia do que eu, uma mulher que merece um homem muito mais bonito do que eu, mas uma mulher que argumentaria com a máxima sinceridade que eu sou a melhor coisa que apareceu em seu caminho.

Depois de pensar na mulher que tenho e, quando penso que vou passar toda a minha vida com ela, sacudo a cabeça e agradeço ao Deus das graças por essa graça e penso: “Impressionante!”.

No dia seguinte, faço tudo de novo. Tomo a mesma rodovia. Vou para o mesmo escritório. Ligo para o mesmo banco. Beijo as mesmas meninas. E me deito com a mesma mulher. Mas estou aprendendo a não deixar de dar a devida importância a esses milagres de cada dia.

Imagine que tudo isso decorreu de uma partida de basquete. Desde que achei aquela lente de contato passei a enxergar as coisas com muito mais clareza.

Estou descobrindo muitas coisas: congestionamentos de trânsito acabam se desmanchando, o pôr do sol é de graça, um jogo de futebol infantil é uma obra de arte e a maioria dos aviões decola e aterrissa no horário estabelecido. Estou aprendendo que as pessoas, em sua maioria, são boas e, às vezes, apenas tão tímidas quanto eu para iniciar uma conversa.

Estou em contato com pessoas que amam seu país, Deus e a igreja e que morreriam por qualquer uma dessas três coisas.

Estou aprendendo que, se eu procurar, se abrir os olhos e observar, há muito mais razões para eu tirar o chapéu, buscar a Fonte de tudo isso e simplesmente agradecer.

OBRIGADO PELO PÃO

Querido amigo,

Estou lhe escrevendo para agradecer. Gostaria de agradecer-lhe pessoalmente, mas não sei onde você está. Gostaria de poder lhe telefonar, mas não sei seu nome. Se eu soubesse qual é sua aparência, eu o procuraria. Mas seu rosto é uma vaga lembrança na memória. Todavia, nunca me esquecerei do que você fez.

Lá estava você, encostado em sua picape no campo de petróleo no oeste do Texas. Uma espécie de engenheiro. Alguém que supervisionava o serviço. Suas calças cáqui e a camisa limpa separavam você de nós, que fazíamos o trabalho braçal. Na hierarquia do campo de petróleo, nós ocupávamos a base. Você era o capataz. Nós éramos os trabalhadores. Você lia o projeto. Nós abríamos valas. Você inspecionava a tubulação. Nós a instalávamos. Você fazia suas refeições com os chefes no galpão. Nós comíamos um ao lado do outro, debaixo de alguma sombra.

Com exceção daquele dia.

Lembro que me perguntei por que você fez aquilo.

Nós não nos apresentávamos como objetos agradáveis aos olhos. O que não estava suado estava oleoso. Rostos queimados pelo sol; peles enegrecidas pela graxa. Isso, porém, não me preocupava. Eu só ia ficar lá durante o verão. Um estudante do ensino médio a fim de fazer uma graninha instalando tubos. Para mim, era um trabalho temporário. Para os outros, era um meio de

ganhar a vida. A maioria dos trabalhadores era de imigrantes ilegais do México. Outros eram pessoas sem destino, pulando de um emprego para outro enquanto atravessavam a pradaria norte-americana, deslocando-se como arbustos desenraizados.

Nós tampouco merecíamos muita atenção pelo que dizíamos. Nossa linguagem era áspera como lixa. Depois do almoço, acendíamos um cigarro e começávamos a contar piadas. Alguém sempre tinha um baralho, e no verso das cartas apareciam mulheres seminuas. Durante 35 minutos, no horário mais quente do dia, o campo de petróleo se transformava em Las Vegas: repleto de palavrões, piadas sujas, jogo de vinte-e-um e lancheiras que se transformavam em bancos de bar.

No meio de nossa jogatina, você se aproximou. Pensei que você tinha para nós uma tarefa que não podia ser postergada por mais alguns minutos. Como os outros, eu também resmunguei quando o vi se aproximando.

Você estava nervoso, apoiando-se ora num pé, ora no outro enquanto falava:

— Ei, rapazes...

Todos nos viramos e olhamos em sua direção.

— Eu, eh... só queria eh... convidar...

Você não se sentia bem naquele papel. Eu não fazia a menor ideia do que você pudesse estar prestes a dizer, mas sabia que não tinha nada a ver com o trabalho.

— Eu só queria lhes dizer que, eh... hoje à noite teremos um culto na nossa igreja e...

“O quê?”. Eu não podia acreditar. “Ele está falando de igreja? Aqui? Com a gente?”.

— Só queria convidar vocês.

Silêncio. Silêncio ensurdecador. O mesmo silêncio que se ouviria depois uma freira ter pedido à dona de um prostíbulo permissão para usar seu bordel para a celebração de uma missa. O mesmo silêncio que se ouviria se um

representante do fisco convidasse a Máfia para um seminário sobre “Imposto de Renda e Integridade”.

Vários caras olharam para o chão. Alguns trocaram olhares com outros. Risos de escárnio mal foram contidos.

— Bom, é isso. E... se alguém de vocês quiser participar... eh... me avise.

Depois você se virou e foi embora, e nós nos viramos e caímos na risada. Chamamos você de “reverendo,” “vigário” e “papa”. Provocamo-nos uns aos outros, desafiando alguém a participar. Você se tornou o alvo das piadas daquele dia.

Tenho certeza de que você tinha consciência daquilo. Tenho certeza de que você voltou para a sua caminhonete sabendo que a única coisa que fizera fora bancar o bobo. Se você de fato pensou assim, estava enganado.

E aqui está a razão desta carta.

Pensei em você esta semana. Pensei em você quando li sobre outra pessoa que se arriscou na hora do almoço. Pensei em você quando li a história do menino que deu seu lanche a Jesus (Jo 6.1-14).

O lanche dele não era grande coisa. De fato, não era nada comparado com o que se fazia necessário para mais de cinco mil pessoas.

Ele provavelmente relutou pensando na bobagem de seu gesto. O que era um lanche para tanta gente? Provavelmente ele se perguntou se sua boa vontade valia mesmo a pena.

Até que ponto um lanche poderia chegar?

Eu acho que foi por isso que ele não deu o lanche à multidão. Em vez disso, entregou-o a Jesus. Algo lhe disse que, se ele plantasse a semente, Deus providenciaria a colheita.

Foi o que ele fez.

Criou coragem, deixou o gramado e caminhou rumo ao círculo dos adultos. E ele estava tão fora de lugar naquele grupo como você quando se aproximou de nós. Ele deve ter ficado nervoso. Ninguém gosta de bancar o bobo.

Alguém provavelmente se riu dele também.

Se não riram, abanaram a cabeça. “Esse rapazinho não tem noção do que está fazendo.”

Se não sacudiram a cabeça, reviraram os olhos. “Temos aqui uma crise de carestia, e esse rapazinho imagina que o conteúdo de uma lancheira vai resolver o problema.”

Mas não eram os olhos e as cabeças dos homens que o menino via; ele via apenas Jesus.

Você também deve ter visto Jesus, ao tomar sua decisão. A maioria das pessoas teria imaginado que nós provavelmente não éramos pessoas indicadas para participar do ministério cristão. A maioria teria economizado suas sementes para um terreno mais fértil. E essas pessoas estariam quase certas. Mas Jesus mandou doar... e assim você doou.

Pensando no que aconteceu, você e o rapazinho têm muito em comum:

- Vocês dois usaram seu almoço para ajudar os outros.
- Vocês dois decidiram pôr a fé acima da lógica.
- Vocês dois provocaram um sorriso no rosto do Pai.

Há, porém, uma diferença. O menino viu o que Jesus fez com o presente dele, e você não. É por isso que estou lhe escrevendo. Quero que você saiba que pelo menos uma das sementes caiu numa fenda fértil.

• • •

Uns cinco anos mais tarde, um estudante universitário hesitava em tomar uma decisão. Ele se desgarrara da fé recebida de seus pais. Queria voltar. Queria voltar para casa. Mas o preço era alto. Seus amigos poderiam rir-se

dele. Seus hábitos teriam de ser mudados. Sua reputação precisaria ser transformada.

Será que ele poderia fazer isso? Teria a coragem necessária?

Foi então que pensei em você. Sentado em meu dormitório, tarde da noite, tentando achar a coragem para fazer o que eu sabia ser certo, pensei em você.

Pensei em como o seu amor a Deus tinha sido maior que o amor por sua reputação.

Pensei em como a sua obediência tinha sido maior que o senso comum.

Lembro-me de como você se preocupou mais com fazer discípulos do que com causar uma boa impressão. Minha lembrança de você se tornou minha motivação.

Então voltei para casa.

Já contei essa história dezenas de vezes para milhares de pessoas. A reação é sempre a mesma: a plateia se torna um mar de sorrisos e muitos concordam com um leve gesto de cabeça. Algumas pessoas sorriem porque pensam nos “engenheiros de camisa limpinha” em sua vida. Lembram-se da vizinha que lhes trouxe o bolo, da tia que lhes escreveu a carta, do professor que lhes deu ouvidos...

Outros sorriem porque fizeram o que você fez. E eles também se perguntam se sua “lealdade na hora do almoço” valeu a pena.

Você deve ter se perguntado isso. O que você fez naquele dia não foi grande coisa. E tenho certeza de que você se retirou naquele dia pensando que seus esforços tinham sido em vão.

Mas não foram.

Por isso estou lhe escrevendo para agradecer. Obrigado pelo exemplo. Obrigado pela coragem. Obrigado por doar seu almoço a Deus. Ele fez alguma coisa com isso, transformando-o para mim no Pão da Vida.

Grato,
Max

P. S.: Se, por alguma coincidência impressionante, você ler isto e se lembrar daquele dia, por favor, entre em contato comigo. Eu lhe devo um almoço.

REFLEXÕES EM MINNEAPOLIS

De Boston até Edmonton, no Canadá, é uma longa viagem, independentemente de atalhos e rotas que se escolha.

Minha jornada hoje começou por volta das 13h30. Fiz a palestra programada e troquei os sapatos por um par de tênis no tempo exato para enfrentar o trânsito congestionado até o Logan Airport de Boston.

O voo estava superlotado; algumas pessoas estavam furiosas. A aeronave por sua vez fora projetada por um engenheiro baixinho que odeia pessoas altas. Almocei meus próprios joelhos. Atrasado, o avião aterrissou em Minneapolis, onde eu devia tomar uma conexão para meu destino.

Sei que não devo me queixar. Já me ouvi pregando sobre a gratidão e sei que um milhão de pessoas deste mundo gostariam de ter o pacotinho de amendoim que me serviram no avião e joguei fora. Mas mesmo assim, deixei a aeronave com câimbras numa das pernas, estômago vazio, de mau humor e tendo pela frente mais três horas de viagem.

A caminho do voo seguinte, avistei um McDonald's. Parecia bom. Será que daria tempo? Depois vi uma coisa ainda melhor: um telefone.

Fui até lá, larguei as malas no chão e liguei para casa. Denalyn atendeu. Adoro quando ela atende. Ela está sempre alegre quando eu ligo. Quando ela chegar ao céu, o apóstolo Pedro vai lhe confiar o cargo de recepcionista na porta principal.

Passamos vinte minutos falando sobre assuntos de suma importância como o clima na Nova Inglaterra e em San Antonio. Falamos sobre o fato de Jenna receber uma amiga para passar a noite lá em casa e sobre Sara talvez estar com febre. Contei sobre a professora canadense sentada ao meu lado que falava francês e ensinava inglês, e ela me contou sobre a nova escola primária.

Não tomamos decisões. Não resolvemos nenhum problema. Não solucionamos nenhum conflito importante. Simplesmente conversamos. E eu me senti melhor.

Jenna pegou o telefone e me perguntou quando eu ia voltar para casa, e eu me senti bem por ser querido.

Andrea pegou o telefone e disse que me amava, e eu me senti bem por ser amado.

Jenna pôs o telefone junto aos ouvidos da bebê Sara e eu falei no linguajar infantil no meio do aeroporto. (Algumas pessoas se viraram para ver de que se tratava). Mas eu não me importei porque Sara soltou um gritinho, e eu me senti bem por ter ouvido seu gritinho.

Denalyn voltou ao telefone e disse: “Que bom que você ligou”. E eu desliguei, feliz.

Agora estou de novo no avião, e meu humor voltou ao seu estado normal. O voo está atrasado porque a pista está lotada, então vou chegar a Edmonton uma hora mais tarde do que eu planejava. Não sei quem vai me buscar no aeroporto e não consigo me lembrar onde vou fazer uma palestra amanhã. Mas tudo bem.

Sei lidar com o fato de ser um peregrino, desde que saiba que posso ligar para casa quando eu quiser.

Jesus podia fazê-lo... e ele fazia.

Talvez essa seja a explicação lógica por trás deste versículo: “Tomando os cinco pães e os dois peixes e, olhando para o céu, deu graças e partiu os pães” (Mt 14.19). Considerava esse ato de Jesus como sendo, na melhor das hipóteses, um bom exemplo — na pior, um bom hábito.

Até agora.

Agora me ocorre que Jesus precisou ligar para casa no meio da confusão do mesmo modo que aconteceu comigo. Ele estava cercado por pessoas famintas e discípulos cansados. Seu coração estava triste por causa da morte de João Batista.

Ele precisava de um minuto com alguém que o compreendesse.

Talvez ele, como eu, estivesse um pouco cansado de ter de cumprir uma tarefa num lugar distante e precisava ligar para casa.

Então ligou. Ele conversou com aquele que ele amava. Matou a saudade de casa por um momento. E foi-lhe trazido à lembrança o fato de que, quando a situação se torna infernal, o céu se aproxima.

Talvez você também precise ligar para casa. Deus fica feliz quando você liga — mas você ficará feliz em dobro.

SUFOCANDO AS VOZES

Você quer o sucesso? Aqui está seu modelo. Você quer realizações? Aqui está seu protótipo. Você quer luzes cintilantes, desfiles e atenção da mídia? Pense no artigo bem no centro da primeira página do jornal de maior circulação nos Estados Unidos.

É uma caricatura da Miss América. Os dados “vitais” das 51 candidatas foram compilados para apresentar a mulher perfeita. Ela tem cabelos e olhos castanhos, sabe cantar e tem um corpo com as medidas perfeitas. Eis a Miss América. Ela é a mulher ideal.

A mensagem salta estridente da página: “Este é o padrão para as mulheres americanas”. A implicação é clara: faça o que for preciso para ser como ela. Enrijeça suas coxas. Realce os seios. Cuide bem dos cabelos. Aperfeiçoe seu jeito de andar.

Não há nenhuma referência às convicções dela... à sua honestidade... à sua fé... ao seu Deus. Mas você tem informações sobre a medida dos seus quadris.

Numa pequena fotografia à sua esquerda aparece outra mulher. Seu rosto é esmaecido. A pele é enrugada, quase coriácea. Nenhuma maquiagem... nada de *blush*... nada de batom. Um leve sorriso nos lábios e um brilho nos olhos.

Ela parece pálida. Talvez seja imaginação minha, talvez seja verdade. A legenda diz: “Madre Teresa: seu estado de saúde é grave”.¹

Madre Teresa. Você conhece a história dela. Quando ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1985, ela doou os duzentos mil dólares aos pobres de

Calcutá. Quando um empresário comprou para ela um carro novo, ela o vendeu e doou o dinheiro aos deserdados da sorte. Ela não tem nada. E não deve nada.

Duas mulheres: a Miss América e Madre Teresa. Uma caminha nas passarelas; a outra trabalha nos becos. Duas vozes. Uma promete coroas, flores e multidões. A outra promete serviço, entrega e alegria.

Não tenho nada contra concursos de beleza (embora eu tenha minhas reservas em relação a eles). Mas tenho algo a dizer contra as vozes mentirosas que encham nosso mundo de ruído.

Você já as ouviu. Elas lhe pedem para trocar sua integridade por um novo produto lançado no mercado; para negociar suas convicções por uma transação fácil; para trocar sua devoção por uma emoção passageira.

Elas sussurram. Elas aliciam. Elas zombam. Elas provocam. Elas flertam. Elas adulam. “Vá em frente; não tem problema”. “Simplesmente espere até amanhã”. “Não se preocupe; ninguém ficará sabendo”. “Como poderia ser errado algo que é tão gostoso?”.

As vozes da multidão.

Nossa vida é uma Wall Street do caos, uma bolsa de valores repleta de demandas. Homens e mulheres adultos vociferando num frenético esforço de pegar tudo o que for possível antes que o tempo acabe. “Compre. Venda. Negocie. Troque. Mas o que quer que você faça, faça-o rápido — e aos berros.”

Um carnaval de ternos cinza em que ninguém sorri e todo mundo corre.

Um coro infinito de vozes estrondosas: algumas oferecendo, outras aceitando e todas gritando.

Que fazemos com as vozes?

Ao redigir este texto, estou sentado a uma mesa num quarto de hotel. Estou longe de casa. Longe das pessoas que me conhecem. Longe dos membros da família que me amam.

As vozes que me encorajam e me afirmam estão distantes.

Mas as vozes que provocam e seduzem estão perto. Embora o quarto seja silencioso, se eu lhes der ouvidos, as vozes são cristalinas.

Um aviso colocado sobre o criado-mudo me convida para um bar no saguão do hotel, onde posso “fazer amizades numa atmosfera relaxante”. Um anúncio em cima da televisão me promete que, mediante o pedido de um filme adulto após a meia-noite, minhas “fantasias serão realizadas”. No guia telefônico, várias colunas de serviços de acompanhantes oferecem “amor longe de casa”. Do interior da gaveta do criado mudo vem o aceno de um atraente volume com letras douradas: *O Livro de Mórmon — Outro Testamento de Jesus Cristo*. Na televisão, o apresentador de um programa de entrevistas discute o tópico do dia: “Como se dar bem sexualmente no escritório”.

Vozes. Algumas oferecem prazer. Outras oferecem poder.

Algumas prometem aceitação. Outras prometem carinho. Mas todas prometem alguma coisa.

• • •

Até mesmo as vozes que Jesus ouviu prometiam alguma coisa.

“Depois de ver o sinal miraculoso que Jesus tinha realizado, o povo começou a dizer: ‘Sem dúvida este é o Profeta que devia vir ao mundo’” (Jo 6.14).

Aos olhos do observador desavisado, essas são as vozes de vitória. Para o ouvido não treinado, esses são os sons de triunfo. O que poderia haver de melhor? Cinco mil homens, além das mulheres e crianças, proclamando que Cristo é o profeta. Milhares de vozes avolumando-se num bramido de reavivamento — uma aclamação pública de adulação.

O povo tem tudo o que é necessário para uma revolução.

Tem um inimigo: Herodes. Tem um mártir: João Batista. Tem uma liderança: os discípulos. Tem muitos suprimentos: Jesus, o provedor do pão. E tem um rei: Jesus de Nazaré.

Por que esperar? É chegada a hora. Israel será restaurado. O povo de Deus ouviu a voz de Deus.

“Rei Jesus!”, alguém proclama. E a multidão faz coro concordando.

E não pense sequer por um minuto que Cristo não ouviu a aclamação popular.

Um coro prometendo poder inebria. Nenhuma cruz é necessária. Nenhum sacrifício é exigido. Um exército de discípulos em suas mãos. O poder de mudar o mundo sem ter de morrer nesse processo.

A vingança seria doce. “Aquele que decapitou João Batista está apenas a alguns quilômetros. Queria saber se ele já sentiu uma lâmina fria em seu pescoço.”

Sim, Jesus ouviu as vozes. Ele ouviu os aliciamentos. Mas ele também ouviu outra pessoa.

E quando Jesus o ouviu, ele o procurou.

“Sabendo Jesus que pretendiam proclamá-lo rei à força, retirou-se novamente sozinho para o monte” (Jo 6.15).

Jesus preferiu ficar a sós com o verdadeiro Deus a ficar em meio a uma multidão com as pessoas erradas.

A lógica não lhe disse para despedir as multidões. A sabedoria convencional não lhe disse para dar as costas a um exército de voluntários. Não foi uma voz exterior que Jesus ouviu. Foi uma voz interior.

A qualidade típica de uma ovelha é sua capacidade de ouvir a voz do Pastor.

“O porteiro abre-lhe a porta, e as ovelhas ouvem a sua voz. Ele chama as suas ovelhas pelo nome e as leva para fora” (Jo 10.3).

A qualidade típica de um discípulo é sua capacidade de ouvir a voz do Mestre.

“Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei e cearei com ele, e ele comigo” (Ap 3.20).

O mundo bate à sua porta com força; Jesus bate com delicadeza. As vozes gritam, pedindo sua sujeição; Jesus a solicita suavemente e com ternura. O

mundo promete prazeres requintados; Jesus promete um jantar tranquilo... com Deus. “Entrarei e cearei com ele”.

A que voz você vai dar ouvidos?

Deixe-me dizer uma coisa importante. Não há um único instante durante o qual Jesus não esteja falando. Nunca. Não há nunca um lugar onde Jesus não esteja presente. Nunca. Não há nunca um quarto tão escuro... um salão tão sensual... um escritório tão sofisticado... onde não esteja o sempre presente, sempre diligente, implacavelmente carinhoso Amigo, batendo de leve na porta de nosso coração — esperando um convite para entrar.

Poucos ouvem sua voz. Menos ainda são os que abrem a porta.

Mas nunca interprete nosso entorpecimento como ausência dele. Pois entre as fugazes promessas de prazer está a promessa eterna de sua presença.

“Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mt 28.20).

“Nunca o deixarei, nunca o abandonarei” (Hb 13.5).

Não há coro tão forte capaz de impedir que a voz de Deus seja ouvida... basta prestarmos atenção.

Isso é verdade neste quarto de hotel.

Levei alguns minutos para descobri-la, mas a descobri. Não era tão visível como o aviso sobre o bar no saguão ou a propaganda do filme. Mas estava lá. Não era tão sofisticada como o *Livro de Mórmon*, nem chamava tanto a atenção como os anúncios de acompanhantes. Mas eu sempre renunciaria àquelas mentiras em troca da paz que descobri neste tesouro.

Uma Bíblia. Uma simples versão de capa dura deixada ali pelos Gideões. Levei alguns minutos para descobri-la, mas a descobri. E quando a achei, procurei uma de minhas passagens preferidas:

Não fiquem admirados com isto, pois está chegando a hora em que todos os que estiverem nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão; os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida, e os que fizeram o mal ressuscitarão para serem condenados.

João 5.28-29

Interessante. Um dia virá em que todos ouvirão a voz dele. Um dia virá em que todas as outras vozes serão sufocadas; a voz dele — e somente a voz dele — será ouvida.

Alguns ouvirão a voz dele pela primeira vez. Não por ele nunca ter falado antes, mas porque nunca lhe deram ouvidos. Para esses, a voz de Deus será a voz de um estranho. Eles a ouvirão uma vez — e nunca mais tornarão a ouvi-la. Passarão a eternidade sufocando as vozes que seguiram aqui na terra.

Mas outros serão chamados de seus túmulos por uma voz conhecida. São ovelhas que conhecem seu pastor. São servos que abriram a porta quando Jesus bateu.

E a porta se abrirá mais uma vez. Só que desta vez não será Jesus que vai entrar em nossa casa; seremos nós que vamos entrar na casa dele.

A FOTO E O ARQUIVO

Todo mês de junho organizo meu calendário para o ano seguinte. Junho é o mês do Dia D. Não me refiro à invasão da Normandia; meu Dia D é o dia das decisões.

Hoje de manhã comecei o processo da tomada de decisões. Abri a pasta do arquivo “Decisões” e comecei a ler os convites para dar palestras. Um pastor de Wyoming quer saber se eu poderia passar um tempo com sua igreja. Fui convidado para falar num acampamento em Washington. Um missionário na Índia leu meus livros e me pergunta: “Se levantarmos os recursos necessários, você passaria uma semana conosco?”.

Alguma coisa acontece quando alguém recebe tantos convites. Ele começa a sentir-se importante.

Enquanto eu olhava para aquelas cartas, me dei conta de como eu era indispensável para o progresso da humanidade.

Perguntei-me como o planeta se manteve em seu eixo antes de eu nascer. Fiz com a cabeça um gesto de compreensão diante da carta que dizia: “Você é a pessoa mais indicada para o nosso encontro”. Pus a mão sob a camisa e afoguei o S estampado sobre a malha vermelha: “Super Max”.

Senti-me inflado e orgulhoso quando li a última carta. Mas quando coloquei à parte a pasta do arquivo, notei outra solicitação. Uma que não chegara a ser arquivada. Estava sobre minha escrivaninha.

Não tinha data, nem assinatura, nem prazo. Não era uma carta, nem uma mensagem telefônica. Era uma foto. Uma foto tão recente que nem estava emoldurada. Era o retrato de uma mãe e um pai com três meninas. Nosso retrato de família.

Chamou-me a atenção o posicionamento da foto e do arquivo. Havia algo simbólico no modo como, sem querer, eu havia colocado as cartas ao lado do retrato de família. A foto jazendo à sombra de uma pilha de convites pareceu-me sussurrar uma pergunta que só eu podia responder: “Max, quem vai vencer?”.

Em nossa ampulheta só há uma quantidade limitada de areia. Quem vai levar?

Você sabe de que estou falando, não sabe? Como você não amontoa convites para palestras até junho, sua situação talvez não seja tão escabrosa quanto a minha. Mas é absolutamente tão real quanto a minha.

“A APM precisa de um novo tesoureiro. Com sua formação, sua experiência, seu talento, sua sabedoria e seu amor pelas crianças, além de seu diploma em contabilidade, VOCÊ é a pessoa mais indicada para o trabalho!”.

“Precisamos alterar alguns cargos. Com a aposentadoria do gerente, *alguém* será promovido. A companhia está à procura de um vendedor jovem e brilhante — alguém como você — que esteja disposto a demonstrar sua dedicação à organização, assumindo alguns projetos adicionais e fazendo algumas horas extras”.

“Desculpe a insistência, mas você é tão bom como professor da escola dominical! Se puder continuar mais um trimestre...”.

“Acabei de perder minha assistente. Você poderia voltar a trabalhar para mim? Sei que você não deseja voltar a trabalhar até que seus filhos comecem a frequentar a escola. Mas são apenas quatro horas por dia, e agora há uma creche que fica apenas a alguns quarteirões do meu escritório. Um dinheirinho extra não seria legal?”.

“Se eu estaria disposto a assumir a presidência? Bem, para ser sincero, estava considerando me afastar neste semestre porque nosso caçula vai para a faculdade no ano que vem. É claro que eu entendo que este é um ano crítico para a organização. [...] É claro que eu não gostaria que a associação fosse prejudicada. [...] Entendo que nós progredimos muito nos últimos meses. Mas é o problema é simplesmente que...”

É um cabo de guerra, e você é a corda.

De um lado estão os pedidos solicitando seu tempo e sua energia. São telefonemas. São elogios. Todos bons e válidos. Grandes oportunidades para realizar coisas boas. Se fossem ruins, seria fácil dizer não. Mas não são, e assim é fácil racionalizar. No outro prato da balança estão os entes queridos de seu mundo pessoal. Eles não enviam convites, nem pedem que você consulte sua agenda. Não se oferecem para pagar suas despesas. Não usam termos como “conferência”, “compromisso” ou “almoço de negócios”. Não querem você por aquilo que você pode fazer por eles, mas apenas por quem você é.

• • •

Clovis Chappell, um pastor do século passado, costumava contar a história de dois barcos a vapor. Eles deixaram Memphis aproximadamente na mesma hora e desciam o rio Mississippi rumo a Nova Orleans. Viajando lado a lado, os marinheiros de uma embarcação faziam comentários sobre a morosidade do outro.

Houve troca de palavras. Foram feitos desafios. E a corrida começou. A competição foi se tornando acirrada à medida que os dois barcos avançavam ruidosamente em direção ao sul.

Um dos barcos começou a ficar para trás. O combustível não era suficiente. A grande quantidade de carvão embarcada era bastante para fazer a viagem, mas não para uma corrida. Enquanto o barco ficava para trás, um jovem marinheiro muito imaginativo lançou nas fornalhas parte da carga da

embarcação. Ao ver que os suprimentos queimavam tão bem quanto o carvão, os marinheiros abasteceram o barco com o material que haviam sido contratados para transportar. Acabaram vencendo a corrida, mas sacrificaram sua carga.

Deus também nos confiou uma “carga”: filhos, cônjuge, amigos. Nossa tarefa é fazer nossa parte para que a carga alcance seu destino.

No entanto, quando atribuímos mais importância à programação do que às pessoas, estas muitas vezes sofrem.

Quanta carga sacrificamos para chegar ao primeiro lugar na tabela de classificação? Quantas pessoas nunca alcançam seu destino por causa da competitividade agressiva de seu capitão?

Um mundo de perspicácia se esconde nas quatro palavras de Mateus 14.22: “[...] ele despedia a multidão”. Não se tratava simplesmente de uma multidão *qualquer* despedida por Jesus.

Não eram apenas curiosos casuais.

Não eram observadores circunstanciais.

Era uma multidão com uma missão. Eram pessoas que haviam ouvido os discípulos. Haviam deixado suas casas. Haviam seguido Jesus ao longo do litoral. Haviam ouvido seus ensinamentos e visto suas curas. Haviam comido o pão. E estavam dispostas a fazê-lo rei.

Com certeza, Jesus liderará a multidão e controlará o entusiasmo popular. Com certeza, aproveitará a ocasião para converter os milhares de circunstantes. Com certeza, passará a noite batizando os seguidores voluntários. Ninguém recusaria uma oportunidade para prestar assistência a milhares de pessoas, certo?

Jesus recusou.

“[...] ele despedia a multidão.” Por quê? Leia o versículo 23: “Tendo despedido a multidão, subiu sozinho a um monte para orar”.

Ele disse não ao que era importante para dizer sim ao que era vital.

Ele disse não a uma oportunidade boa para dizer sim a uma oportunidade melhor. Não foi uma decisão egoísta. Foi uma escolha cujo propósito era estabelecer as prioridades. Se Jesus julgou necessário dizer não às exigências da multidão para orar, você não acha que nós também devemos fazer o mesmo?

“Bem-aventurados os mansos” (Mt 5.5, RA), disse Jesus. O termo *mansos* não significa fracos, mas sim atentos. É um termo empregado para descrever um potro domado. Poder sob controle. Força com direção.

Bem-aventurados os que estão atrelados. Bem-aventurados os que reconhecem as responsabilidades que Deus lhes deu. Bem-aventurados os que reconhecem que existe um único Deus e abandonaram a ideia de candidatar-se ao posto dele. Bem-aventurados os que sabem qual é sua missão na terra e se aplicam para desempenhá-la. Bem-aventurados os que estão aptos “para discernirem o que é melhor” (Fp 1.10).

Enquanto eu olhava para a foto e para o arquivo, decidi fazer um teste. Fiz uma lista do que eu perderia dizendo não à minha família por uma noite. Não foi difícil. Tive apenas de listar o que teria perdido se não tivesse estado em casa com minha família na noite anterior.

Eu poderia estar viajando essa semana. Fui convidado para estar em determinada igreja na região central do país, mas recusei o convite. Que teria acontecido se não tivesse recusado? Se eu tivesse aceitado o convite, teria tido a atenção de uma multidão durante uma hora. Teria tido a oportunidade de falar de Jesus para algumas pessoas que não o conhecem. Será que a noite de uma terça-feira em casa com três filhas e uma esposa é mais importante do que pregar para uma plateia?

Leia a lista do que eu teria perdido e responda você mesmo.

- Eu teria perdido um passeio até a piscina onde, pela primeira vez, vi Jenna cavalgar a câmara de ar de um pneu.

- Teria perdido quinze minutos pulando na parte rasa da piscina com a Andrea agarrada a meu pescoço cantando o tema de “A bela adormecida”.
- Teria perdido a cena de Denalyn se emocionando ao abrir uma caixa de roupas para bebês.
- Não teria feito um passeio a pé com as meninas no qual Jenna achou dez pedras “especiais”.
- Não poderia ter abraçado Andrea quando ela machucou o dedinho na porta.
- Não teria estado lá para responder à pergunta de Jenna: “Papai, o que é uma pessoa deficiente?”.
- Teria perdido a chance de ver Andrea rindo ao roubar o canudinho quando a Jenna ficou de costas.
- Não teria ouvido Jenna contar a história de Jesus na cruz durante nossos momentos de devoção familiar (ocasião em que ela nos assegurou: “Mas ele não ficou morto!”).
- Não teria visto Andrea abrindo os braços o máximo possível e cantar: “Nosso Deus é tão GRAAAAAAANDE!”.

Qual é sua resposta? Eu sei qual foi a minha escolha. Há centenas de palestrantes que poderiam ter discursado para a multidão, mas minhas meninas têm um único pai.

Depois de feita a lista, só por diversão, peguei o telefone e liguei para a igreja que me havia convidado para dar a palestra. O pastor não estava lá, mas falei com a secretária.

— Esta não é a semana do seminário em sua igreja? — perguntei.

— É sim. Está sendo um grande sucesso!

Eles nem sequer sentiram minha ausência.

Agora tenho uma ideia mais clara sobre o que fazer com a pilha de convites.

PARTE II

TEMPESTADE DE DÚVIDAS

DEUS VISTO ATRAVÉS DO VIDRO ESTILHAÇADO

Em seu coração, há uma janela através da qual você pode ver Deus. Houve um tempo em que essa janela era cristalina. Sua visão de Deus era nítida. Você podia vê-lo com a mesma clareza que vê um lindo vale ou uma colina. O vidro estava limpo; a vidraça, intacta.

Você conhecia Deus. Sabia como ele agia e o que ele queria que você fizesse. Não havia surpresas. Nada de coisas inesperadas. Você sabia que Deus tinha uma vontade e continuamente a descobria.

De repente, a janela se quebrou. Uma pedrada estilhaçou a vidraça. A pedrada da dor.

Talvez a pedra tenha atingido o vidro quando você era criança e seu pai ou sua mãe saiu de casa — para sempre. Talvez o dano tenha sido causado na adolescência, quando seu coração foi partido. Talvez você tenha conseguido chegar à idade adulta antes que a vidraça se rachasse. Mas logo veio a pedrada.

Foi um telefonema? “Sua filha está aqui na delegacia. Seria bom que o senhor viesse até aqui”.

Foi uma carta deixada sobre a mesa da cozinha? “Fui embora. Não tente me achar. Não tente me ligar. Acabou. Eu não te amo mais”.

Foi um diagnóstico médico? “Infelizmente, a notícia não é boa”.

Foi um telegrama? “Lamentamos informar-lhe que seu filho foi dado como desaparecido em combate”.

Independentemente da natureza da pedrada, o resultado foi o mesmo: uma janela estilhaçada. A pedra foi arremessada contra a vidraça e a estilhaçou. O barulho ecoou pelos corredores do seu coração. As rachaduras propagaram-se do ponto de impacto, criando uma teia de aranha de partes fragmentadas.

De repente, a imagem de Deus já não era mais tão nítida. Você se virou para vê-lo, mas sua figura estava distorcida. Era difícil enxergá-lo através dos fragmentos da ferida. Era difícil enxergá-lo na dor.

Você ficou intrigado. Será que Deus permitiria que uma coisa dessas acontecesse? Com certeza, a tragédia e a zombaria não estavam na programação do Deus que você havia visto. Será que você se enganou? Estava cego?

No momento em que a pedra foi arremessada, o vidro se tornou uma referência para você. A dor se tornou um divisor de águas em sua vida. Antes da dor, a visão era nítida; Deus parecia estar tão perto. Depois da dor, ficou mais difícil enxergar Deus. Ele parecia um pouco distante. Sua dor distorcia a visão; não a eclipsava, mas a distorcia.

Talvez essas palavras não descrevam sua situação. Algumas pessoas nunca precisam redefinir ou remodelar sua visão de Deus. Mas a maioria de nós precisa.

A maioria de nós sabe o que significa decepcionar-se com Deus.

A maioria de nós conhece um jeito de completar esta frase: “Se Deus é Deus, então...”. Chame isso de programação, descrição dos deveres de Deus. Cada um de nós tem uma expectativa não expressa em palavras, porém definitiva, do que Deus deveria fazer. “Se Deus é Deus, então...”

- Minha família nunca passará dificuldades financeiras.
- Meus filhos não serão sepultados antes de mim.
- As pessoas sempre me tratarão de modo justo.
- Nossa igreja nunca se dividirá.

- Minha oração será atendida.

Esses não são critérios articulados. Não estão escritos, nem foram oficialmente reconhecidos. Mas são reais. Eles definem nossas expectativas em relação a Deus. E quando a dor entra em nosso mundo (quando a pedra arremessada estilhaça a janela de nosso coração), essas expectativas vão por água abaixo e a dúvida vem à tona.

Procuramos Deus, mas não conseguimos encontrá-lo. Fragmentos de vidro prejudicam nossa visão. Uma peça o mostra ampliado; outra, reduzido. As linhas oscilam para cá e para lá em seu rosto. Grandes partes de vidro estilhaçado ofuscam a visão.

E já não temos mais certeza do que vemos.

• • •

Os discípulos também não tinham certeza do que viam.

Jesus não correspondeu às expectativas deles. No dia em que alimentou cinco mil homens, Jesus não fez o que eles queriam que ele fizesse.

Os doze voltaram da missão deles acompanhados por um exército. Haviam concluído o treinamento e recrutado os soldados; agora estavam prontos para a batalha. Eles esperavam que Jesus permitisse que a multidão o coroasse como rei e atacasse a cidade de Herodes. Esperavam planos de batalha, estratégias; uma nova era para Israel.

O que receberam?

Exatamente o oposto.

Em vez de armas, receberam remos. Em vez de ordens para lutar, receberam ordens para flutuar. A multidão foi despedida. Jesus foi embora. E os discípulos ficaram sobre as águas, com uma tempestade se formando no céu.

Que tipo de Messias faria isso?

Observe com cuidado a sequência da noite tempestuosa registrada por Mateus:

Logo em seguida, Jesus insistiu com os discípulos para que entrassem no barco e fossem adiante dele para o outro lado, enquanto ele despedia a multidão. Tendo despedido a multidão, subiu sozinho a um monte para orar. *Ao anoitecer*, ele estava ali sozinho, mas o barco já estava a considerável distância da terra, fustigado pelas ondas, porque o vento soprava contra ele.

Mateus 14.22-24

Mateus é rigoroso em relação à ordem dos acontecimentos. Jesus mandou os discípulos para o barco. Depois despediu a multidão e subiu a um monte. A noite caía. Era por volta das seis da tarde. A tempestade logo se abateu. O sol mal se havia posto quando um violento tufão começou a rugir.

Observe que Jesus mandou os discípulos ao encontro da tempestade *sozinhos*. No exato momento em que ele subia a encosta do monte, ele podia sentir e ouvir a violência da ventania. Jesus tinha consciência do temporal. Tinha consciência da torrente que encresparia a superfície do mar. Mas não se virou. Os discípulos teriam de enfrentar a tempestade... *sozinhos*.

A maior tempestade naquela noite não aconteceu no céu, mas no coração dos discípulos. O maior medo não foi causado pela visão das ondas gigantescas causados pelo temporal; foi causado pela visão do líder que os deixava para que enfrentassem a noite tendo apenas dúvidas como companhia.

Era essa fúria que os discípulos estavam enfrentando naquela noite. Imagine a incrível tensão de saltar de onda em onda num barquinho de pescador. Uma hora deixaria você cansado. Duas horas o deixariam exausto.

“Com certeza Jesus vai nos ajudar”, pensaram. Eles já haviam visto Jesus acalmar tempestades. Naquele mesmo mar, eles o haviam acordado durante um temporal, e Jesus havia ordenado aos céus que se calassem. Eles o haviam

visto silenciando o vento e acalmando as ondas. “Com certeza ele vai voltar do monte”.

Mas Jesus não volta. Os braços dos discípulos começam a doer de tanto remar. Nem sinal de Jesus. Três horas. Quatro horas. Os ventos esfuziam. O barco pula. E nada de Jesus. Chega a meia-noite. Os olhos deles procuram Deus — em vão.

A essa altura, os discípulos tinham passado seis horas no mar.

Todo esse tempo lutaram com a tempestade e procuraram o Mestre. E, até agora, a tempestade está vencendo. O Mestre havia desaparecido.

“Onde está o Mestre?”, pergunta um deles.

“Será que se esqueceu de nós?”, grita outro.

“Alimenta milhares de estranhos e nos deixa morrer?”, resmungou um terceiro.

O evangelho de Marcos acrescenta uma percepção contundente sobre a atitude dos discípulos: “Não tinham entendido o milagre dos pães. O coração deles estava endurecido” (Mc 6.52).

O que Marcos quer dizer com isso? Simplesmente o seguinte: os discípulos estavam exasperados. Começaram a noite irritados. O coração deles estava endurecido em relação a Jesus, pois ele havia alimentado a multidão. Lembre-se de que a preferência deles fora esta: “Manda embora a multidão” (Mt 14.15). Mas Jesus os mandara alimentar o povo. Eles se recusaram a tentar. Disseram que não era possível. Pediram que Jesus deixasse que cada um cuidasse de si mesmo.

Lembre-se também de que os discípulos haviam passado algum tempo ocupando o centro do palco. Eles haviam provado o estrelato. Eram celebridades. Haviam reunido multidões. Haviam recrutado um exército. Estavam orgulhosos de si mesmos. Com o peito estufado e cheios de si, disseram a Jesus: “Manda essa gente embora!”.

Jesus não mandou. Em vez disso, ignorou seus relutantes discípulos e serviu-se da fé de um menino anônimo. Jesus fez aquilo que os discípulos

disseram não ser possível e o fez apesar deles, e não por meio deles.

Fizeram bico, ficaram emburrados. Em vez de se admirarem com o milagre, irritaram-se com o Mestre. Afinal, sentiram-se ridículos ao distribuir o pão, já que haviam dito ser impossível alimentar a multidão. Acrescente-se a isso a ordem de Jesus para que entrassem no barco quando eles queriam partir para a batalha e fica fácil entender por que esses sujeitos estão furiosos!

“Qual é a de Jesus? Por que nos deixa no mar numa noite como essa?”.

Uma da madrugada, e nada de Jesus.

São duas da madrugada, e nada de Jesus.

Pedro, André, Tiago e João já viram tempestades como essa. Eles são pescadores. Sabem de que estrago o vento desse temporal é capaz. Já viram destroços de barcos trazidos pelas ondas para a praia. Já enterraram pescadores. Sabem, melhor do que ninguém, que essa tempestade poderia ser a última. “Por que ele não aparece?”, perguntavam furiosos.

Finalmente, Jesus aparece. “Alta madrugada [das três às seis], Jesus dirigiu-se a eles, andando sobre o mar” (Mt 14.25).

Jesus voltou. Finalmente, ele voltou. Mas entre o versículo 24 (que fala do barco fustigado pelas ondas) e o 25 (sobre o reaparecimento de Jesus) surgem mil perguntas.

São perguntas que provavelmente você também já se fez. Talvez você conheça a angústia de ficar suspenso entre os versículos 24 e 25. Talvez você esteja em meio a uma tempestade, procurando o litoral para enxergar uma luz, um vislumbre de esperança. Você sabe que Jesus sabe o que você está passando. Você sabe que ele tem consciência de sua tempestade. Mas, por mais que você se esforce para enxergá-lo, você não consegue. Talvez o seu coração, como o dos discípulos, tenha se endurecido por causa de expectativas não satisfeitas. Seus pedidos de ajuda estão apimentados com perguntas indignadas.

Na primeira parte deste livro, falamos sobre o estresse e, na segunda, sobre tempestades. O estresse ataca seus nervos. As tempestades atacam sua fé. O

estresse interrompe. As tempestades destroem. O estresse é como uma sirene. As tempestades são como mísseis. O estresse deixa o dia nublado. As tempestades trazem a noite.

A pergunta do estresse é: “Como vou enfrentar essa situação?”. E a pergunta da tempestade é: “*Onde está Deus e por que ele faria isto?*”.

A segunda parte deste livro é para você, caso a pedra da dor tenha estilhaçado a janela de seu coração, caso você tenha conhecido o horror de procurar a face de Deus e ver apenas suas costas enquanto ele sobe o monte.

Nas páginas seguintes, você vai descobrir narrativas esperançosas que visam ajudá-lo a lidar com suas dúvidas. Permita-me que lhe apresente alguns amigos que aprenderam a enxergar através do vidro estilhaçado.

- Um empresário, despojado de suas riquezas, que encontrou um tesouro que ninguém pode roubar.
- Um pai que aprendeu sobre a confiança durante uma viagem de seis horas com seus três filhos.
- Uma madre superiora do Novo México que descobriu que a oração — seu último recurso — é o melhor recurso.
- Um lenhador que ensinou a uma aldeia a virtude da paciência.
- O Filho de Deus que, exausta e emocionalmente machucado, encontrou forças nos amigos do céu.

Algumas histórias são ficção e outras são verídicas. Algumas são lendárias e outras são bíblicas. Algumas são humorísticas e outras são sérias. Mas todas têm uma mensagem para os que já sentiram a angústia de procurar Deus em meio a uma tempestade.

Qual é a mensagem? Mesmo que você não esteja conseguindo ver Deus, confie nele. A imagem que você vê não é um fantasma. A voz que você ouve

não é a do vento.

Jesus está mais perto do que você jamais sonhou.

DOIS PAIS, DUAS FESTAS

Levei minha família ontem à noite para comemorar o Dia de Ação de Graças na casa da minha mãe. É uma viagem de seis horas, mas depois de três percebi que eu estava num laboratório de teologia.

Passar um dia num carro cheio de crianças nos ensina muitas coisas sobre Deus. Transportar uma família de uma cidade para outra é bastante parecido com o que Deus faz ao nos transportar de nossa casa para a dele. E algumas das horas mais turbulentas da vida acontecem quando o passageiro e o motorista discordam em relação ao destino.

Uma viagem é uma viagem, seja o destino a mesa do jantar de Ação de Graças seja a mesa do banquete celestial. Nos dois casos, é preciso paciência, senso de direção e um motorista que saiba que a festa no fim da viagem compensa as chateações ao longo do percurso.

O fato de que meus peregrinos tinham todos menos de 7 anos enriqueceu minha experiência de aprendiz.

À medida que os minutos iam se transformando em horas e nosso carro avançava entre as montanhas, comecei a perceber que o que eu dizia às minhas filhas soava como algo familiar. Eu já ouvira aquilo antes — diretamente de Deus. De repente, o carro se transformou numa sala de aula. Percebi que eu estava fazendo durante algumas horas o que Deus tem feito durante séculos: encorajando viajantes que prefeririam descansar a viajar.

Conversei sobre essa ideia com Denalyn. Começamos a descobrir semelhanças entre as duas viagens. Aqui vão algumas que eu notei.

• • •

Para chegar ao destino, precisamos dizer não a algumas solicitações.

Você consegue imaginar o que aconteceria se o pai ou a mãe atendesse todas as solicitações de cada criança durante a viagem? Nossas barrigas estufadas avançariam lentamente de uma sorveteria para a outra. Nossa prioridade seria pipoca e nosso itinerário seria o equivalente de um cardápio de lanchonete. “Siga até a lanchonete Cherry Malt e vire à direita. Vá em direção ao norte até chegar ao Chili Cheesburger. Continue rumo ao norte por mais 1.300 calorias e vire à esquerda no Giant Pizza. Quando você enxergar a placa anunciando o pague-um-e-leve-dois da lanchonete Chili Dog Special, entre na Rodovia Sal de Frutas e siga rumo ao leste onde há cinco lojas de conveniência. No sexto banheiro...”.

Você consegue imaginar o caos que seria se um pai ou uma mãe fizesse todas as vontades dos filhos?

Você consegue imaginar o caos que seria se Deus fizesse cada uma de nossas vontades?

Não é uma palavra indispensável para empreender uma viagem. O destino tem de predominar em relação ao *sundae* da Sorveteria Deluxe.

“Porque Deus não nos *destinou* para a ira, mas para recebermos a salvação por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Ts 5.9).

Observe o destino divino para a sua vida: a salvação.

O desejo de Deus em tudo é que você chegue a seu destino. O itinerário dele envolve paradas que estimulam sua viagem. Ele desaprova paradas que atrasam o viajante. Quando o soberano plano divino e seu plano terreno entram em colisão, é necessário tomar uma decisão. Quem é responsável por essa jornada?

Se Deus tiver de escolher entre sua satisfação terrena e sua salvação celestial, que escolha você espera dele?

Eu também.

Quando estou ao volante como pai de minha família, eu me lembro da responsabilidade que tenho. Mas quando ocupo o banco do passageiro como filho de meu Pai, eu me esqueço de que ele é o responsável. Esqueço-me de que Deus está mais preocupado com o meu destino do que com meu estômago (embora meu estômago não tenha se dado muito mal). E eu me queixo quando ele diz não.

Os pedidos que minhas filhas fizeram ontem à noite durante a viagem para a casa da vovó não eram ruins. Não eram injustos. Não eram rebeldes. De fato, tomamos alguns sorvetes e refrigerantes. Mas os pedidos, em sua maioria, eram desnecessários.

Minha filha de quatro anos de idade discordaria disso. Do ponto de vista dela, tomar mais um refrigerante é indispensável para a felicidade dela. Minha convicção é outra, e por isso digo não.

Um adulto de quarenta anos discordaria disso. Do ponto de vista dele, um novo chefe é indispensável para a sua felicidade. Deus tem outra convicção, e por isso diz não.

Uma mulher de trinta anos discordaria disso. Do ponto de vista dela, *aquele* homem com *aquele* emprego e *aquele* nome é exatamente a pessoa de quem ela precisa para ser feliz. O Pai dela, mais preocupado com o fato de que ela chegue à Cidade dele e não ao altar, diz: “Espere mais alguns quilômetros. Há uma opção melhor mais adiante”.

“Esperar?”, protesta ela. “Quanto tempo tenho de esperar?”.

E isso nos conduz a uma segunda analogia envolvendo as duas viagens.

• • •

As crianças não têm noção de minutos ou quilômetros.

— Vamos chegar daqui a três horas — informei.

— Quanto tempo são três horas? — perguntou Jenna. (Como explicar o conceito de tempo a uma criança que não sabe ler as horas?)

— Ah, é mais ou menos como a duração de três programas da Vila Sésamo — arrisquei.

As meninas soltaram um suspiro simultâneo.

— Três Vila Sésamo?! É tempo demais!

E, para elas, é mesmo.

E, para nós, também parece ser assim.

Aquele que “vive para sempre” (Is 57.15) colocou-se à frente de um grupo de peregrinos que murmuram: “Até quando, SENHOR?” (Sl 89.46).

“Até quando devo suportar esta enfermidade?”

“Até quando devo aguentar este cônjuge?”

“Até quando devo aceitar este salário?”

Você realmente quer que Deus responda? Você sabe que ele poderia fazê-lo. Poderia responder em termos do *aqui* e *agora* com os incrementos temporais que você conhece. “Mais dois anos de enfermidade.” “O resto de sua vida no casamento.” “Mais dez anos de contas a pagar.”

Mas ele raramente responde desse jeito. Normalmente, ele opta por medir o *aqui* e o *agora* em comparação com o *lá* e o *então*. E quando você compara *esta* vida com *aquela* vida, esta vida não é longa.

Os nossos dias na terra são como uma sombra.

1Crônicas 29.15

De fato, o homem não passa de um sopro.

Salmos 39.5

Vocês são como a neblina que aparece por um pouco de tempo e depois se dissipa.

Tiago 4.14

A vida do homem é semelhante à relva; ele floresce como a flor do campo, que se vai quando sopra o vento e nem se sabe mais o lugar que ocupava.

“É uma viagem curta”, digo às meninas. “Já estamos quase chegando.”

Eu sei. Já estive lá antes. Já dirigi por esta estrada. Percorri este território. Para mim, não é nenhum desafio. Mas, para as crianças, é uma viagem que não acaba nunca.

Tento então outra abordagem: “Pensem só em como vai ser gostoso... Peru, molho, torta... Garanto que, quando a gente chegar lá, a viagem terá valido a pena”.

Mas elas ainda murmuram.

O que nos conduz a uma terceira analogia.

• • •

As crianças não conseguem visualizar a recompensa.

Para mim, seis horas de estrada é um preço módico pela torta de morangos de minha mãe. Não me importo de viajar porque conheço a recompensa. Já tenho três décadas de Dia de Ação de Graças nas costas, literalmente. Enquanto vou dirigindo, consigo saborear o peru assado. Ouvir as risadas à mesa do jantar. Sentir o cheiro da fumaça da lareira.

Consigo suportar a viagem porque conheço o destino.

Minhas filhas se esqueceram do destino. No fim das contas, elas são muito novinhas. As crianças se esquecem facilmente. Além disso, a estrada é desconhecida e já anoiteceu. Elas não conseguem enxergar para onde estamos indo. Cabe a mim, como pai, conduzi-las.

Tento ajudá-las a enxergar o que elas não conseguem ver.

Digo-lhes como vamos alimentar os patos no lago. Como vamos brincar nos balanços. Como elas podem passar a noite com os primos. Conversamos sobre dormir no chão em sacos de dormir e sobre elas ficarem acordadas até tarde porque no dia seguinte não há aula.

E a coisa parece funcionar. Seus resmungos diminuem à medida que a visão fica mais clara — e o destino se revela.

Talvez tenha sido assim que o apóstolo Paulo se manteve motivado: tendo uma visão clara da recompensa.

Por isso não desanimemos. Embora exteriormente estejamos a desgastar-nos, interiormente estamos sendo renovados dia após dia, pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles. Assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê.

2Coríntios 4.16-18

Não é fácil fazer três meninas com menos de 7 anos enxergar uma cidade que elas não conseguem ver. Mas é necessário.

Para nós também não é fácil enxergar uma Cidade que nunca vimos, especialmente quando a estrada está cheia de buracos, já é tarde e os companheiros já querem cancelar a viagem e acomodar-se num hotel na estrada. Não é fácil fixar os olhos no que é invisível. Mas é necessário.

Uma frase na passagem de 2Coríntios que você acabou de ler me faz sorrir: “os nossos sofrimentos leves e momentâneos”.

No lugar de Paulo, eu não os teria qualificado desse jeito. Leia em 2Coríntios 11.23-27 o que ele qualificou como *sofrimentos leves e momentâneos* e acho que você vai concordar comigo:

- Preso.
- Cinco vezes açoitado.
- Encarou a morte.
- Três vezes golpeado com varas.
- Uma vez apedrejado.
- Três vezes vítima de naufrágios.

- Exposto à fúria do mar.
- Abandonado sem teto.
- Sempre correndo riscos.
- Passando fome e sede.

Longas e extenuantes provações, talvez. Árduas e mortais aflições, quem sabe. Mas sofrimentos leves e momentâneos? Como foi que Paulo conseguiu descrever assim suas constantes provações?

Ele mesmo nos responde. Ele conseguia enxergar “uma glória eterna que pesa mais do que todos eles”.

• • •

Posso falar francamente por algumas linhas?

Para alguns de vocês, a viagem tem sido longa. Muito longa e tempestuosa. De modo algum quero minimizar as dificuldades que vocês tiveram de enfrentar ao longo do caminho. Alguns de vocês carregaram pesos que poucos dentre nós jamais conseguiriam carregar. Vocês se despediram de parceiros de uma vida inteira. Foram defraudados de sonhos de uma vida inteira. Vocês receberam corpos que não conseguem sustentar seu espírito. Vocês têm cônjuges que não toleram sua fé. Vocês têm contas a pagar que ultrapassam seu salário e desafios que superam suas forças.

E vocês estão cansados.

Para vocês é difícil enxergar a Cidade no meio da tempestade. O desejo de parar no acostamento e desistir é atraente. Vocês querem avançar, mas há dias em que a estrada parece longa demais.

Permitam-me encorajá-los apresentando um paralelo final entre a jornada de vocês e a viagem de nossa família ontem à noite.

• • •

Vale a pena.

Enquanto escrevo, o jantar do Dia de Ação de Graças terminou. Minhas pernas estão apoiadas sobre a moldura da lareira. Tenho meu *tablet* no colo.

Tenho a intenção de dormir assim que terminar este capítulo.

O peru foi atacado. O molho de miúdos foi deglutido. A mesa foi tirada. As crianças estão dormindo. E a família está satisfeita.

Enquanto estávamos sentados ao redor da mesa, ninguém falou da longa viagem para chegar até lá. Ninguém mencionou as solicitações não atendidas. Ninguém resmungou sobre meu pé no acelerador quando o coração delas se fixava em porções de *banana split*. Ninguém se queixou sobre a hora tardia de nossa chegada.

Os desafios de ontem se perderam na alegria de hoje.

Foi isso que Paulo quis dizer. Deus nunca disse que a viagem seria fácil, mas ele disse que a chegada valeria a pena.

Lembre-se disso: Deus talvez não faça o que você quer, mas ele fará o que é certo... e o melhor. Ele é o Pai do movimento para frente. Confie nele. Ele levará você para casa. E as provações da viagem se perderão nas alegrias da festa.

Agora, com sua permissão, vou fechar os olhos. Estou um pouco cansado da viagem, e é tão gostoso descansar.

TEMPESTADE DE DÚVIDAS

Há tempestades de neve, tempestades de granizo, tempestades de chuva e há tempestades de dúvidas.

Com certa frequência, uma tempestade de dúvidas se abate em minha vida, trazendo consigo saraivadas de perguntas e violentas ventanias de medo. Mas, logo em seguida, brilha uma luz em meio à tempestade.

Às vezes a tempestade vem depois do noticiário da noite. Às vezes me pergunto por que acompanho isso. Algumas noites, as notícias são insuportáveis. Dos degraus do Supremo Tribunal de Justiça aos prados da África do Sul, as notícias em geral são deprimentes... trinta minutos de sucintas tragédias. Um homem bonito vestindo um belo terno e com uma voz vigorosa vai dando suas más notícias. Chamam-no de âncora. Bom título. A gente precisa de uma âncora nas águas tempestuosas da atualidade.

Às vezes me pergunto: Como pode o nosso mundo ser tão caótico?

Às vezes a tempestade chega quando estou trabalhando. Histórias e mais histórias de lares que não são restaurados e de corações endurecidos. Há sempre mais fome do que comida. Mais necessidades do que dinheiro. Mais perguntas do que respostas. Aos domingos, lá estou eu de pé, diante da igreja, segurando nas mãos o rascunho de um sermão fundamentado em três pontos, trinta minutos marcados no relógio, e uma oração nos lábios. Faço o melhor possível para dizer algo que consiga convencer até um estranho de que um Deus invisível ainda nos ouve.

E às vezes me pergunto por que tantos corações têm de sofrer.

Você já passou por uma tempestade de dúvidas? Algumas pessoas não passam, eu sei. Conversei com vocês. Alguns de vocês têm um otimismo “davídico” que desafia qualquer Golias. Eu costumava pensar que vocês eram, na melhor das hipóteses, ingênuos; na pior, falsos.

Já não penso mais assim.

Penso que vocês são privilegiados. Vocês têm o dom da fé. Vocês conseguem ver o arco-íris antes que as nuvens se desfaçam. Se vocês têm esse dom, pulem este capítulo. Não vou dizer nada que vocês precisem ouvir.

Mas alguns de vocês se perguntam...

Vocês se perguntam o que outras pessoas sabem que vocês não sabem. Vocês se perguntam se vocês são cegos ou se os cegos são eles. Vocês se perguntam por que alguns proclamam “Eureca” antes de achar o ouro. Vocês se perguntam por que alguns gritam “Terra à vista!” antes que a neblina tenha desaparecido. Vocês se perguntam como algumas pessoas acreditam com tanta confiança enquanto vocês relutam tanto em acreditar.

Em consequência disso, vocês se sentem um pouco desconfortáveis no banco almofadado de fé cega. Seu herói bíblico é Tomé. Seu segundo nome é Cautela. Suas indagações são sempre veneno para o professor da escola dominical.

“Se Deus é tão bom, por que às vezes eu me sinto tão mal?”.

“Se a mensagem de Deus é clara, por que eu fico tão confuso?”.

“Se o Pai está no comando, por que pessoas boas têm problemas tão angustiantes?”.

Vocês se perguntam se ter uma mente que nunca sossega é uma bênção ou maldição. Mas vocês preferem ser cínicos a ser hipócritas, e assim continuam orando de olhos abertos e se perguntando em relação:

- Às crianças que passam fome.

- Ao poder da oração.
- Às profundezas da graça.
- Aos cristãos vítimas de câncer.
- A quem, afinal, são vocês para levantar essas questões.

São perguntas difíceis. Perguntas de quem está prestes a desistir. Perguntas que os discípulos devem ter-se feito durante a tempestade.

Tudo o que eles conseguiam ver era um céu escuro enquanto eram jogados de um lado para o outro no barco fustigado pelas ondas. Turbilhões de nuvens. Cristas brancas causadas pela ventania. Um pessimismo que sepultava a costa. Trevas que alagavam a proa. O que poderia ter sido uma travessia agradável tornou-se uma viagem numa montanha-russa através de um mar de medo.

A pergunta deles: “Que esperança temos de sobreviver nesta tempestuosa noite?”.

Minha pergunta: “Onde está Deus quando seu mundo está caótico?”.

Tempestade de dúvidas: dias turbulentos quando o inimigo é forte demais; a tarefa, grande demais; o futuro, sombrio demais; e as respostas, poucas demais.

Com certa frequência uma tempestade acontece e olho para o céu que escurecesse e digo: “Meu Deus, um pouco de luz, por favor?”.

A luz veio aos discípulos. Uma figura surgiu diante deles caminhando sobre as águas. Não era o que eles esperavam. Talvez eles quisessem que anjos descessem ou que o céu se abrisse. Talvez eles esperassem uma proclamação divina para acalmar a tempestade. Não sabemos quais eram as expectativas deles. Mas uma coisa é certa: eles não aguardavam o retorno de Jesus caminhando sobre as águas.

“‘É um fantasma!’ E gritaram de medo” (Mt 14.26).

E, sendo que Jesus voltou de uma forma que eles não esperavam, quase deixaram de perceber que as orações deles haviam sido respondidas.

Assim, se não olharmos e ouvirmos com atenção, corremos o risco de cometer o mesmo erro. As luzes de Deus em nossas noites escuras são tão numerosas como as estrelas, se nos dignarmos a voltar nosso olhar para elas.

Posso compartilhar com vocês algumas luzes que iluminaram meu mundo recentemente?

• • •

Um amigo e eu estávamos sentados dentro do carro na frente de minha casa, conversando sobre seu dilema. Seu principal cliente o abandonara, deixando-o com enormes contas a pagar e poucas saídas. O que o cliente fez não foi correto, mas mesmo assim ele o fez. A empresa do cliente era grande e a do meu amigo, pequena, e não havia muita coisa que ele pudesse fazer. Meu amigo foi abandonado numa cova de leões famintos que exigiam uma satisfação cujo valor tinha seis dígitos.

— Liguei para o meu tio e contei o que aconteceu. Disse-lhe que eu estava pensando em entrar com pedido de falência.

— E o que disse ele? — perguntei.

— Não disse nada — respondeu meu amigo. — Depois de um longo silêncio, eu mesmo disse “Nós não agimos assim, não é?”. E ele respondeu: “Não, não agimos”. Nesse caso, vou pagar as contas. Mesmo que eu tenha de vender a casa, vou pagar minhas contas.

Foi um momento inspirador. Alguém ainda acreditava que, se ele fizesse o que era correto, Deus faria o que era melhor. Ainda existia no mundo uma fé do tipo “Nós não agimos assim”. O céu começou a clarear.

• • •

A luz número dois procedeu da ala de oncologia.

— Amanhã vamos comemorar nosso 44º aniversário de casamento — disse Jack, que alimentava sua mulher.

Ela estava calva. Tinha os olhos encovados, e sua fala era pastosa. Tinha os olhos fixos num ponto diante dela. Só abria a boca quando ele aproximava o garfo. Ele limpou o rosto dela. Depois limpou a própria testa.

— Ela está enferma há cinco anos — falou o marido. — Não consegue andar. Não consegue cuidar de si mesma. Não consegue alimentar-se sozinha, mas amo minha esposa. E — disse ele mais alto para que ela pudesse ouvir — nós vamos ganhar esta guerra, não é, querida?

Ele lhe serviu mais umas garfadas e falou novamente:

— Não temos plano de saúde. Quando eu podia pagar, achei que não era necessário. Agora devo mais de cinquenta mil ao hospital.

Ele se calou por alguns instantes enquanto lhe dava de beber. Depois continuou:

— Mas eles não me pressionam. Sabem que não posso pagar, mas nos aceitaram sem fazer perguntas. Os médicos nos tratam como se fôssemos seus pagadores mais pontuais. Quem teria imaginado tanta bondade?

Tive de concordar com ele. Quem teria imaginado tanta bondade? Num mundo espinhoso de serviços médicos avançados e caros, muitas vezes criticados, era tranquilizador encontrar profissionais dispostos a servir duas pessoas que nada tinham para dar em troca.

Jack me agradeceu a visita, e eu agradei a Deus por esse raio de luz que de novo me fizera lembrar do sol por trás das nuvens.

• • •

Depois, alguns dias mais tarde, outra luz.

Larry Brown é o técnico do San Antonio Spurs, o time local de basquete. Não o conheço pessoalmente (embora à boca pequena se diga que ele deseja que eu assine um contrato plurianual e jogue como armador do time... bela fantasia!).

Brown recentemente passou uma tarde numa loja de roupas masculinas, dando autógrafos. Estava programado para ele passar duas horas na loja, mas acabou passando três. Crianças com canetas e blocos de papel tomaram o local de surpresa, fazendo-lhe perguntas e apertando-lhe a mão.

Quando ele finalmente conseguiu escapar, entrou no carro onde foi surpreendido por uma cena tocante. Um menino atrasado que vinha pedalando saltou da bicicleta e correu até a vitrine da loja para ver se o técnico ainda estava lá dentro. Ao verificar que não estava, virou-se lentamente com um ar de tristeza, caminhou para a bicicleta e começou a pedalar para ir embora.

Larry Brown desligou o motor, saiu do carro e foi caminhando na direção do menino. Conversaram por alguns minutos, foram para uma lanchonete ao lado, sentaram-se a uma mesa e tomaram um refrigerante.

Nenhum repórter por perto. Nenhuma câmera ligada. Pelo que os dois sabiam, ninguém sabia. Tenho certeza de que Larry Brown tinha outras coisas a fazer naquela tarde. Sem dúvida tinha outros compromissos a cumprir. Mas duvido de que qualquer outra coisa que ele pudesse ter feito naquela tarde fosse mais importante do que aquilo que ele fez.

Num mundo de profissionais do esporte muito endinheirados e absolutamente ilustres, é bom ouvir falar de um técnico que ainda é um técnico no fundo de seu coração. Para mim, ouvir o que ele havia feito foi o suficiente para que fosse removida qualquer remanescente nuvem de dúvida e eu me sentisse aquecido pela luz de Deus... sua suave luz.

• • •

Luzes suaves. Soluções divinas para a tempestade de dúvidas. Cintilações douradas ambarizam a escuridão. Sem raios. Sem explosões. Apenas luzes suaves. É um empresário que opta pela honestidade. É um hospital que opta pela compaixão. É uma celebridade que opta pela gentileza.

Provas visíveis da mão invisível.

Um delicado lembrete de que o otimismo não é só para os tolos.

Engraçado. Nenhum dos acontecimentos era “religioso”. Nenhum dos encontros aconteceu durante uma cerimônia ou um ofício religioso. Nenhum deles estará no noticiário do horário nobre.

Mas é isso que acontece com as luzes suaves.

Quando os discípulos viram Jesus no meio de sua noite tempestuosa, eles o chamaram de espectro. Um fantasma. Uma alucinação. Para eles, a cintilação era qualquer coisa exceto Deus.

Quando enxergamos luzes suaves no horizonte, muitas vezes temos a mesma reação. Consideramos atos gentis ocasionais como aparições, acidentes ou anomalias. Qualquer coisa exceto Deus.

“Quando Jesus voltar”, talvez tenham pensado os discípulos no barco, “ele abrirá o céu. O mar será acalmado. As nuvens serão dissipadas”.

“Quando Deus vier”, pensamos nós que duvidamos, “toda dor desaparecerá. A vida será tranquila. Não restarão perguntas”.

Pelo fato de esperarmos uma fogueira, deixamos de enxergar a vela. Pelo fato de esperarmos ouvir o grito, deixamos de perceber o sussurro.

Deus vem a nós por meio das velas e ele diz por meio das promessas sussurradas: “Quando você duvidar, olhe ao seu redor; estou mais perto do que você imagina”.

O MILAGRE DO CARPINTEIRO

Não é por acaso que o Novo México é chamado de “Terra do Encantamento”. Vastos desertos salpicados de folhas secas de salva. Montanhas purpúreas com grinaldas de nuvens. Casas de adobe escondidas nas encostas dos montes. Majestosos pinheiros. Artefatos e mais artefatos. Um trevo de culturas que vai do conquistador aos índios comanches e aos caubóis. O Novo México encanta.

E nessa terra de encantamento, há uma capela misteriosa.

Um quarteirão ao sul do La Fonda Hotel em Santa Fé, na esquina da Water Street com a Old Santa Fé Trail, você vai descobrir a Loretto Chapel. Depois de passar por seu portão de ferro, você vai entrar naquilo que é mais do que o pátio de uma capela. Você vai entrar em outra época. Pare por um momento sob os galhos esparramados das árvores antigas. Imagine como aquilo era quando os carpinteiros mexicanos terminaram a capela em 1878.

Você consegue ver os colonizadores avançando por ruas de lama? Você consegue ouvir o zurro dos asnos? Os gemidos das rodas das carroças? E você consegue ver os primeiros raios do sol ao amanhecer iluminando a capela gótica — tão simples, tão esplêndida — contrastando com o pano de fundo dos montes desertos?

Seis anos foram necessários para que a Loretto Chapel fosse concluída. Construída seguindo o modelo da Sainte-Chapelle de Paris, esse delicado santuário contém um altar, uma rosácea e um coro alto.

O coro alto é que causa maravilha.

Se você estivesse presente na capela recém-construída em 1878, poderia ver a Irmãs de Loreto olhando tristemente para a galeria do coro. Tudo o mais estava completo: as portas haviam sido colocadas, os bancos dispostos em seu lugar, o chão fora assentado. Tudo estava completo. Até a galeria do coro. Com exceção de uma coisa. Não havia nenhuma escada.

A capela era pequena demais para abrigar uma escada convencional. Os melhores construtores e projetistas da região, quando consultados, sacudiam a cabeça: “Impossível”, murmuravam. Simplesmente, não havia o espaço necessário. Uma escada portátil serviria para seu propósito, mas comprometeria a estética.

As Irmãs de Loreto, cuja determinação as conduziu do Kentucky para Santa Fé, enfrentavam agora um desafio maior do que sua viagem: não era possível construir uma escada.

Cinco metros impossíveis separavam o que elas podiam fazer do que elas haviam sonhado.

Então o que fizeram elas? A única coisa possível. Subiram o monte. Não as altas montanhas perto de Santa Fé. Não, elas subiram ainda mais. Subiram a mesma montanha escalada por Jesus 1.800 anos antes. Subiram o monte da oração.

• • •

“[Jesus] subiu sozinho a um monte para orar” (Mt 14.23).

Jesus se via diante de uma tarefa impossível. Mais de cinco mil pessoas estavam dispostas a travar uma batalha que ele não viera para deflagrar. Como poderia ele mostrar àquela gente que não viera para ser rei, mas para ser um sacrifício? Como poderia ele desviar aqueles olhares voltados para um reino terreno a fim de que aquela gente enxergasse um reino espiritual? Como poderia aquela gente ver o eterno quando a seus olhos apenas o temporal interessava?

Um abismo impossível separava o que ele aparentemente podia fazer daquilo que ele sonhava fazer. Então Jesus orou.

Não sabemos qual foi o teor de sua oração. Mas tenho minhas suposições:

- Orou pedindo que olhos ofuscados pelo poder pudessem ver a verdade.
- Orou pedindo que seus discípulos desorientados pelo sucesso pudessem suportar o fracasso.
- Orou pedindo que os líderes sedentos de poder o seguissem até a cruz.
- Orou pedindo que as pessoas ávidas do pão para o corpo sentissem a fome do pão para a alma.

Ele orou pedindo que o impossível acontecesse.

Ou talvez eu esteja equivocado. Talvez ele não tenha pedido nada. Talvez ele simplesmente tenha permanecido em silêncio à presença da Presença, desfrutando da Majestade. Talvez, cansado, ele tenha se colocado diante do trono e descansado.

Talvez ele tenha erguido a cabeça acima da confusão deste mundo durante um tempo suficiente para ouvir a solução do céu. Talvez ele tenha sido lembrado de que corações insensíveis não importunam o Pai; de que pessoas problemáticas não perturbam o Eterno.

Não sabemos o que ele fez ou disse. Mas conhecemos o resultado. O monte se tornou um ponto de partida; a tempestade se tornou um caminho. E os discípulos viram Jesus como nunca o haviam visto antes.

Durante a tempestade, Jesus orou. O céu se escureceu. Os ventos gemiam. Mesmo assim, ele orava. As pessoas resmungavam. Os discípulos alimentavam dúvidas. Mesmo assim, ele orava. Forçado a escolher entre os músculos dos homens e a montanha da oração, ele orava.

Jesus não tentou agir sozinho. Por que você deveria fazê-lo?

Há fendas em sua vida que você não pode ultrapassar sozinho. Há corações em seu mundo que você não pode mudar sem ajuda. Há montanhas que você não pode escalar antes de escalar a montanha de Deus.

Escale-a. Você se surpreenderá.

As Irmãs Loretto se surpreenderam.

• • •

Conta a história que as freiras oraram durante nove dias. No último dia da novena, apareceu no convento um carpinteiro mexicano barbudo com o rosto tostado pelas intempéries. Ele explicou que tinha ouvido dizer que elas precisavam de uma escada para ter acesso a um coro alto. Ele achava que poderia ajudar.

Nada tendo a perder, a madre superiora lhe deu permissão para realizar a obra.

Ele se apresentou para o trabalho com ferramentas grosseiras, paciência esmerada e habilidade extraordinária. Durante oito meses, ele trabalhou.

Certa manhã as Irmãs de Loretto entraram na capela e viram que suas orações haviam sido atendidas. Uma obra-prima de carpintaria espiralava-se do chão até o coro alto. Duas voltas completas de 360 graus. Trinta e três degraus unidos por pinos de madeira sem nenhum suporte central. A madeira é supostamente uma variedade de pinheiro muito resistente, que não existe no Novo México!

Quando as irmãs se viraram para agradecer ao artesão, ele havia desaparecido. E nunca mais seria visto. Ele nunca pediu dinheiro. Nunca pediu elogios. Ela era simplesmente um carpinteiro que fez o que ninguém mais poderia fazer para que os cantores pudessem entrar no coro alto e cantar.

Vá ver essa escada pessoalmente, se você quiser. Viaje para a Terra do Encantamento. Entre nessa capela incrível e testemunhe o fruto da oração.

Ou então, se você preferir, converse pessoalmente com o Mestre Carpinteiro. Ele já realizou um feito impossível em seu mundo. Ele, como o carpinteiro de Santa Fé, construiu uma escada que ninguém poderia construir. Ele, como o anônimo artesão, usou matéria-prima de outro lugar. Ele, como o visitante de Loretto, veio fazer uma ponte entre o ponto em que você está e o ponto que você quer alcançar.

Cada ano da vida dele é um degrau. São trinta e três passos. Cada degrau da escada é uma oração atendida. Ele a construiu para você poder subir por ela.

E cantar.

A SABEDORIA DO LENHADOR

Você compraria uma casa se tivesse permissão para examinar apenas um dos seus cômodos? Você compraria um carro se tivesse permissão para examinar apenas seus pneus e uma de suas lanternas? Você avaliaria um livro tendo lido apenas um parágrafo?

Nem eu.

Uma boa avaliação exige uma visão ampla. E isso não se aplica somente à compra de uma casa, um carro ou livros; aplica-se também à avaliação da vida. Um fracasso não torna uma pessoa fracassada; uma realização não torna alguém bem-sucedido.

“O fim das coisas é melhor que seu início”, escreveu o sábio (Ec 7.8).

“Sejam pacientes na tribulação”, ecoou o apóstolo Paulo (Rm 12.12).

“Não julgue uma frase a partir de uma palavra”, alertou o lenhador.

O lenhador? Ah, talvez você não o conheça. Deixe-me apresentá-lo.

Eu o conheci no Brasil, por meio de uma amiga que sabia que eu precisava de paciência. Após os seis primeiros meses do período de cinco anos que Denalyn e eu passamos no Brasil eu me sentia frustrado. Minha fascinação pelo Rio de Janeiro se transformara em desespero, devido às palavras que eu não conseguia proferir e a uma cultura que eu não entendia.

— Tenha paciência! — dizia-me Maria. Era minha professora de português. Porém, mais do que isso, ela foi uma voz calma em meio a uma

ruidosa tempestade. Com persistência maternal, ela corrigia minha pronúncia e me ajudava a amar sua terra natal.

Certa vez, em meio a uma semana frustrante de tentativas para desembaraçar nossas bagagens da alfândega (o que acabou levando três meses), ela me passou esta história como lição de casa. A história me ajudou muito mais a melhorar minha atitude do que a melhorar meu português.

É uma fábula simples. No entanto, para aqueles dentre nós que tentam julgar a vida tomando como base um único dia, a mensagem é profunda. Não acrescentei nada para embelezá-la; simplesmente a traduzi. Peço a Deus que ela faça você lembrar, como fez comigo, que a paciência é a maior prova de coragem.

• • •

Era uma vez um velho que morava numa minúscula aldeia. Embora pobre, ele era invejado por todos, pois tinha um lindo cavalo branco. Até o rei cobiçava seu tesouro. Um cavalo como aquele nunca fora visto antes, tal era sua elegância, majestade e força.

As pessoas ofereciam somas fabulosas pelo animal, mas o velho recusava todas as ofertas, explicando:

— Este cavalo, para mim, não é um cavalo. É uma pessoa. Como se poderia vender uma pessoa? Ele é um amigo, não uma propriedade. Como se poderia vender um amigo?

O velho era pobre, e a tentação era grande. Mas ele jamais vendeu o cavalo.

Certa manhã ele descobriu que o cavalo não estava na estrebaria. Toda a aldeia veio visitá-lo.

— Seu velho tonto! — zombavam as visitas. — Nós lhe dissemos que alguém roubaria seu cavalo. Avisamos que seu cavalo seria roubado. Você é muito pobre. Como você esperava poder proteger um animal tão precioso? Seria melhor tê-lo vendido. Você poderia ter conseguido o preço que

quisesse. Soma nenhuma teria sido considerada um exagero. Agora o cavalo se foi e você caiu em desgraça.

O velho respondia:

— Não sejam precipitados no falar. Digam apenas que o cavalo não está na estrebaria. Isso é tudo o que sabemos; o resto é opinião. Como vocês podem saber se eu caí ou não em desgraça? Como podem julgar?

As pessoas contestavam:

— Não nos faça de bobos! Podemos não ser filósofos, mas não é preciso ter muita filosofia. O simples fato de que seu cavalo desapareceu é uma desgraça.

O velho pronunciava-se de novo:

— Tudo o que sei é que a estrebaria está vazia, e o cavalo desapareceu. O resto eu não sei. Se é uma desgraça ou se é uma bênção, eu não sei dizer. Tudo o que podemos enxergar é um fragmento. Quem sabe dizer o que virá depois?

As pessoas da aldeia se riam. Pensavam que o velho estava maluco. Sempre tinham achado que ele era um tolo; se não fosse, teria vendido o cavalo e vivido do dinheiro obtido pelo animal. Mas, em vez disso, ele era um pobre lenhador, um velho que ainda precisava cortar lenha e trazê-la do mato para vendê-la. Levava uma vida precária e seu trabalho mal rendia seu próprio sustento. Agora ele havia provado que era, de fato, um tolo.

Depois de quinze dias, o cavalo voltou. Ele não tinha sido roubado; tinha fugido para a floresta. Não apenas havia voltado, mas trazia consigo doze cavalos selvagens. Mais uma vez o povo da aldeia se juntou em volta do lenhador para dizer:

— Velho, você estava certo, e nós errados. O que achávamos que era uma desgraça era uma bênção. Por favor, perdoe-nos.

E o velho respondeu:

— Mais uma vez vocês estão indo longe demais. Digam apenas que o cavalo voltou. Afirmem apenas que doze cavalos vieram com ele, mas não julguem. Como sabem vocês se isso é uma bênção ou não? Estão enxergando

apenas um fragmento. Sem conhecer a história toda, como podem julgar? Vocês leram apenas uma página de um livro. Como podem julgar o livro inteiro? Vocês leram apenas uma palavra de uma frase. Como podem entender a frase inteira? A vida é tão vasta, mas vocês a julgam a partir de uma única página ou de uma única palavra. Tudo o que temos é um fragmento. Não digam que isso é uma bênção. Ninguém sabe. Estou satisfeito com o que sei. Não me perturba o que não sei.

— Talvez o velho tenha razão — diziam uns aos outros. Então não acrescentaram quase nada. Mas, no fundo, sabiam que ele estava errado. Sabiam que aquilo era uma bênção. Doze cavalos selvagens haviam acompanhado a volta de um único cavalo. Com um pouco de trabalho, esses animais podiam ser domados e treinados e vendidos por muito dinheiro.

O velho tinha um filho, seu filho único. O jovem começou a domar os cavalos selvagens. Depois de alguns dias, ele caiu de um deles e quebrou as duas pernas. Mais uma vez os moradores da aldeia se juntaram ao redor do velho e proferiram seus julgamentos.

— Você tinha razão — disseram. — Estava certo. Os doze cavalos não eram uma bênção; eram uma desgraça. Seu filho único quebrou as pernas, e agora você não tem ninguém para ajudá-lo na velhice. Está mais pobre do que nunca.

O velho falou mais uma vez:

— Vocês são obcecados com julgamentos. Melhor não ir tão longe. Digam apenas que as pernas de meu filho estão quebradas. Quem sabe se isso é uma bênção ou uma desgraça? Ninguém sabe. Nós só temos um fragmento. A vida acontece em fragmentos.

Algumas semanas mais tarde, o país entrou em guerra contra um país vizinho. Todos os jovens da aldeia foram convocados. Só o filho do velho escapou de ir para a guerra, pois estava inválido. Mais uma vez, o povo da aldeia se juntou ao redor do velho, chorando e gritando porque seus filhos tinham sido levados para a guerra. A chance de eles voltarem eram poucas. O

inimigo era poderoso e a guerra seria uma luta perdida. Eles nunca mais veriam seus filhos.

— Você tinha razão — choravam eles. — Deus sabe que você estava certo. Esta é a prova. O acidente de seu filho foi uma bênção. As pernas dele podem estar quebradas, mas, pelo menos, ele está com você. Nossos filhos se foram para sempre.

O velho falou de novo:

— É impossível conversar com vocês. Vocês sempre tiram conclusões. Ninguém sabe. Digam apenas isto: seus filhos tiveram de partir para a guerra, e o meu, não. Ninguém sabe se isso é uma bênção ou uma desgraça. Ninguém é sábio o suficiente para saber. Só Deus sabe.

• • •

O velho estava certo. Só temos um fragmento. Os infortúnios e horrores da vida são apenas uma página de um grande livro. Devemos ir devagar quando se trata de tirar conclusões. Devemos evitar o julgamento das tempestades da vida até conhecermos a história inteira.

Não sei como o lenhador aprendeu a ser paciente. Talvez tenha sido com outro lenhador da Galileia. Pois foi o Carpinteiro que expressou essa ideia da melhor forma: “Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã terá as suas próprias preocupações” (Mt 6.34).

Ele deve saber. É o Autor da nossa história. E ele já escreveu o capítulo final.

AS LEIS DO FAROL

Nos Estados Unidos, o primeiro dia do ano é conhecido por três coisas: feijão-fradinho, jogos de futebol americano e listas. Alguns não comem feijão-fradinho. Outros detestam futebol. Mas todo mundo gosta de listas.

As listas renovam a confiança. Elas nos confortam. Sugerem que o caos maluco, frenético, crescente do universo pode ser controlado e domado dentro da gaiola de uma meticulosa coluna. A lista tem a função de entender, resolver e até controlar. Por isso nós não conseguimos resistir, no fim do ano, ao desejo de produzir listas no mesmo ritmo com que Washington produz seus documentos.

Fazemos listas dos melhores filmes, dos melhores livros, dos mais mal-vestidos, dos mais usados, dos menos populares, dos mais misteriosos, dos mais bem-pagos. Felicitamos os bons. Satirizamos os ruins. E resumimos o ano com listas — listas de “listas finais”.

Embora o Dia de Ano-Novo ocupe o primeiro lugar entre os dias produtores de listas, o resto do ano não é, de modo algum, desprovido de listas.

- Sua lista de frutas, legumes e verduras viabiliza sua ida ao mercado.
- Talvez seu calendário tenha um espaço para “coisas a fazer”, no qual você vai organizar e numerar coisas que você gostaria de fazer, mas,

provavelmente, não fará.

- Seu programa de curso lhe diz que livros você deve comprar.
- Seu itinerário lhe diz que avião você deve tomar.
- Sua agenda telefônica lhe diz que números você deve discar.

A Bíblia tem com certeza sua quota de listas. Moisés trouxe uma do monte Sinai. Noé talvez tenha usado uma ao carregar sua arca. Jesus deixou sua lista de princípios no Sermão do Monte. (Paulo deixou sua versão em Romanos 12.) Mateus e Lucas fizeram as listas da genealogia de Jesus. João listou os esplendores do céu.

Há listas dos dons do Espírito. Listas de frutos bons e ruins. Listas de saudações e cumprimentos. Até mesmo o barco dos discípulos quase entrou numa lista quando o tempestuoso mar da Galileia quase pôs tudo a perder.

Mas o maior dia das listas ainda é o Dia de Ano-Novo. E a lista número um é a lista que eu chamo de “As leis do farol”.

As leis do farol contêm verdades imutáveis, inflexíveis. Leis que pretendem entrar nesse inventário só se classificam se tiverem as características do farol:

- Elas nos advertem sobre potenciais perigos.
- Indicam o porto seguro.
- São mais fortes que a tempestade.
- Brilham mais intensamente em meio à neblina.

As leis do farol contêm mais do que boas ideias, preferências pessoais e opiniões honestas. Elas são dons de Deus, verdades testadas pelo tempo que definem a maneira segura de conduzir o barco de sua vida. Observando-as, você desfruta de uma travessia segura. Ignorando-as, você naufraga, chocando-se contra os cruéis rochedos da realidade.

• • •

Na revista do Instituto Naval dos Estados Unidos, *U.S. Naval Institute Proceedings*, Frank Koch ilustra a importância da obediência às leis do farol.

Dois navios de guerra designados para treinamento de uma esquadra naval estavam em alto mar havia vários dias para manobras em meio a intempéries. Eu estava servindo no principal navio de guerra e ocupava o posto de vigia na ponte de comando ao cair da noite. A visibilidade era ruim, com densa névoa, de modo que o capitão permanecia na ponte de comando supervisionando todas as atividades.

Pouco depois de escurecer, o vigia relatou:

— Luz, a estibordo da proa.

— Luz fixa ou luz à popa? — gritou o capitão.

O vigia respondeu: “Fixa, capitão”, o que significava que nós estávamos numa perigosa rota de colisão com aquele navio.

O capitão gritou então para o sinaleiro:

— Envie o seguinte sinal para aquele barco: “Nós estamos numa rota de colisão. Aconselhamos mudar de rota em vinte graus”.

Voltou um sinal em resposta:

— É aconselhável que vocês mudem de rota em vinte graus.

O capitão disse:

— Sinalize: “Eu sou capitão. Mude de rota em vinte graus”.

— Eu sou um marinheiro de segunda classe — foi a mensagem que veio em resposta. — É aconselhável que vocês mudem de rota em vinte graus.

A essa altura o capitão estava furioso. Ele vociferou: — Sinalize: “Sou um navio de guerra. Mude sua rota em vinte graus”.

Veio a resposta da luz que piscava:

— Eu sou um farol.

Nós mudamos de rota.¹

Decisão inteligente. O sábio capitão muda a direção de seu barco de acordo com o sinal do farol. Qualquer pessoa sensata faria o mesmo.

• • •

Segue, então, uma lista de luzes que eu procuro e de sinais aos quais obedeço:

- Ame a Deus mais do que você teme o inferno.
- Uma vez por semana, deixe que uma criança leve você para um passeio.
- Tome decisões importantes num cemitério.
- Quando ninguém está olhando, viva como se alguém estivesse.
- Seja bem-sucedido primeiro em casa.
- Não gaste hoje o dinheiro de amanhã.
- Ore duas vezes mais do que você se preocupa.
- Escute duas vezes mais do que você fala.
- Só se ressinta quando Deus se ressentente.
- Nunca se considere maduro demais para amar o pôr do sol.
- Trate as pessoas como anjos; você vai conhecer alguns e vai ajudar a fazer alguns.
- É mais sábio errar do lado da generosidade do que do lado do rigor minucioso.
- Deus o perdoou; fazer o mesmo é agir com sabedoria.
- Quando você não consegue enxergar a mão de Deus, confie no coração dele.
- Não anuncie seus gestos de bondade com trombetas, pois, se o fizer, as notas de sua música terão o tom abaixado.
- Não se sinta culpado pela benignidade de Deus.
- O livro da vida é vivido em capítulos; conheça, portanto, o número de sua página.
- Nunca deixe que o importante seja vítima do trivial.
- Viva sua liturgia.

Resumindo:

Trate a vida como uma viagem numa escuna. Desfrute da paisagem. Explore o barco. Faça amizade com o capitão. Pesque um pouco. E desça do barco ao chegar em casa.

ELE FALA EM MEIO À TEMPESTADE

“Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram” (Jó 42.5).

Tudo aconteceu num único dia. Um dia ele podia escolher sua hora de jogar no campo de golfe mais lindo do país; no dia seguinte não podia nem sequer servir de carregador de tacos. Um dia ele podia alugar um jatinho para cruzar o país para ver uma luta de pesos-pesados no cassino Mirage, de Las Vegas; no dia seguinte não tinha dinheiro para tomar um ônibus urbano.

É a calma virando o caos...

A primeira coisa que ele perdeu foi seu império. Os mercados entram em colapso; as ações despencam. O que era líquido se torna seco. O que estava em alta agora está em baixa. Jó está falido. Lá está ele sentado em sua cadeira revestida de couro, junto à sua mesa de mogno, aguardando que tudo seja leiloadado, quando o telefone toca trazendo a notícia da calamidade número dois:

Os filhos estavam de férias num *resort* quando desabou uma tempestade e levou todos consigo.

Atordoado e atônito, Jó olha através da janela para o céu, que parece estar ficando mais escuro a cada minuto que passa. Começa e orar, dizendo a Deus que as coisas não poderiam ficar pior do que estavam... mas é exatamente isso que acontece. Ele sente uma dor no peito que não tem nada a ver com a macarronada da noite anterior. O que ele vem a saber logo em seguida é que

ele está balançando numa ambulância com fios presos ao peito e agulhas enfiadas num dos braços.

Lá está Jó, ligado a um monitor cardíaco na enfermaria de um hospital público, ao lado de um imigrante ilegal que não sabe falar sua língua.

Mas isso não quer dizer que lhe faltem conversas.

Primeiro, ali está sua mulher. Quem poderia censurá-la por estar transtornada com as calamidades da semana? Quem poderia censurá-la por pedir a Jó para amaldiçoar Deus? Mas amaldiçoar *e morrer*? Se Jó ainda não se sente abandonado, você sabe que ele vai se sentir assim no minuto em que sua mulher lhe diz para arrancar o tubo e acabar com tudo aquilo.

Seus amigos lhe fazem uma visita. À cabeceira do enfermo, têm a mesma atitude de um sargento na hora do exercício físico e demonstram a compaixão do assassino da serra elétrica. Uma versão revisada da teologia deles poderia ser reescrita mais ou menos assim: “Cara, você deve ter pisado na bola legal! A gente sabe que Deus é bom. Então, se coisas tão ruins estão acontecendo com você, deve ser culpa sua. Ponto-final”.

E Jó aceita tudo em silêncio? De jeito nenhum.

“Todos vocês são médicos que de nada valem!”, diz ele. “Se tão somente ficassem calados, mostrariam sabedoria” (Jó 13.4-5).

Tradução? “Por que vocês não vão divulgar sua filosofia nas pocilgas onde vocês se formaram?”.

— Não sou um homem mau — argumenta Jó. — Pago meus impostos em dia. Sou defensor dos direitos civis. Sou um dos principais contribuintes de uma associação de caridade e atuo como voluntário no bazar do hospital.

Jó é, a seus próprios olhos, um homem bom. E um homem bom, raciocina ele, merece uma resposta satisfatória.

— O seu sofrimento é para o seu próprio bem — afirma Eliú, um jovem ministro recém-saído do seminário, que ainda não viveu o bastante para ser cético e não sofreu o bastante para se calar. Ele caminha de um lado para

outro na enfermaria do hospital, sobraçando sua Bíblia e com um dedo espetando o ar.

— “Deus faz dessas coisas ao homem, duas ou três vezes, para recuperar sua alma da cova, a fim de que refulja sobre ele a luz da vida” (Jó 33.29).

Jó acompanha suas passadas como você acompanharia um jogador de tênis, virando a cabeça de um lado para outro. O que o jovem diz não é teologia ruim, mas também não traz muito conforto. Jó deixa o rapaz falando sozinho e desliza cada vez mais para debaixo das cobertas. A cabeça dói. Os olhos ardem. As pernas incomodam. E ele já não tem estômago para aqueles sermões vazios.

E, no entanto, sua pergunta ainda não foi respondida:

— Deus, por que isto está acontecendo comigo?

Então Deus fala.

Do olho do furacão, ele fala. Lá do céu, ela fala. Para todos nós que sublinharíamos a pergunta de Jó e a assinaríamos, Deus fala.

- Para o pai que segura uma rosa retirada do caixão de seu filho, ele fala.
- Para a esposa que segura a bandeira que enfeitou o caixão do marido, ele fala.
- Para o casal com um ventre estéril e fervorosas preces, ele fala.
- Para qualquer pessoa que tentou ver Deus através do vidro estilhaçado, ele fala.
- Para aqueles dentre nós que ousaram dizer: “Se Deus é Deus, então...”, ele fala.

Ele fala em meio à tempestade, pois é ali que Jó se encontra. É ali que Deus é mais bem ouvido.

A voz de Deus retumba na enfermaria. Eliú se senta. Jó se recosta no leito. E os dois nunca mais serão os mesmos.

“Quem é esse que obscurece os meus conselhos com palavras sem conhecimento?” (Jó 38.2).

Jó não responde.

“Prepare-se como simples homem; vou fazer-lhe perguntas, e você me responderá” (Jó 38.3).

“Onde você estava quando lancei os alicerces da terra? Responda-me, se é que você sabe tanto” (Jó 38.4).

Uma pergunta teria sido suficiente para Jó, mas não é suficiente para Deus.

“Quem marcou os limites das suas dimensões? [...] E quem estendeu sobre ela a linha de medir?”, pergunta Deus. “E quem colocou sua pedra de esquina, enquanto as estrelas matutinas juntas cantavam e todos os anjos se regozijavam?” (Jó 38.5-7).

As perguntas se atropelam. Caem das nuvens como pancadas de chuva. Salpicam os recintos do coração de Jó com um ímpeto, uma beleza e um terror que deixam qualquer Jó que já tenha existido encharcado e sem palavras, olhando para o Mestre que vai redefinindo quem é quem no universo.

“Você já deu ordens à manhã ou mostrou à alvorada o seu lugar, para que ela apanhasse a terra pelas pontas e sacudisse dela os ímpios?” (Jó 38.12-13).

As perguntas de Deus não pretendem ensinar; pretendem chocar. Não pretendem esclarecer; pretendem acordar. Não pretendem estimular a mente; pretendem dobrar joelhos.

As portas da morte lhe foram mostradas? Você viu as portas das densas trevas? Você faz ideia de quão imensas são as áreas da terra? Fale-me, se é que você sabe. Como se vai ao lugar onde mora a luz? E onde está a residência das trevas? Poderá você conduzi-las ao lugar que lhes pertence? Conhece o caminho da habitação delas? Talvez você conheça, pois você já tinha nascido! Você já viveu tantos anos!

Jó 38.17-21

Finalmente a enfraquecida mão de Jó se ergue, e Deus se cala o tempo suficiente para que ele lhe responda.

“Sou indigno; como posso responder-te? Ponho a mão sobre a minha boca. Falei uma vez, mas não tenho resposta; sim, duas vezes, mas não direi mais nada” (Jó 40.4-5).

A mensagem de Deus foi captada:

- Jó é um camponês dizendo ao Rei como dirigir seu reino.
- Jó é um analfabeto dizendo ao poeta e. e. cummings que ele deve escrever seus pronomes pessoais com letra maiúscula e não em minúscula, como ele costumava assinar e publicar.
- Jó é um gandula dizendo a Pelé como bater na bola.
- Jó é a argila dizendo ao oleiro para não pressionar tão forte.

“Quem primeiro me deu alguma coisa, que eu lhe deva pagar?”, diz Deus num crescendo do vento. “Tudo o que há debaixo dos céus me pertence” (Jó 41.11).

Jó não podia discutir. Deus não deve nada a ninguém. Nenhuma explicação. Nenhuma desculpa. Nenhuma ajuda. Deus não tem dívidas, nenhum saldo devedor, nenhum favor a retribuir. Deus não deve nada a nenhum ser humano.

O que torna ainda mais espantoso o fato de ele nos ter dado tudo.

• • •

O modo de interpretar esse texto sagrado é essencial. Você pode, se quiser, interpretar o insistente discurso divino como uma declamação. Você pode

usar a lista de perguntas irrespondíveis para provar que Deus é duro, cruel e distante. Você pode usar o livro de Jó como uma prova de que Deus nos lança perguntas e não dá respostas. Mas, para agir assim, você precisa de um par de tesouras. Para agir assim, você precisa cortar e excluir o restante do livro de Jó.

Mas não foi assim que Jó ouviu aquele discurso. Durante toda a vida, Jó fora um homem bom. Durante toda a vida, ele acreditara em Deus. Durante toda a vida, ele discutira sobre Deus, tinha noções a respeito dele e lhe dirigira orações.

Mas na tempestade Jó o vê!

Ele vê a esperança. O amante. O destruidor. O doador. O tomador. O sonhador. O libertador.

Jó vê a terna ira de um Deus cujo infinito amor é muitas vezes recebido com grande desconfiança. Jó se apresenta como uma folha de relva exposta ao fogo consumidor do esplendor de Deus. As demandas de Jó se derretem como cera quando Deus abre a cortina e a luz do céu incide diretamente sobre a terra.

Jó vê Deus.

Deus poderia retirar-se a essa altura. O martelo já foi batido; o veredicto já foi dado. O Juiz Eterno se pronunciou.

Ah, mas Deus não está zangado com Jó. Firme? Sim. Direto? Sem dúvida. Claro e convincente? Totalmente. Mas zangado? Não.

Deus nunca se irrita com a debilidade de quem o busca sinceramente.

Se você quiser sublinhar alguma passagem no livro de Jó, sublinhe esta: “Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram” (Jó 42.5).

Jó vê Deus — e isso basta.

Mas não basta para Deus.

Os anos futuros vão de novo encontrar Jó sentado à sua mesa de mogno com a saúde recuperada e os lucros em alta. Seu colo está mais uma vez cheio

de filhos, netos e bisnetos — de quatro gerações!

Se Jó quer saber por que Deus não traz de volta os filhos que lhe foram tirados, ele não pergunta. Talvez ele não pergunte porque sabe que seus filhos nunca poderiam ser mais felizes do que são na presença do Deus que ele viu por um instante tão breve.

Algo me diz que Jó faria de novo tudo o que fez se isso fosse necessário para ouvir a voz de Deus e estar na presença dele. Mesmo se Deus o deixasse com suas feridas e contas a pagar, Jó faria tudo de novo.

Pois Deus deu a Jó mais do que ele jamais sonhou. Deus se deu a si mesmo.

PONDERAÇÕES DE PEREGRINOS

Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago, e os levou, em particular, a um alto monte. Ali ele foi transfigurado diante deles. Sua face brilhou como o sol, e suas roupas se tornaram brancas como a luz. Naquele mesmo momento apareceram diante deles Moisés e Elias, conversando com Jesus.

Então, Pedro disse a Jesus: “Senhor, é bom estarmos aqui. Se quiseres, farei três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias”.

Enquanto ele ainda estava falando, uma nuvem resplandecente os envolveu, e dela saiu uma voz, que dizia: “Este é o meu Filho amado de quem me agrado. Ouçam-no!”.

Mateus 17.1-5

• • •

A jovem, grávida de oito meses, com seu andar cambaleante, entra na casa da mãe. Deixa-se cair no sofá. Chuta seus tênis para longe. Apoia os pés inchados sobre a mesa de centro. E geme: “Acho que não vou conseguir”.

Com a sabedoria conferida pela idade, a mãe apanha um álbum de fotos e se senta ao lado da filha. Ela abre o álbum, mostrando retratos de seus filhos usando fraldas e calçando botinhas. Lentamente as duas vão virando as páginas repletas de memórias. Sorriem vendo as criancinhas soprando velas de aniversário e sentadas diante de árvores de Natal.

Enquanto a mãe vai vendo o ontem, sua filha vê o amanhã.

E, por um momento, a filha muda. O *aqui* e *agora* se transformam em *lá* e *então*. Sua neném nasce. Ela a vê ensaiando seus primeiros passos hesitantes. Ouve sua primeira palavra, que só a mamãe consegue entender. Calça os

sapatinhos pretos de couro envernizado em seus pezinhos com meias e prende uma fita naquela cabecinha tão preciosa quanto careca.

Ocorre uma transformação. A dor nas costas é agora sobrepujada pela alegria que se aproxima. A mão que havia massageado o pescoço agora repousa sobre seu ventre. Pela primeira vez, naquele dia, ela sorri.

• • •

Uma tempestade de neve em Chicago. Preso no aeroporto O'Hare, sem ter para onde ir. No saguão, nenhum lugar para sentar-se. Então ele caminha até o café. Nenhum lugar para se sentar ali. Decide comprar uma xícara de café e voltar para o saguão. Senta-se sobre a própria pasta e estende o casaco no colo.

Consulta o relógio. “Devo pernoitar num hotel?”, pergunta-se. “É quase meia-noite! A esta altura, eu deveria estar a meio caminho de casa. Quem sabe quando poderei partir daqui?”.

Ele suspira, reclina-se e apoia-se na parede e espera. Desabotoa o colarinho. Desaperta a gravata. Esfrega o pescoço. Seus pensamentos divagam sobre a semana que passou. Muitas ligações. Poucos pedidos. Culpe a crise econômica. Culpe o sistema. Culpe Deus. Mas a culpa não deposita dinheiro em sua conta bancária.

Há uma sala para executivos do outro lado do saguão, com poltronas vazias, petiscos e uma televisão. Em tempos mais propícios, ele dispunha de dinheiro para ser VIP. Agora, esse dinheiro vai para a mensalidade da faculdade e o sustento dos filhos.

Ouve-se o anúncio de um voo. Ele retira seu cartão de embarque do bolso do casaco. Não é o voo dele. Torna a guardar o cartão no bolso e estende o casaco sobre o colo. Uma agenda de couro cai do bolso do casaco. Ele a apanha e, por uma razão qualquer, examina seu conteúdo.

Ali, entre recibos de táxi e cartões de crédito, encontra uma fotografia plastificada — é sua família. A filha adolescente, os seus olhos parecidos com

os da mãe e seu sorriso metálico; o filho que acabou de entrar na faculdade, vestindo jeans e gravata, entre a adolescência e a idade adulta; e sua mulher. Nossa, já passaram 25 anos? Subtraindo algumas rugas e alguns quilinhos, ele consegue vê-la de novo em seu vestido branco.

Por um breve instante, ele está de novo em casa. A TV está desligada. As crianças estão dormindo. O cachorro está lá fora. As portas estão trancadas. A lareira está acesa. Sua mulher está dormindo no sofá. Por um breve instante, o mundo de O'Hare, dos hotéis e das ligações comerciais está muito distante. Ele está onde tudo vale a pena. Está em casa.

Alguém bate em seu ombro e ele ouve uma voz gentil:

— Esse não é o seu voo?

Ele olha para o saguão meio vazio, vê uma fila se formando junto ao portão de embarque e sorri.

— É sim — diz o vendedor, pondo-se de pé. — É o meu voo para casa.

• • •

Quatro pessoas sobem o monte, fazendo um zigue-zague. O percurso tem sido longo; já está ficando tarde. Chegam a um platô na encosta e lá se sentam. Estão cansados. As pernas doem. O tom cinza do anoitecer cai sobre eles como um leve tecido.

O quarteto de peregrinos quer dormir, mas apenas três deles o fazem.

O quarto se senta nas sombras. As pernas cruzadas. O rosto voltado para o céu. As estrelas piscam para o seu Criador. Os ventos sopram sobre os ombros de seu Projetista, refrescando-lhe o pescoço. Ele tira as sandálias, esfrega os pés doloridos e reflete sobre a extravagância de tudo aquilo.

Um Deus com pernas doloridas? A santidade com fome? A divindade com sede? O Criador do mundo desgastado por seu próprio mundo?

Seus pensamentos se desgarram voltando para casa. “Nazaré. Como seria bom estar de novo em casa!”.

As memórias afloram com grande facilidade. Bancada coberta de serragem. Amigos parando para uma conversa. Risadas à mesa do jantar. Lutas com seus irmãos. A sinagoga. A casa. O lar.

“Eu daria qualquer coisa para voltar para casa!”.

Mas Nazaré nunca mais seria sua casa. Tentaram matá-lo a última vez em que ele esteve lá. Vizinhos, amigos, professores, colegas de escola... eles pegaram pedras que visavam atingir seu corpo. Até mesmo seus irmãos e irmãs o consideraram maluco. Queriam escondê-lo, confiná-lo. Sentiam vergonha de serem vistos como família dele.

“Não, Nazaré nunca mais será minha casa.”

E a Galileia? Ele poderia voltar para a Galileia. Lá a multidão o ouvia. Lá as pessoas o seguiam. Mas ele sacudiu a cabeça. “Desde que eu lhes desse pão... Desde que eu dissesse o que elas queriam ouvir...”. Ele se lembrou das pessoas que se afastaram dele. Ouviu as chacotas. Sentiu a rejeição.

“Não, não posso nunca mais voltar para a Galileia”.

Ele pensa em Jerusalém. Essa cidade não lhe oferece consolo. Ele sabe o que ela fará com ele. Um pressentimento doloroso perfura-lhe os pulsos. Ele se retrai antevendo sua testa retalhada. Vê o mundo ao seu redor tornando-se cada vez mais escuro... “Meu Deus!”, grita uma premonição dentro dele.

Ele balança a cabeça e respira confuso. Seus pensamentos voltam para o presente.

Apanha uma haste de grama, leva-a à boca e se senta à sombra de seu medo.

Olha para seus seguidores, tão adormecidos quanto simplórios. Eles não fazem a menor ideia. Simplesmente, não conseguem entender. Ele fala de sofrimento; eles pensam em conquistas. Ele fala em sacrifício; eles pensam em celebração. Ele é um artista que pinta quadros para cegos. É um cantor que canta para surdos. Eles sacodem a cabeça e batem palmas. Pensam que enxergam. Pensam que escutam. Mas são cegos e surdos.

Eles não conseguem enxergar. Ninguém enxerga.

Parte dele sabia que seria desse jeito. E parte dele nunca soube que seria tão ruim.

Parte dele se pergunta: “Seria muito ruim largar tudo agora?”. Afinal, poderia haver uma época melhor. Haveria outras gerações... outras pessoas.

Ele deu o melhor de si, e o que conseguiu com isso? Um bando de seguidores esfarrapados; sujeitos de bom coração, mas cabeçudos, fadados a dar com a cara no chão por suas promessas que não conseguem cumprir. Ele segura o rosto entre as mãos, fecha os olhos e ora. É tudo o que ele sabe fazer.

• • •

Não lhe parece familiar, você que procura a verdade? Faz muito tempo que você empreendeu uma busca — Galaaaz à procura do Santo Graal? Mas a floresta de perguntas era densa. A brenha das perplexidades, fechada. Era mais fácil calar-se do que perguntar por quê? Então você parou.

Não lhe parece familiar, você que sonha? Você queria tanto mudar o mundo. Com certeza a montanha era alta, mas você era destemido. Depois sopraram fortes ventos. Pontiagudas rochas reais feriram seus pés, alterando o ritmo de suas passadas... partindo o seu coração. E você descobriu que o papel do cético era mais fácil do que o do sonhador. Então você se sentou.

Você precisa saber de uma coisa: Jesus também se sentou.

Ah, com certeza houve momentos em que ele se manteve ereto. Houve horas de esplendor. Houve dias empolgantes nos quais os leprosos dançaram e os mortos recuperaram a vida e as pessoas adoraram. Aqueles dias aconteceram.

Mas seus platôs de popularidade foram engolidos por abismos profundos de solidão.

E neste dia, a fenda é abissal. Escarpadas encostas zombam de uma fuga fácil. Pilares rochosos aprisionam sua visão. A força dele atingiu seu solstício.

Ele se senta, segura em suas mãos um rosto molhado de lágrimas e ora. Isso é tudo o que consegue fazer.

E quando seu Pai o vê, é tudo o que seu Pai consegue aceitar.

De outra dimensão, provém uma luz. Ela cobre a figura solitária e resplende.

“Enquanto orava,” escreve Lucas, “a aparência do seu rosto se transformou, e suas roupas ficaram alvas e resplandecentes como o brilho de um relâmpago” (Lc 9.29).

Jesus mergulha em esplendor. Por um breve momento, ele se transfigura; uma irradiação intensa emana dele. Ele se transforma no que era antes de vir para este mundo. Por um breve momento, um momento brilhante, o fardo de sua humanidade é tirado de seus ombros. Ocorre uma “desencarnação”. Ele é elevado para cima do horizonte e escoltado na eternidade. Ele está novamente em casa. Sons familiares o envolvem. Os que entendem lhe dão as boas-vindas. Aquele que o enviou... o abraça.

Um mundo o separa, literalmente, dos caminhos poeirentos e dos corações empedernidos.

Aquele que se sentiu exausto é alertado: o cansaço logo passará.

Moisés e Elias, vestindo eternos mantos incandescentes, escoltam seu Rei. Quando Jesus estava se preparando no deserto para enfrentar a vida, os anjos vieram encorajá-lo. Agora, na montanha, quando ele está se preparando para enfrentar a morte, Moisés e Elias se aproximam: Moisés, o legislador cujo túmulo homem algum conheceu; Elias, o profeta que se evadiu da morte numa carruagem de fogo.

Aquele que viu a morte é alertado: o túmulo é impotente.

E, em seguida, a voz retumba. Deus ocupa uma nuvem. Torna-se uma fogueira de intenso resplendor. Ela consome as sombras. Transforma a anoitecida montanha num monumento brilhante. E do bojo da nuvem, o Pai fala: “Este é o meu Filho amado de quem me agrado. Ouçam-no!” (Mt 17.5).

Aquele que entrara em desespero é confirmado. “O que as pessoas pensam não tem importância”, grita Deus. “O que importa é o que eu penso. E eu me sinto orgulhoso”.

A essa altura Jesus está de pé. A essa altura os apóstolos estão acordados.

Para Pedro, Tiago e João, a cena é estranhíssima: ofuscantes nuvens brancas, uma voz provindo do céu, imagens vivas do passado. Mas para Jesus, é uma visão de casa. Uma visão do ontem. Um vislumbre do amanhã.

Ele é a mãe — grávida, trazendo uma nova vida, temendo as dores do parto.

Ele é o pai — numa longa viagem, num lugar frio.

Ele tem — como eles tiveram e como nós temos — um vislumbre de casa.

E o sonho de amanhã torna-se a coragem de hoje.

NOSSA TEMPESTADE FOI SEU CAMINHO

Imaginemos que um dos discípulos de Jesus mantivesse um diário. E imaginemos que esse discípulo tivesse escrito na manhã seguinte à tempestade. E imaginemos que nós descobríssemos esse diário. Aqui está a descrição que leríamos... imagino eu.

• • •

Apenas alguns minutos antes, irrompera o caos.

Céus, como rugiu a tempestade! As estrelas se esconderam atrás de um teto escuro. As nuvens cresceram como vagalhões de fumaça. Relampejantes raios eram como a batuta de um maestro provocando o retumbar de pratos e tambores.

E como retumbavam! As nuvens pareciam um urso erguido sobre as patas traseiras e rugia. Os estrondos sacudiam tudo: os céus, a terra e — acima de tudo — o mar. Era como se o mar da Galileia fosse uma tigela nas mãos de um gigantesco dançarino. Das entranhas das águas surgiam ondas, transformando a vítrea superfície numa cadeia de montanhas com o topo nevado. Com dois, três, até quatro metros de altura, subindo e descendo como andorinhas caçando mosquitos.

No meio do mar, nosso barco pulava. As ondas batiam nele como crianças bateriam numa bola. Nosso esforço com os remos não significava quase nada. Estávamos à mercê da tempestade. As ondas nos faziam subir tanto que nos sentíamos voando. Depois, para o fundo do vale nos arremessou.

Éramos um graveto num redemoinho... uma folha ao vento. Sentíamos-nos desamparados.

Foi então que a luz apareceu. No início pensei que fosse um reflexo da lua, um brilho na superfície da água. Mas não havia lua naquela hora. Olhei de novo. A luz se movia em nossa direção, não por sobre as ondas, mas através delas. Eu não era o único que a via.

“Um fantasma!”, exclamou alguém. O medo do mar foi eclipsado por um novo terror. Pensamentos se atropelaram quando o espectro se aproximou. Será que era fruto de nossa imaginação? Uma visão? Quem? Como? O que era aquela luz misteriosa que apareceu tão...?

O clarão de um raio iluminou o céu. Por um segundo pude ver o rosto... seu rosto. Não precisei de mais de um segundo.

Era o Mestre!

Ele falou:

“Coragem! Sou eu. Não tenham medo!” (Mt 14.27).

Nada havia mudado. Ainda rugia a tempestade. O vento ainda gemia. O barco ainda pulava. O trovão ainda estrondeava. A chuva ainda castigava. Mas, em meio ao tumulto, eu pude ouvir sua voz. Embora ele ainda estivesse longe, era como se ele estivesse ao meu lado. A noite era inclemente, e mesmo assim ele falou como se o mar estivesse plácido e o céu em silêncio.

De algum modo, a coragem voltou.

“‘Senhor’, disse Pedro, ‘se és tu... manda-me ir ao teu encontro por sobre as águas’ ” (Mt 14.28).

A voz era de Pedro. Ele não estava sendo arrogante. Não estava exigindo uma prova. Estava com medo. Como eu, ele sabia o que essa tempestade poderia fazer. Sabia que o barco logo afundaria. Sabia que Jesus se mantinha de pé. E ele sabia onde queria estar... onde todos nós queríamos estar.

“Venha”, convidou-o Jesus.

Pedro, então, pulou do barco, pisando no mar. Diante dele se abria uma trilha através de uma floresta de ondas. Ele caminhou rápido. A água

espirrava sob seus pés. Mas ele ia em frente. Esse caminho até Jesus era uma faixa de calma. Era tranquilo. Sereno.

No fim da trilha, Jesus irradiava luz. Sorrindo.

Pedro caminhou em direção à luz como se fosse sua última esperança. Ele estava a meio caminho quando todos nós ouvimos o trovão. O estrondo foi como o de uma explosão, e Pedro parou. Ele olhou para o céu, para as nuvens, sentiu o vento e começou a afundar.

Pedro gritou.

Foi então que, por entre o lençol de água, surgiu uma mão que agarrou Pedro. O relâmpago brilhou de novo e eu pude ver o rosto de Jesus. Notei que seu sorriso desaparecera. O sofrimento lhe envolvia o rosto. Tinha a expressão de quem não acreditava que nós não conseguíssemos acreditar. O que para nós era um perigo, para ele era apenas um desvio. Eu quis lhe perguntar: “Você não está com medo, Jesus? Não está com medo?”.

Mas eu não disse nada. De repente, Jesus estava no barco conosco.

O mar ficou suave como seda.

Os ventos se calaram.

Um clarão se abriu nas nuvens. Um luar agradável iluminou as águas.

Tudo aconteceu num instante. Não demorou a noite toda. Não demorou uma hora. Não demorou um minuto. Foi num piscar de olhos.

Do caos para a calma. Do pânico para a paz. O céu, de súbito, ficou tão silencioso que eu podia ouvir as batidas do meu coração. Será que estava sonhando? Depois, vi os olhos esbugalhados dos outros e senti minhas roupas encharcadas coladas ao corpo. Não fora um sonho. Olhei para as águas. Olhei para o Pedro. Olhei para os outros. E depois olhei para ele.

Fiz a única coisa que poderia ter feito. Tendo as estrelas como minhas velas e o barco serenado como meu altar, caí a seus pés e o adorei.

Há momentos na vida da gente em que, mesmo enquanto eles estão acontecendo, você sabe que você nunca mais será o mesmo. Momentos que, para sempre, serão marcos da jornada da vida. Esse foi um deles.

Eu nunca tinha visto Jesus como o vi naquele momento. Já o tinha visto poderoso. Já o tinha visto sábio. Já havia testemunhado sua autoridade e me maravilhado com suas proezas. Mas o que testemunhei ontem à noite jamais vou esquecer.

Eu vi Deus. O Deus que não consegue ficar sentado imóvel quando a tempestade é demasiado violenta. O Deus que permite que eu fique assustado o suficiente para precisar dele, mas logo se aproxima o suficiente para que eu o enxergue. O Deus que usa minhas tempestades como seu caminho para chegar até mim.

Eu vi Deus. Foi necessária uma tempestade para que eu o visse. Mas eu o vi. E eu nunca mais serei o mesmo.

ELES FARIAM TUDO DE NOVO

Eles fariam tudo de novo. Estou certo de que fariam. Os discípulos entrariam no mesmo barco e navegariam através da mesma tempestade. Eles o fariam de novo sem pestanejar. Por quê?

Porque foi por causa da tempestade que viram o Salvador.

Leia este versículo: “Então os que estavam no barco o adoraram, dizendo: ‘Verdadeiramente tu és o Filho de Deus’” (Mt 14.33).

Depois da tempestade, eles o adoraram. Nunca haviam feito isso antes, em grupo. Nunca. Verifique. Abra sua Bíblia. Tente encontrar uma única vez em que os discípulos, em conjunto, o louvaram.

Não vai encontrar.

Você não vai vê-los adorando Jesus quando ele cura o leproso, perdoa a adúltera ou prega para as massas. Eles estavam dispostos a segui-lo. Dispostos a largar a família. Dispostos a expulsar demônios. Dispostos a participar do exército.

Mas foi só depois do incidente no mar que eles realmente o adoraram. Por quê?

É simples: porque dessa vez, *eles* foram salvos. Dessa vez, o pescoço deles foi tirado do laço e o corpo deles, resgatado do abismo. Num minuto, eles se viram à beira do abismo, vendo a garganta profunda daquele precipício. No minuto seguinte, viram-se estatelados no chão, de olhos esbugalhados, no convés de um barco tranquilo num plácido mar.

Então eles o adoraram. Fizeram a única coisa que poderiam fazer depois que sua sentença de morte foi suspensa na última hora: contemplaram o Eterno Regente que lhes concedeu o perdão e lhe agradeceram.

• • •

Quando você reconhece Deus como Criador, você o admira. Quando reconhece a sua sabedoria, você aprende com ele. Quando você descobre a força que ele tem, confia nele. Mas só quando ele o salva, você o adora.

É um caso de “antes e depois”. Antes de seu resgate, você podia facilmente manter Deus à distância; confortavelmente descartado; elegantemente guardado na estante. Com certeza, Deus era importante, mas igualmente importante era sua carreira. Seu *status*. Seu salário. Ele ocupava um dos primeiros lugares na lista de prioridades, mas dividia sua posição com outras coisas.

Depois veio a tempestade... o furor... a luta... as amarras rompidas... a noite sem estrelas. O desespero caiu como uma névoa; seus pontos de apoio foram perdidos. No seu coração, você sabia que não havia saída.

Procurar ajuda em sua carreira? Só se você quiser se esconder da tempestade, e não escapar dela. Apoiar-se em seu *status* em busca de força? Uma tempestade não se impressiona com seus títulos. Confiar em seu salário para seu resgate? Muitos tentam e muitos fracassam.

De repente você só tem uma opção: Deus.

E quando você pede do fundo de seu coração, ele vem.

Daquele momento em diante, ele já não é simplesmente uma divindade a admirar, um professor a observar, um mestre a obedecer. Ele é o Salvador. O Salvador a ser adorado.

É por isso que eu estou convencido de que os discípulos fariam tudo aquilo de novo. Eles suportariam a tempestade mais uma noite... mil outras noites, se necessário.

Um período de sofrimento é um módico preço a pagar por uma nítida visão de Deus.

PARTE III

O ESPINHO DO FRACASSO

CASTELOS DE SOFRIMENTO

Sarah era rica. Tinha herdado vinte milhões de dólares. Além disso, tinha uma renda diária de mil dólares.

Isso é muito dinheiro em qualquer época, mas era uma quantia imensa no final do século 19.

Sarah era muito famosa. Ela era a beldade de New Haven, Connecticut. Nenhum evento social seria completo sem sua presença. Ninguém dava uma festa sem convidá-la.

Sarah era poderosa. Seu nome e sua fortuna abriam-lhe quase todas as portas nos Estados Unidos. As universidades queriam suas doações. Os políticos imploravam seu apoio. Qualquer organização buscava sua aprovação.

Sarah era rica. Famosa. Poderosa. E infeliz.

Sua única filha morrera com cinco semanas de vida. Depois morrera seu marido. Ela ficou só, com seu nome, sua fortuna, suas memórias... e seu sentimento de culpa.

Foi o sentimento de culpa que a fez se mudar para o oeste. Uma paixão pela penitência a conduziu à cidade de San Jose, na Califórnia. Seus “onténs” encarceravam seus “hojes”, e ela ansiava pela liberdade.

Ela comprou uma casa de fazenda de oito quartos junto com um terreno de 640 mil metros quadrados. Contratou 16 carpinteiros e lhes encomendou uma obra. Durante os 28 anos subsequentes, artesãos trabalharam todos os dias, 24 horas por dia, para construir sua mansão.

Os transeuntes se sentiam intrigados com aquele projeto. As ordens de Sarah eram mais que excêntricas; eram sinistras. O projeto tinha um toque macabro. Cada janela devia ter 13 vidraças; cada parede, 13 painéis; cada *closet*, 13 cabides; e cada lustre, 13 globos.

O projeto da casa era mórbido. Corredores serpenteavam aleatoriamente, alguns levando para lugar nenhum. Uma porta se abria para uma parede branca; outra, para um vão de 15 metros de altura. Um conjunto de escadas levava até o teto onde não havia nenhuma porta. Havia alçapões. Passagens secretas. Túneis. Essa não era uma casa para a futura aposentadoria de Sarah; era um castelo para seu passado.

A construção dessa misteriosa mansão só terminou com a morte de Sarah. A propriedade completa se esparramava por 24 mil metros quadrados. Tinha 6 cozinhas, 13 banheiros, 40 escadas, 47 lareiras, 52 claraboias, 467 portas, 10 mil janelas, 160 cômodos e uma torre com um sino.

Por que Sarah quis construir esse castelo? Ela não vivia só? “Bem, até certo ponto”, responderiam os que conheciam sua história. “Havia os visitantes...”.

E esses visitantes vinham cada noite.

A lenda diz que todos os dias à meia-noite um serviçal percorria o labirinto que conduzia até a torre. Tocava o sino... para convocar os espíritos. Sarah entrava então na “sala azul”, um recinto reservado para ela e seus hóspedes noturnos. Juntos lá ficavam até às duas da madrugada, quando o sino tocava de novo. Sarah voltava então para os seus aposentos e os fantasmas voltavam para suas sepulturas.

Quem compunha essa legião de fantasmas?

Índios e soldados mortos na fronteira dos Estados Unidos. Todos eles haviam sido mortos abatidos por balas disparadas pelo mais popular rifle americano — o Winchester. O que trouxera milhões de dólares para Sarah Winchester trouxera a morte para eles.

Assim ela passou o resto de seus anos de vida num castelo de remorso, oferecendo um lar para os mortos.

Se quiser, você pode visitar esse lugar assombrado em San Jose. Pode percorrer suas salas e ver tudo o que sobrou.

Mas para ver o que um sentimento de culpa mal resolvido pode fazer com um ser humano, você não precisa ir até a mansão Winchester. Vidas encarceradas na culpa de ontem estão presentes em sua cidade. Corações assombrados pelo fracasso moram em sua vizinhança. Pessoas presas em armadilhas estão logo ali, algumas casas adiante... ou ao fim do corredor.

Existe, escreveu Paulo, “a tristeza segundo o mundo” que “produz morte” (2Co 7.10). É uma culpa que mata. Uma dor que é fatal. Um remorso que é mortal.

Quantas Sarahs Winchester você conhece? Que distância você precisa percorrer para descobrir uma alma assombrada por fantasmas do passado? Talvez uma distância bastante pequena.

Talvez a história de Sarah seja sua história.

Nesse caso, eu me sinto especialmente grato pelo fato de este livro ter chegado às suas mãos. A seção final foi escrita pensando em você. Nestes capítulos finais, eu reuni pensamentos sobre o fracasso e o perdão.

Pois nas horas crepusculares da noite da sombria tempestade há uma história de graça.

É a história de Pedro: reconhecendo a voz do Mestre, vendo o rosto do Mestre e lutando para salvar-se da tempestade.

É igualmente outra história de Pedro: ouvindo os ventos, vendo a chuva torrencial e afundando nas águas.

Mas, acima de tudo, é a história de Jesus. É a história de Deus estendendo sua mão em meio a mares tempestuosos. É a resposta à pergunta que todos fazem: “Que faz Deus quando eu fracasso?”.

As respostas às perguntas do sentimento de culpa não estão numa casa nova.

A resposta está na fundação da casa que você tem.

MEDO QUE SE TORNA FÉ

Depois [...] viram Jesus [...] andando sobre o mar, e ficaram aterrorizados.

João 6.19

• • •

A fé muitas vezes nasce do medo.

O medo impeliu Pedro a pular do barco. Ele navegara sobre essas ondas antes. Sabia o que as tempestades podiam provocar. Tinha ouvido histórias. Tinha visto restos de naufrágios. Conhecia as viúvas. Sabia que a tempestade podia matar. E ele quis fugir.

A noite inteira ele quis fugir da tempestade. Durante nove horas ele segurara cordas de velas, lutara com remos e procurara cada sombra de esperança que pudesse aparecer no horizonte. Estava ensopado até a alma, cansado até os ossos dos funéreos gemidos do vento.

Olhe nos olhos de Pedro e você não verá convicção nesse homem. Analise seu rosto e você não encontrará uma expressão corajosa. Mais tarde, você vai encontrar. Vai ver sua coragem no jardim. Vai testemunhar sua devoção no dia de Pentecostes. Vai apreciar sua fé em suas epístolas.

Mas não nesta noite. Olhe nos olhos dele esta noite e veja o medo; um medo sufocante que fazia palpitar o coração de um homem sem saída.

De seu medo, porém, nasceria um ato de fé, pois a fé muitas vezes nasce do medo.

“O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria” (Pv 9.10), escreveu o sábio.

Pedro poderia ter sido a ilustração do sermão desse sábio.

Se Pedro tivesse visto Jesus caminhando sobre as águas num dia calmo, tranquilo, você acha que ele teria deixado o barco para ir na direção dele?

Também acho que não.

Se o lago estivesse liso como um tapete e a travessia fosse agradável, você acha que Pedro teria implorado a Jesus para dar um passeio, caminhando sobre a superfície das águas? Duvido.

Mas apresente a um ser humano uma escolha entre a morte certa e uma oportunidade maluca e ele vai optar pela oportunidade maluca, vai arriscar... sempre.

Os grandes atos de fé são raramente fruto de uma ponderação tranquila.

Não foi a lógica que fez Moisés levantar seu cajado nas margens do mar Vermelho (Êx 14.15-16).

Não foi um estudo médico que convenceu Naamã e mergulhar sete vezes no rio (2Rs 5.13-14).

Não foi o bom senso que fez Paulo abandonar a Lei e abraçar a graça (Rm 3).

E não foi um comitê confiante que orou numa pequena sala em Jerusalém intercedendo para que Pedro fosse libertado da prisão (At 12.6-17). Foi um medroso, desesperado grupo de crentes acuados. Foi uma igreja sem opções; uma congregação de indigentes implorando ajuda.

E eles nunca foram mais fortes do que nessa ocasião.

Quase sempre no início de um ato de fé há uma semente de medo.

• • •

As biografias de corajosos discípulos começam com capítulos de puro terror. Medo da morte. Medo do fracasso. Medo da solidão. Medo de uma vida

desperdiçada. Medo de não vir a conhecer Deus.

A fé começa quando, do fundo do vale, vemos Deus no alto da montanha e temos consciência de que somos fracos demais para empreender a escalada. Sabemos do que precisamos, sabemos o que temos, e o que temos não é suficiente para realizar coisa alguma.

Pedro dera o melhor que tinha. Mas seu melhor não foi suficiente.

Moisés tinha o mar à sua frente e o inimigo às suas costas. Os israelitas podiam nadar ou, então, lutar. Mas nenhuma dessas opções era suficiente.

Naamã tinha tentado curas e consultado curandeiros. Visitar regiões distantes para mergulhar num rio lamacento fazia pouco sentido quando havia rios limpos no quintal de sua casa. Mas que opção tinha ele?

Paulo havia estudado a Lei e a dominava. Dominava o sistema. Mas um vislumbre de Deus o convenceu de que sacrifícios e símbolos não eram suficientes.

A igreja de Jerusalém sabia que não havia esperança de libertar Pedro da prisão. Havia cristãos dispostos a lutar, mas em número demasiado reduzido. Eles tinham influência, mas não o suficiente. Não precisavam de força nem meios. Precisavam de um milagre.

O mesmo acontece com Pedro. Ele tem consciência de dois fatos: ele está afundando e Jesus permanece lá de pé. Ele sabe onde preferia estar.

Não há nada de errado nessa reação. A fé que surge a partir do medo nos aproxima do Pai.

• • •

Há pouco tempo estive no Texas participando de um funeral de um piedoso amigo da família. Ele havia criado cinco filhos. Um deles, Paul, contou-me uma história relatando sua primeira lembrança de seu pai.

Aconteceu na primavera texana, na época dos tornados. Paul tinha apenas três ou quatro anos, mas se lembra com nitidez do dia em que o tornado se abateu sobre sua pequena cidade.

Apressadamente, seu pai trouxe as crianças para dentro de casa e as mandou deitar-se no chão enquanto as cobria com um colchão. Mas o pai não se enfiou debaixo do colchão para proteger-se. Paul se lembra de espiar de lá debaixo do colchão e ver seu pai de pé junto à janela, observando a nuvem em forma de funil, rodopiando e retorcendo-se pela pradaria.

Quando Paul viu seu pai, ele não teve dúvida de onde queria estar. Arrancou-se dos braços da mãe, arrastou-se para fora da proteção do colchão e correu para agarrar-se às pernas do pai.

“Algo me disse”, contou-me Paul, “que o lugar mais seguro para eu ficar naquela tempestade era perto do meu pai”.

Algo disse a Pedro a mesma coisa.

• • •

“Senhor’, disse Pedro, ‘se és tu, manda-me ir ao teu encontro por sobre as águas’ ” (Mt 14.28).

Pedro não está testando Jesus; está implorando. Pisar num mar tempestuoso não é uma reação lógica; é uma reação de desespero.

Pedro se segura na borda do barco. Põe um pé na água... depois o outro. Dá vários passos. É como se tivesse sob seus pés um caminho de pedras submersas. No fim desse caminho, brilha o rosto de um amigo resolutivo.

Nós fazemos a mesma coisa, não é mesmo? Vamos ao encontro de Cristo numa hora de extrema necessidade. Abandonamos o barco das boas obras. Entendemos, como Moisés, que a força humana não nos salvará. Então, desesperados, olhamos para Deus. Entendemos, como Paulo, que todas as boas obras do mundo são minúsculas quando depositadas diante do Único Perfeito. Entendemos, como Pedro, que vencer a distância entre nós e Jesus é um feito demasiado grande para nossos pés. Então imploramos ajuda. Ouvimos a voz dele. E saímos andando, temerosos, na esperança de que nossa pouca fé seja suficiente.

A fé não nasce numa mesa de negociação em que nós damos o que temos em troca da bondade de Deus. A fé não é uma recompensa concedida aos mais sabidos. Não é um prêmio concedido aos mais disciplinados. Não é um título concedido aos mais religiosos.

A fé é o abandono desesperado do barco do esforço humano que está naufragando e uma oração pedindo a Deus que nos resgate das águas. Paulo escreveu a respeito desse tipo de fé em Efésios.

“Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8-9).

Paulo diz com clareza: a força suprema da salvação é a graça de Deus. Não nossas obras. Não nossos talentos. Não nossos sentimentos. Não nossa força.

A salvação é a presença súbita e calmante de Deus em meio aos turbulentos mares de nossa vida. Ouvimos sua voz; damos o passo.

Nós, como Paulo, temos consciência de duas coisas: somos grandes pecadores e precisamos de um grande Salvador.

Nós, como Pedro, temos consciência de dois fatos: estamos afundando e Deus permanece de pé. Saímos do barco com pressa. Abandonamos o *Titanic* da hipocrisia e trilhamos o caminho firme da graça de Deus.

E, surpreendentemente, conseguimos caminhar sobre as águas. A morte já não nos assusta. Erros são perdoáveis. A vida passa a ter uma finalidade real. E Deus não está apenas ao alcance de nossos olhos, ele está ao alcance de nossas mãos.

Com passos preciosos e cambaleantes, nós nos aproximamos dele. Durante um período de força surpreendente, firmamo-nos em suas promessas. Não faz sentido nossa capacidade de fazê-lo. Não alegamos que somos dignos desse dom incrível. Quando as pessoas perguntam como é que conseguimos manter nosso equilíbrio em tempos tão tempestuosos, nós não nos gloriamos. Não nos gabamos. Nós apontamos, sem sentir vergonha nenhuma, para Aquele que nos capacitou. Nossos olhos estão fixos nele.

“Nada trago a ti, Senhor! Espero só em teu amor”,¹ cantamos.

“Em nada ponho minha fé senão na graça de Jesus”,² declaramos.

“A graça, então, meu coração do medo libertou”,³ dizemos.

Alguns de nós, ao contrário de Pedro, nunca olham para trás.

Outros de nós, como Pedro, sentem a ventania e ficam com medo (Mt 14.30).

Talvez enfrentemos a ventania do orgulho: “Talvez eu não seja um grande pecador, pois veja o que posso fazer”.

Talvez enfrentemos a ventania do legalismo: “Sei que Jesus está fazendo a parte dele, mas estou fazendo todo o resto”.

A maioria de nós, porém, enfrenta a ventania da dúvida: “Eu sou perverso demais para Deus me tratar tão bem. Não mereço esse resgate”.

E assim, afundamos. Sob o peso da argamassa da mortalidade, nós afundamos. Engolindo água e nos debatendo, mergulhamos num mundo de escuridão. Abrimos os olhos e só vemos trevas. Tentamos respirar, mas o ar nos falta. Esperneamos e lutamos para voltar à superfície.

Com a cabeça mal fora da água, temos de tomar uma decisão.

Os orgulhosos perguntam: “Vamos ‘salvar as aparências’ e afogar-nos no orgulho? Ou vamos gritar pedindo socorro e segurar a mão de Deus?”.

Os legalistas perguntam: “Vamos afundar sob o pesado chumbo da Lei? Ou vamos abandonar os códigos e correr para a graça?”.

Os que duvidam perguntam: “Vamos alimentar a dúvida murmurando: ‘Eu realmente o decepcionei desta vez?’ Ou vamos esperar que o mesmo Cristo que nos chamou a deixar o barco nos chame para sairmos do mar?”.

Sabemos qual foi a escolha de Pedro.

“Mas [...] começando a afundar, gritou: ‘Senhor, salva-me!’” (Mt 14.30).

“Imediatamente Jesus estendeu a mão e o segurou” (Mt 14.31).

• • •

Nós também sabemos qual foi a escolha de outro navegante em meio a outra tempestade.

Embora separados por dezessete séculos, várias semelhanças surpreendentes associam este navegante a Pedro:

- Ambos ganhavam a vida no mar.
- Ambos encontraram seu Salvador depois de lutar nove horas em meio a uma tempestade.
- Ambos conheceram o Pai em meio ao medo e depois o seguiram na fé.
- Ambos abandonaram seus barcos e tornaram-se pregadores da Verdade.

Você conhece a história de Pedro, o primeiro dos dois navegantes. Permita-me contar-lhe a história do segundo deles, cujo nome era John.

Ele havia servido no mar desde os 11 anos. Seu pai, um armador inglês no Mediterrâneo, o levou a bordo e o treinou bem para uma carreira na Marinha Real da Inglaterra.

No entanto, o que John ganhou em experiência, faltou-lhe em disciplina. Ele zombava das autoridades. Andava em más companhias. Entregava-se aos hábitos pecaminosos típicos de um marinheiro. Embora seu treinamento o tivesse qualificado para servir como oficial da marinha, seu comportamento lhe valeu um espancamento e o rebaixamento.

Aos 20 e poucos anos, partiu para a África, onde se sentiu fascinado com o lucrativo comércio de escravos. Aos 21, ele ganhava a vida a bordo do *Greyhound*, um transatlântico navio negreiro.

John ridicularizava a moral e ria-se de quem era religioso. Chegava até a fazer piadas sobre um livro que no fim acabaria mudando sua vida: *Imitação de Cristo*. De fato, ele estava criticando esse livro poucas horas antes de seu barco ser surpreendido por uma violenta tempestade.

Naquela noite, as ondas surraram o *Greyhound*, levando o barco antes para as alturas, mergulhando-o depois num profundo vale.

John acordou e viu sua cabine cheia de água. Uma parte lateral do *Greyhound* estava danificada. Geralmente, uma avaria desse gênero teria mandado o navio para o fundo do mar em minutos. Mas o *Greyhound* transportava uma mercadoria flutuante e permaneceu à tona.

John trabalhou a noite inteira bombeando água. Durante nove horas, ele e os outros marinheiros lutaram para evitar que o navio afundasse. Mas ele sabia que estava perdendo a batalha. Finalmente, depois que suas esperanças foram mais açoitadas do que o navio, ele se atirou de joelhos no convés alagado e suplicou: “Se isto não basta, então, Senhor, tem piedade de todos nós”.

John recebeu a piedade que não merecia. O *Greyhound* e sua tripulação sobreviveram.

John nunca se esqueceu da misericórdia de Deus demonstrada naquele dia de tempestade no estrondoso Atlântico. Ele voltou para a Inglaterra onde se tornou um prolífico compositor de hinos. Você já cantou alguns deles, como este:

A estranha graça de Jesus
Um infeliz salvou!
Eu cego estava, deu-me luz,
Perdido, e me buscou!⁴

Esse traficante de escravos que se tornou compositor de hinos era John Newton.

Além disso, John também se tornou um vigoroso pregador. Durante quase 50 anos, ele subiu aos púlpitos e encheu igrejas, contando a história do Salvador que vem ao nosso encontro em meio à tempestade.

Um ou dois anos antes de sua morte, ele foi instando a parar de pregar porque estava perdendo a visão. “O quê?”, reagiu ele. “O velho blasfemador africano deve parar de pregar enquanto ele ainda consegue falar?”.

Não quis parar. Não podia parar. O que havia começado como uma oração motivada pelo medo resultou numa vida de fé. Durante seus últimos anos, alguém lhe perguntou sobre sua saúde. Ele confessou que suas forças estavam acabando: “A memória eu praticamente a perdi”, disse ele, “mas me lembro de duas coisas: eu sou um grande pecador e Jesus é um grande Salvador”.

Do que mais precisamos lembrar?

• • •

Dois navegantes e dois mares. Dois barcos em meio à tempestade. Duas orações motivadas pelo medo e duas vidas de fé. Unindo-as está um Salvador, um Deus que caminha através de qualquer dificuldade para estender sua mão salvadora a um filho que pede socorro.

PORQUE DEUS SORRI

Tenho um desenho de Jesus rindo. Está na parede de meu escritório, bem na frente da escrivaninha.

É um desenho excelente. A cabeça de Jesus está inclinada para trás. A boca está aberta. Os olhos cintilam. Ele não está apenas sorrindo. Está gargalhando. Ele não ouviu ou viu nada igual há algum tempo. Mal consegue recuperar o fôlego.

O desenho me foi dado de presente por um bispo episcopal que leva charutos no bolso e coleciona retratos de Jesus rindo. “Costumo dá-los de presente a quem se mostra inclinado a levar Deus demasiado a sério”, explicou ele ao entregar-me o desenho.

Ele acertou em cheio.

Não tenho facilidade para visualizar um Deus rindo. Um Deus chorando, sim. Um Deus irado, tudo bem. Um Deus poderoso, pode apostar. Mas um Deus dando risada? Parece muito... muito... muito em desacordo com o que Deus deve fazer — e ser. O que simplesmente mostra quanto eu sei (ou não sei) acerca de Deus.

O que acho que ele estava fazendo quando esticou o pescoço da girafa? Um exercício de engenharia? O que acho que ele tinha em mente quando mostrou ao avestruz onde esconder a cabeça? Praticando espeleologia? O que acho que ele estava fazendo quando planejou o grito de acasalamento de um

macaco? Ou os oito tentáculos do polvo? E o que vejo no rosto de Deus quando ele viu o primeiro olhar de Adão para Eva? Um bocejo?

Pouco provável.

À medida que minha visão melhora e eu consigo ler sem meus óculos de fundo de garrafa, vejo que um senso de humor talvez seja a única maneira de Deus nos aguentar por tanto tempo.

É ele que está lá se rindo enquanto Moisés esfrega os olhos diante da sarça ardente que fala?

É ele que está rindo de novo enquanto Jonas acaba na praia, pingando sucos gástricos e cheirando a bafo de baleia?

É ele que está piscando enquanto observa seus discípulos alimentando milhares de pessoas com o lanche de um menino?

Você acha que seu rosto fica impassível enquanto ele fala do sujeito que repara no cisco no olho de um amigo, mas não se dá conta da viga presente em seu próprio olho?

Você sinceramente imagina um Jesus carrancudo balançando crianças sobre seu joelho?

Não, eu acho que Jesus ria. Acho que ele se ria um pouco das pessoas e ria muito com elas.

Permita-me explicar com um exemplo.

• • •

Não sabemos nada a respeito dela; seu nome, sua história, sua aparência ou sua cidade natal. Ela surgiu do nada e ninguém sabe aonde foi acabar. Desapareceu do mesmo jeito que apareceu, como um sopro de fumaça.

Mas que sopro encantador foi aquela mulher!

Os discípulos, durante dois anos de treinamento, não haviam feito o que ela fez numa rápida conversa. Ela impressionou a Deus com sua fé. O coração dos discípulos talvez fosse bom. O desejo deles talvez fosse sincero. Mas a fé que eles mostraram não mexeu com a cabeça de Deus.

Mas a dela mexeu. Apesar de tudo o que não sabemos sobre ela, conhecemos uma verdade impressionante: ela surpreendeu a Deus com sua fé. Depois disso, qualquer outra coisa que ela possa ter feito é insignificante.

“Mulher, grande é a sua fé!” (Mt 15.28), declarou Jesus.

Que declaração! Especialmente quando se considera que foi Deus quem a fez. O Deus que pode segurar um punhado de galáxias na palma de sua mão. Aquele que, brincando, cria montes como o Everest. Aquele que pinta arco-íris sem o suporte de uma tela. Aquele que pode medir a espessura das asas de um mosquito com uma das mãos e com a outra aplinar uma montanha.

A gente pensaria que o Criador não se impressiona facilmente. Mas algo dessa mulher pôs um brilho nos olhos dele e, provavelmente, um sorriso em seu rosto.

Mateus a chamou de “mulher cananea” e, com isso, ele marcou dois pontos. Primeiro ponto: uma mulher. Ela vivia numa cultura que tinha pouco respeito pelas mulheres fora do quarto e da cozinha. Segundo ponto: uma cananea. Uma intrusa. Uma estrangeira. Uma maçã numa laranjeira.

Mas ela conheceu o Professor, que tinha muito respeito por ela.

Apesar de que não parece bem assim. De fato, o diálogo entre os dois parece áspero. Essa não é uma passagem fácil de entender, a menos que você esteja disposto a aceitar que Jesus sabia sorrir. Se você tiver dificuldades com o desenho na parede de meu escritório representando Jesus às gargalhadas, você vai ter dificuldades com esta história. Mas se você não tiver, se você achou que a ideia de Deus rindo lhe traz certo alívio, então vai gostar dos parágrafos seguintes.

Aqui está minha interpretação.

• • •

A mulher está em estado de desespero. Sua filha está endemoninhada.

A mulher cananea não tem direito algum de pedir algo a Jesus. Ela não é judia. Não é discípula. Não faz doações ao ministério de Jesus. Não promete

que vai se dedicar ao trabalho missionário. Fica a impressão de que ela sabe muito bem que Jesus não lhe deve nada e ela está lhe pedindo tudo. Mas isso não a desanima. Ela insiste em sua súplica.

“Tem misericórdia de mim!” (Mt 15.22).

Mateus observa que Jesus não diz nada no início. Nada. Ele não abre a boca. Por quê?

Para testá-la? A maioria dos comentaristas sugere isso. Talvez, dizem eles, ele esteja aguardando para avaliar a seriedade da súplica da mulher. Meu pai costumava me fazer esperar uma semana, a contar do dia em que eu lhe fazia um pedido, até o dia em que ele me dava sua resposta. Na maioria das vezes, eu até me esquecia do pedido feito. O tempo tem um jeito de separar caprichos de necessidades. Será que Jesus está fazendo isso?

Minha opinião é outra. Eu acho que ele a estava admirando. Eu acho que fez bem ao coração dele constatar essa fé corajosa só para variar. Acho que ele se sentiu revigorado vendo alguém pedir-lhe exatamente aquilo que ele viera fazer: distribuir preciosas dádivas entre filhos que não as mereciam.

Como é estranho que não o deixemos fazer isso por nós com maior frequência.

Talvez a resposta mais surpreendente em relação à dádiva de Deus seja nossa relutância em aceitá-la. Nós a queremos. Mas de acordo com nossos termos. Por alguma razão estranha, nós nos sentimos melhor se a merecermos. Assim, criamos complicadas veredas religiosas e enveredamos por elas, transformando Deus num treinador, sendo nós seus animais de estimação, e a religião, um circo.

A mulher cananeia sabia que não era merecedora de nada. Ela não tinha nenhum *curriculum vitae*. Não alegava nenhuma herança. Não havia conseguido diplomas. Ela só sabia duas coisas: sua filha estava doente e Jesus era poderoso.

• • •

Os discípulos estão incomodados. Enquanto Jesus se mantém em silêncio, eles vão ficando mais presunçosos. “Manda-a embora”, pedem. O holofote é direcionado sobre Jesus. Ele olha para os discípulos, depois para a mulher. E o que vem em seguida é um dos diálogos mais intrigantes do Novo Testamento.

— Eu fui enviado apenas às ovelhas perdidas de Israel — diz Jesus.

— Senhor, ajuda-me!

— Não é certo tirar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos — responde ele.

— Sim, Senhor, mas até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos — responde a mulher (Mt 15.24-27).

Jesus está sendo rude? Está estressado? Está frustrado? Está chamando essa mulher de cachorrinha? Como vamos explicar esse diálogo?

Os comentários bíblicos apresentam três opções.

Alguns dizem que Jesus ficou sem saída. Ele não podia ajudar a mulher porque fora enviado primeiro às ovelhas perdidas de Israel. Ótima teoria, mas cheia de problemas. Um deles é a mulher samaritana. Outro, o caso do centurião. Jesus já havia ajudado gentios e mantivera o foco de sua missão. Sendo assim, por que não poderia ajudar agora?

Outros pensam que Jesus foi rude. Quem pode censurá-lo? Ele estava cansado. Fizera uma longa viagem. Os discípulos vinham se apresentando com muito vagar. E o pedido da mulher foi a gota d’água.

Você gosta dessa explicação? Eu também não. Aquele que se compadecera de milhares de homens, que havia chorado pela cidade de Jerusalém, que viera para tentar salvar gente como essa mulher não ia perder a paciência tão de repente diante de uma mulher necessitada como essa.

A teoria mais popular é que ele a estava testando... de novo. Simplesmente para ter certeza de que seu pedido era sério. Simplesmente para certificar-se de que sua fé era verdadeira.

Mas ele fez isso insinuando que ela era uma cachorrinha?

Eu acho que isso é uma coisa que ele não faria. Permita-me sugerir uma alternativa.

Não seria possível que Jesus estivesse dizendo aquilo de brincadeira? Não seria possível que ele e essa mulher estivessem travando um diálogo de provocação mútua? Será que temos aqui um diálogo irônico que enfatiza a infinita graça de Deus? Será que Jesus está tão satisfeito por ter encontrado alguém que não faz escambo com um sistema religioso ou se orgulha de uma herança religiosa que ele não resiste e introduz no diálogo alguns elementos satíricos?

Jesus sabe que ele pode curar a filha da mulher. Sabe que não está preso a um planejamento. Sabe que o coração dela é bom. Então decide envolver-se em alguns lances de bom humor com uma mulher fiel. No fundo, foi isto que eles disseram:

— Escuta aqui, você sabe que Deus só se preocupa com judeus — diz ele rindo.

E quando ela entende o espírito da coisa, ela lhe dá esta boa resposta:

— Mas seu pão é tão bom que vou me dar por satisfeita comendo as migalhas.

Num tom exuberante, ele exclama:

— Nunca vi tanta fé! Sua filha está curada.

Essa história não retrata um Deus desrespeitoso. Retrata um Deus bem disposto que se compraz diante de alguém que o busca com sinceridade.

Isso é ótimo, não é?

• • •

Conta-se uma história sobre a ocasião em que o cavalo de Napoleão fugiu dele. Um diligente soldado raso pulou sobre seu cavalo e conseguiu pegar o cavalo do imperador. Quando ele lhe apresentou as rédeas do animal, Napoleão as pegou, sorriu para o diligente soldado raso e disse: “Obrigado, Capitão”.

Os olhos do soldado se esbugalharam quando ele ouviu aquilo. Ele se apurou. Bateu continência. E de pronto respondeu: “Obrigado, senhor!”.

Imediatamente foi para a caserna. Pegou sua mochila. Mudou-se para o alojamento dos oficiais. Levou seu velho uniforme para o oficial responsável pelos equipamentos e o trocou pelo uniforme de capitão. Pela palavra do imperador, ele se transformou de soldado raso em oficial graduado.¹ Ele não discutiu. Não deu de ombros. Não duvidou. Ele sabia que aquele que tinha o poder de fazer aquilo o fizera. E ele aceitou o que foi feito.

Quem dera nós fizéssemos o mesmo! Quem dera nós tivéssemos a fé do soldado raso e a confiança da mulher cananeia. Quem dera, quando Deus sorri e diz que estamos salvos, nós lhe prestássemos continência, lhe agradecêssemos e vivêssemos como quem acaba de receber um presente do comandante-chefe.

No entanto, nós raramente o fazemos. Preferimos obter a salvação à moda antiga: fazendo por merecê-la. Aceitar a graça é admitir um fracasso, é um passo que hesitamos em dar. Optamos por impressionar Deus, mostrando-lhe como somos bons, em vez de reconhecermos sua grandeza. Nós confundimos a nós mesmos com doutrinas. Sobrecarregamo-nos com normas. Pensamos que Deus vai sorrir ao ver nossos esforços.

Não vai.

O sorriso de Deus não é para o praticante de longas caminhadas que esbanja saúde e se vangloria de ter percorrido a jornada sozinho; mas sim para o leproso manco que, implorando, pede que Deus lhe dê um lombo que o carregue.

Tais foram as palavras da cananeia. Ela sabia que seu pedido era absurdo. Mas também sabia que Jesus era o Senhor.

Poderiam ser dela as palavras de Daniel: “Não te fazemos pedidos por sermos justos, mas por causa da tua grande misericórdia” (Dn 9.18).

Ela veio, apostando na esperança de que Jesus atenderia seu pedido, baseada na bondade dele, e não no mérito dela.

E foi o que ele fez. Sorrindo.

Quando penso nas orações que fiz e Deus me atendeu apesar da vida que tenho levado, eu penso que ele deve estar sorrindo.

Portanto vou manter o desenho de Jesus sorrindo na parede de meu escritório.

O VISITANTE SACRIFICIAL

Permita-me descrever-lhe uma cena. Mais adiante, no fim do capítulo, pedirei que você retorne a ela.

Um senhor idoso caminha numa praia da Flórida. O sol está se pondo feito uma enorme bola laranja no horizonte. As ondas batem na areia. Há um cheiro pungente de água salgada no ar. A praia está vazia. Não há sol para seduzir os banhistas. Não há luz suficiente para os pescadores. Assim, excluindo-se algumas pessoas que vão caminhando ou correndo, o idoso está a sós.

Numa de suas ossudas mãos ele carrega um balde. Um balde de camarões. Não é para si mesmo. Não é para os peixes. É para as gaivotas.

Ele caminha até um píer isolado que brilha debaixo do sol poente. Caminha até o fim do píer. Chegou a hora de seu ritual da semana.

Ele para e espera.

Logo o céu se transforma numa massa de pontos dançantes. O silêncio do anoitecer dá lugar aos gritos de aves. Elas coalham o céu e depois cobrem os ancoradouros. Estão realizando sua peregrinação para receber o ancião.

Durante cerca de meia hora, o senhor de sobranceiras espessas e ombros arqueados permanece no píer, cercado pelos pássaros do mar, até seu balde ficar vazio.

Mas mesmo depois que o alimento acabou, suas amigas aladas ainda ficam por perto. Elas se detêm como se sentissem atraídas por algo maior do que o

simples alimento. Elas pousam no chapéu do ancião. Caminham pelo píer. E todos desfrutam desse momento de mútua companhia.

Imaginou a cena? Agora, deixe-a de lado por alguns minutos.

• • •

Jesus saiu dali e foi para a beira do mar da Galileia. Depois subiu a um monte e se assentou. Uma grande multidão dirigiu-se a ele, levando-lhe os aleijados, os cegos, os mancos, os mudos e muitos outros, e os colocaram aos seus pés; e ele os curou. O povo ficou admirado quando viu os mudos falando, os mancos curados, os aleijados andando e os cegos vendo. E louvaram o Deus de Israel.

Jesus chamou os seus discípulos e disse: “Tenho compaixão desta multidão; já faz três dias que eles estão comigo e nada têm para comer. Não quero mandá-los embora com fome, porque podem desfalecer no caminho”.

Mateus 15.29-32

Esse não foi o dia em que Jesus alimentou cinco mil homens, mas o dia em que ele alimentou *quatro* mil. Embora os eventos tenham muitas coisas em comum, eles diferem em vários aspectos:

- Quando Jesus alimentou os cinco mil, ele estava com judeus; quando alimentou os quatro mil (sem contar mulheres e crianças), ele estava em Decápolis, região de gentios.
- Quando Jesus alimentou os cinco mil, ele ensinou e curou; quando ele esteve com os quatro mil, não há registro de que ele tenha ensinado — apenas curou.
- Quando Jesus esteve com os cinco mil, ele ficou com eles durante uma tarde; quando ele esteve com os quatro mil, ficou com eles por três dias.

Durante três dias ele fez uma coisa extraordinária: ele curou. “Os aleijados, os cegos, os mancos, os mudos e muitos outros” vieram até ele, escreve

Mateus, “e ele os curou”.

Muitas vezes eu gostaria que os autores do Novo Testamento tivessem detalhado um pouco mais suas descrições. Este é um desses casos. “E ele os curou” é uma frase muito lacônica para descrever o que deve ter sido um espetáculo impressionante.

Solte sua imaginação. Você consegue visualizar a cena?

Você consegue ver o marido cego enxergando sua mulher pela primeira vez? Os olhos dele penetrando nos olhos marejados dela como se ela fosse a rainha da manhã?

Visualize o homem que nunca havia caminhado, agora caminhando. Você não percebe que ele não queria se sentar? Você não percebe que ele correu e pulou e dançou com seus filhos?

E que dizer do mudo que não podia falar? Você consegue imaginá-lo sentado junto ao fogo, tarde da noite, conversando? Dizendo e cantando tudo e qualquer coisa que ele sempre quisera dizer e cantar?

E a mulher surda que não podia ouvir. Qual foi a sensação dela ao ouvir seu filho chamando-a de “Mamãe” pela primeira vez?

Coisas desse tipo aconteceram durante três dias. Pessoas e mais pessoas. Macas e mais macas. Muletas e mais muletas. Sorrisos e mais sorrisos. Não há nenhum registro de Jesus pregando ou ensinando ou instruindo ou desafiando. Ele simplesmente curou.

“O povo”, escreveu Mateus, “ficou admirado quando viu os mudos falando, os aleijados curados, os mancos andando e os cegos vendo”. Quatro mil pessoas admiradas, cada uma contando uma história mais extraordinária que a outra. No meio de todos eles está Jesus. Não se queixando. Não adiando. Não exigindo. Simplesmente desfrutando de cada minuto.

Em seguida, Mateus, sempre o grande economizador de palavras, nos deu outra frase que eu gostaria que ele tivesse detalhado mais:

“E louvaram o Deus de Israel”.

Eu me pergunto: louvaram como? Tenho mais certeza sobre o que eles *não* fizeram do que sobre o que de fato fizeram. Tenho certeza de que eles não formaram uma comissão de louvor. Tenho certeza de que não fizeram roupas especiais para louvar. Tenho certeza de que não se sentaram em fileiras olhando um para a nuca do outro.

Tenho sérias dúvidas de que tenham escrito um credo determinando como deveriam louvar esse Deus que nunca haviam adorado antes. Não consigo vê-los discutindo detalhes técnicos. Duvido que eles tenham achado que deviam louvar em algum recinto fechado.

E eu sei que eles não esperaram até o sábado para louvá-lo.

Louvaram o Deus de Israel. Cada um a seu modo, seguindo seu coração, louvou Jesus. Quem sabe algumas pessoas vieram e se prostraram aos pés dele. Quem sabe algumas gritaram seu nome. Talvez umas poucas tenham subido o monte para contemplar o céu e sorrir.

Imagino uma mãe e um pai parados, sem palavras, diante do Curador, enquanto seguram no colo seu bebê que acabou de ser curado.

Consigo visualizar um leproso olhando assombrado para Aquele que o livrou de seu terror.

Consigo imaginar multidões de pessoas se empurrando, querendo se aproximar de Jesus. Não para pedir alguma coisa, mas só para dizer “obrigado!”.

Talvez alguns tenham tentado pagar Jesus, mas que pagamento teria sido suficiente?

Talvez alguns tenham tentado recompensá-lo com algo em troca pelo presente recebido. Mas o que alguém poderia dar para expressar sua gratidão?

Tudo que o povo podia fazer foi exatamente o que Mateus disse que aconteceu.

“[Eles] louvaram o Deus de Israel.”

Independentemente de como o fizeram, eles o louvaram. E Jesus se comoveu. Comoveu-se tanto que insistiu que ficassem para fazer uma

refeição antes de irem embora.

Sem empregar o termo *adoração*, esta passagem define o que ela é. A adoração acontece quando alguém tem consciência de ter recebido muito mais do que pode dar em retribuição. A adoração é a consciência de que, se não fosse pelo toque dele, ainda estaríamos cambaleando e sentindo dor, amargura e desânimo. A adoração é aquela expressão estampada no rosto do peregrino do deserto que descobriu que o oásis não é uma miragem.

A adoração é o “muito obrigado” que se recusa a calar.

Nós tentamos transformar a adoração em ciência. Não podemos fazê-lo, assim como não podemos “vender amor” ou “negociar paz”.

A adoração é um ato voluntário de gratidão que a pessoa salva oferece ao Salvador; que a pessoa curada oferece ao Curador e que a pessoa liberta oferece ao Libertador. E se você e eu conseguimos passar dias e dias sem sentir a necessidade de dizer um “muito obrigado” a quem nos salvou, curou e libertou, então seria bom que nos lembrássemos do que ele fez.

• • •

O idoso do píer não conseguia passar uma semana sem dizer “muito obrigado”.

O nome dele era Eddie Rickenbacker. Se você estava vivo em outubro de 1942, talvez se lembre do dia em que foi dada a notícia de seu desaparecimento no mar.

Ele fora enviado numa missão para entregar uma mensagem ao general Douglas MacArthur. Com uma tripulação escolhida a dedo a bordo de um B-17, conhecido como “Fortaleza Voadora”, ele partiu para atravessar o Pacífico. A certa altura, a tripulação se perdeu, o combustível acabou e o avião caiu.

Todos os oito membros da tripulação escaparam em jangadas salva-vidas. Lutaram contra as intempéries, a água, os tubarões e o sol. Mas acima de

tudo, lutaram contra a fome. Depois de oito dias, suas rações tinham acabado. Não tinham mais opções. Seria preciso um milagre para sobreviverem.

E um milagre aconteceu.

Depois de um momento de devoção vespertino, os homens fizeram uma oração e tentaram descansar. Enquanto Rickenbacker estava cochilando com o chapéu sobre os olhos, alguma coisa pousou em sua cabeça. Mais tarde ele diria que soube que era uma gaivota. Ele não soube como soube; simplesmente soube. A gaivota significava comida... se ele conseguisse apanhá-la. E ele conseguiu.

A carne foi consumida. As tripas da ave serviram de iscas para pescar. E a tripulação sobreviveu.

O que estava fazendo aquela gaivota a centenas de quilômetros da terra?

Só Deus sabe.

Mas fosse qual fosse a razão, Rickenbacker se sentiu agradecido. Em consequência disso, todas as sextas-feiras esse velho capitão caminhava até o píer com seu balde cheio de camarões e o coração cheio de agradecimento.

Sábios seremos se fizermos o mesmo. Temos muito em comum com Rickenbacker. Nós também fomos salvos por um Visitante Sacrificial.

Nós também fomos resgatados por alguém que empreendeu uma longa viagem só Deus sabe de onde.

E nós, como o capitão, temos todos os motivos para olhar para o céu... e adorar.

SANTIDADE DE PIJAMA OU CAMISOLA

Quando seu mundo toca o mundo de Deus, o resultado é um momento santo. Quando a elevada esperança divina beija sua dor terrena, é um momento santo. Esse momento talvez aconteça num domingo durante a Ceia do Senhor ou numa noite de quinta-feira numa pista da patinação. Talvez aconteça numa catedral ou num vagão do metrô, próximo a um arbusto de sarça ardente ou a um cocho onde se alimenta o gado. Não importa quando e onde. O que importa é que momentos santos acontecem. Todos os dias. E eu gostaria de conversar com você sobre o momento mais santo de sua vida.

Não, não se trata de seu nascimento. Nem de seu casamento. Nem do nascimento de um filho. Estou falando sobre o momento mais santo de sua vida. Os outros são momentos especiais, que cintilam evidenciando reverência. Mas, comparados com esse momento, eles não são mais santos do que um arrote.

Estou falando sobre a hora sagrada.

Não, não se trata de seu batizado ou de sua pública profissão de fé. Nem de sua primeira comunhão, nem de sua primeira confissão, nem mesmo de seu primeiro encontro de namoro. Eu sei que esses momentos são preciosos e, certamente, são sacrossantos, mas tenho em mente outro momento.

• • •

Aconteceu esta manhã. Logo depois de você acordar. Exatamente ali em sua casa. Você o deixou passar despercebido? Permita-me recriar a cena.

O despertador toca. Sua mulher cutuca você, ou seu marido chama a sua atenção, ou então sua mãe sacode você. E você acorda.

Você já caiu de novo no sono três vezes; se cair mais uma vez, vai se atrasar. Você já pediu mais cinco minutos... cinco vezes; se pedir de novo, vai ter água despejada em sua cabeça.

Chegou a hora. Já amanheceu. Então, com um gemido e um resmungo, você afasta as cobertas e tira um pé do calor da cama e o joga num mundo frio. Depois o outro pé o acompanha relutante.

Você se senta na beirada da cama e tenta abrir os olhos. As pálpebras estão pesadas e resistem. Você usa a ponta dos dedos para abrir os olhos e espreita o quarto.

(Ainda não é o momento santo, mas ele está prestes a chegar.)

Você se põe de pé. Nesse momento, dói tudo o que vai doer no decorrer do dia. É como se a pessoinha em seu cérebro encarregada da dor precisasse testar os circuitos antes de você entrar no banheiro.

— Dor nas costas?

— Verifique.

— Torcicolo?

— Verifique.

— Joelho machucado no jogo de futebol na escola?

— Continua doendo.

— Descamação do couro cabeludo?

— Continua a coceira.

— Reação alérgica?

— Atchim!

Com a graciosidade de uma elefanta grávida, você se encaminha para o banheiro. Você gostaria que houvesse um jeito de acender a luz bem devagar,

mas não há. Então você estapeia o interruptor da lâmpada, pisca para ajustar os olhos à claridade e vai em direção à pia.

Você está se aproximando do momento sagrado. Provavelmente você não sabe, mas você acaba de pisar sobre ladrilhos santos. Você está no lugar santíssimo. A sarça ardente do seu mundo.

O momento mais santo de sua vida está prestes a acontecer. Escute com atenção. Você vai ouvir o farfalhar de asas de anjos sinalizando a chegada deles. Trombetas estão postadas nos lábios do céu. Uma nuvem de majestade envolve seus pés descalços. As hostes celestes param atentas no momento em que você ergue seus olhos e...

(Prepare-se. É agora. O momento santo está próximo.)

Címbalos soam. Trombetas ecoam em recintos sagrados. A criançada do céu corre pelo universo espalhando pétalas de flores. As estrelas dançam. O universo aplaude. As árvores oscilam em coreográfica adulação. É isso mesmo que devem fazer, pois o filho ou a filha do Rei despertou.

Olhe no espelho. Contemple a pessoa santa. Não desvie os olhos. A imagem da perfeição está olhando para você. O momento santo chegou.

Eu sei o que você está pensando. “Você chama isso de ‘santo’? Você chama isso de ‘perfeito’? Você não conhece minha aparência às seis da manhã.”

Não conheço, mas posso imaginar. Cabelos emaranhados. Pijama ou camisola amarrotados. Camadas de remela grudadas nos cantos de seus olhos. Barriga saliente. Lábios secos. Olhos inchados. Bafo que poderia manchar uma vidraça. Cara de assustar cachorro.

“Qualquer coisa, mas nada de santo”, diz você. “Me dê uma hora, e aí eu vou parecer santo ou santa. Me dê um café, um pouco de maquiagem. Me dê uma escova de dentes e outra de cabelos, e eu vou deixar este corpo apresentável. Um pouco de perfume... umas borrifadas de água-de-colônia. Leve-me depois para o lugar santíssimo. Então farei o céu sorrir”.

Ora, é nesse ponto que você se equivoca. Veja bem, o que torna esse momento matinal tão santo é sua simplicidade. O que torna o espelho

matinal santificado é o fato de você estar vendo nele exatamente o que Deus vê.

E quem Deus ama.

Sem maquiagem. Sem camisa bem passada. Sem gravata autoritária. Sem sapatos bem combinados. Sem camadas de imagens. Sem joias indicando *status*. Simplesmente uma despojada simplicidade.

Só você.

Se as pessoas gostam de você às seis e meia da manhã, uma coisa é certa: elas gostam de *você*. Não gostam de seu título. Não gostam de seu estilo. Não gostam de suas conquistas. Elas simplesmente gostam de você.

“O amor”, escreveu uma alma perdoada, “perdoa muitíssimos pecados” (1Pe 4.8).

Parece o amor de Deus.

“Ele aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados” (Hb 10.14), escreveu outro.

Sublinhe a palavra *aperfeiçoou*. Note que a palavra não é *melhorou*. Nem *refinou*. Nem *promoveu*. Deus não melhora; aperfeiçoa. Ele não amplia; completa. Que falta a uma pessoa perfeita?

Reconheço, porém, que somos imperfeitos num aspecto. Ainda erramos. Ainda tropeçamos. Ainda fazemos exatamente o que não queremos fazer. E essa parte de nós, segundo o versículo acima, está “sendo santificada”.

Quando se trata de nossa posição perante Deus, nós somos perfeitos. Quando ele vê cada um de nós, ele vê alguém que se tornou perfeito por meio do único que é perfeito — Jesus Cristo.

“Os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram” (Gl 3.27).

Hoje de manhã eu “vesti” roupas para esconder as imperfeições que prefiro não exhibir. Quando você me vê, totalmente vestido, não consegue ver as cicatrizes ou as marcas que tenho pelo corpo.

Quando nós escolhemos ser batizados em Cristo, mediante um símbolo bem como um estilo de vida, acontece essa mesma proteção. Nossos pecados

e nossas transgressões se perdem debaixo do completo esplendor do revestimento dele. “Pois vocês morreram, e agora a sua vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3.3). É importante que você não deixe escapar o impacto desse versículo. Quando Deus nos vê, ele também vê Cristo. Vê perfeição! Não a perfeição adquirida por nós, mas a perfeição que foi paga por ele.

Refleta por um momento sobre estas palavras:

“Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que *nele* nos tornássemos justiça de Deus” (2Co 5.21).

Leia agora essas mesmas palavras na moderna tradução de J. B. Phillips:

Pois Deus fez com que Cristo, que absolutamente não conhecia o pecado, fosse *feito* pecado por amor de nós, a fim de que em Cristo fôssemos feitos bons com a bondade de Deus.

Observe as últimas quatro palavras: “a bondade de Deus”. A bondade de Deus agora pertence a você. Você é perfeição absoluta. Sem imperfeição. Sem defeitos ou erros. Sem mancha. Sem rival. Sem mácula. Sem par. Virginal. Perfeição imerecida, mas absoluta.

Não admira que o céu aplauda quando você desperta. Uma obra-prima se pôs em movimento.

— Silêncio! — sussurram as estrelas. — Vejam que maravilha de criatura.

— Nossa! — exclamam os anjos. — Que prodígio Deus criou.

Assim, enquanto você resmunga, a eternidade se admira. Enquanto você vai tropeçando, os anjos se fascinam. O que você vê no espelho como um desastre matinal é, na realidade, um milagre matinal. Santidade de pijama ou camisola.

“Prossiga e vista-se. Prossiga e coloque os anéis, apare os bigodes, penteie os cabelos e cubra as manchas na pele. Faça isso em benefício de sua imagem

pessoal. Faça isso para garantir o emprego. Faça isso em benefício dos que têm de se sentar a seu lado. Mas não o faça para Deus.”

Ele já viu você como você é na realidade. E, no livro dele, você é perfeito.

A ESCOLHA

“Por que tenho vontade de fazer coisas más?”, indagou minha filha, fazendo uma pergunta bastante comum entre aqueles que buscam a verdade. “Por que desejo fazer uma coisa que detesto? Que é esse macaquinho tagarela dentro de mim?”. Ou, talvez, uma pergunta mais fundamental se apresente: “Se o pecado me separa de Deus, por que Deus não me separa do pecado? Por que ele não me afasta da opção de pecar?”.

Para responder a essa pergunta, vejamos o começo.

Vamos ao jardim do Éden para observar a semente que foi, ao mesmo tempo, uma bênção e uma maldição. Vejamos por que Deus deu ao ser humano... a escolha.

• • •

Por trás de tudo estava a escolha. Uma decisão premeditada. Uma atitude consciente. Ele não precisava fazer o que fez. Mas escolheu fazer. Ele sabia qual era o preço daquilo. Via as implicações. Estava ciente das consequências.

Nós não sabemos quando ele decidiu fazer o que fez. Não podemos saber. Não só porque não estávamos presentes. Mas também porque o tempo não estava lá. O *quando* não existia, nem existiam o *amanhã* ou o *ontem* ou a *próxima vez*. Pois não existia o tempo.

Nós não sabemos quando ele criou a escolha. Mas sabemos que ele o fez. Não precisava fazê-lo. Mas escolheu fazê-lo.

Ele escolheu criar.

“No princípio Deus criou...” (Gn 1.1).

Com uma única decisão, começou a história. A existência se tornou mensurável.

Do nada surgiu a luz.

Da luz surgiu o dia.

Depois vieram o céu... e a terra.

E sobre a terra? Uma poderosa mão se pôs a trabalhar.

Canyons foram abertos. Oceanos foram escavados. Montanhas irromperam de planícies. Estrelas foram atiradas no espaço. Um universo passou a cintilar.

Nosso sol tornou-se apenas mais um dentre milhões. Nossa galáxia tornou-se apenas mais uma dentre milhares. Planetas invisivelmente atrelados a sóis esfuziaram pelo espaço em velocidades estonteantes. Estrelas brilharam com um calor que poderia derreter nosso planeta em segundos.

A mão por trás disso tudo era poderosa. Ele é poderoso.

E, com seu poder, ele criou. Com a mesma naturalidade que um pássaro canta e um peixe nada, ele criou. Exatamente como um artista não pode deixar de pintar e um corredor não pode deixar de correr, ele não podia deixar de criar. Ele foi o Criador. Na absoluta plenitude do termo, ele foi o Criador. Um sonhador e projetista incansável.

Da paleta do Eterno Artista saíram maravilhas inimitáveis. Antes que existisse uma pessoa para apreciá-la, sua criação estava repleta de beleza. As flores não se limitavam a crescer; elas floresciam. Os passarinhos não se limitavam a nascer; eles botavam ovos e os chocavam. Os salmões não se limitavam a nadar; eles saltavam.

As coisas comuns não encontraram seu lugar no universo.

Ele deve ter gostado muito. Os criadores têm prazer em criar. Tenho certeza de que ele se agradou de suas ordens: “Hipopótamo, você não vai andar... vai bambolear!”. “Hiena, latir é simples demais. Deixe-me mostrar como você deve rir!”. “Olha, guaxinim, eu fiz uma máscara para você!”. “Vem

cá, girafa. Vamos esticar um pouco esse pescoço”. E assim ele foi fazendo. Dando às nuvens sua vaporosidade. Dando aos oceanos seu azul. Dando às árvores o seu balanço. Dando às rãs seu pulo e coaxado. O poderoso casou-se com o criativo e nasceu a criação.

Ele era poderoso. Ele era criativo.

E ele era amor. Maior ainda que seu poder e mais profunda que sua criatividade era a sua característica que tudo abrangia: O amor.

A água tem de ser molhada. O fogo tem de ser quente. Não se pode tirar a umidade da água e ainda ter água. Não se pode tirar o calor do fogo e ainda ter fogo.

Da mesma forma, não se pode tirar o amor desse Criador que vive desde antes dos tempos e ainda preservar sua existência. Pois ele era... e é... amor.

Sonde-o profundamente. Explore cada detalhe. Investigue cada ângulo. Amor é tudo o que você vai descobrir. Vá para o início de todas as decisões que ele tomou, e você vai descobri-lo. Vá até o fim de todas as histórias que ele contou, e você o verá.

Amor.

Sem amargura. Sem maldade. Sem crueldade. Apenas amor. Perfeito amor. Amor apaixonado. Vasto e puro amor. Ele é amor.

Em consequência disso, um elefante tem uma tromba para poder beber. Um gatinho tem uma mãe da qual se alimenta. Um pássaro tem um ninho onde ele dorme. O mesmo Deus que foi poderoso o suficiente para abrir o *canyon* é delicado o bastante para cobrir de pelos a justamente chamada “mosca peluda” para mantê-la aquecida. A mesma força que dá simetria aos planetas guia o filhote do canguru para a bolsa da mãe antes mesmo que ela perceba o nascimento dele.

E por ele ser quem era, ele fez o que fez.

Criou um paraíso. Um santuário sem pecado. Um porto seguro antes do medo. Uma moradia antes que existisse um morador humano. Sem tempo. Sem morte. Sem sofrimento. Um presente construído por Deus para sua

suprema criação. E quando acabou, ele sabia que “tudo havia ficado muito bom” (Gn 1.31).

Mas aquilo não era suficiente.

Sua maior obra não havia sido concluída. Uma última obra-prima se fazia necessária antes que ele parasse.

Contemple os *canyons* para ver o esplendor de Deus. Toque as flores e veja a delicadeza dele. Ouça o trovão e sinta seu poder. Mas olhe para isto — o ponto culminante — e testemunhe esses três atributos juntos... e muito mais.

Imagine comigo o que talvez tenha acontecido naquele dia.

• • •

Ele foi despejando concha de barro sobre concha de barro até ver deitada no chão uma forma sem vida.

Todos os habitantes do jardim pararam, a fim de testemunhar o evento. Gaviões pairaram no alto. Girafas esticaram o pescoço. Árvores se curvaram. Borboletas pousaram em pétalas e ficaram olhando.

“Você, natureza, me amará”, disse Deus. “Eu criei você desse jeito. Você me obedecerá, universo. Pois você foi projetado para isso. Vocês, céus, refletirão minha glória, pois é assim que foram criados. Mas este aqui será como eu. Este aqui poderá fazer escolhas”.

Todas as coisas mantiveram-se em silêncio enquanto Deus, de dentro de si mesmo, tirava algo antes nunca visto. Uma semente. “Ela se chama ‘escolha’. A semente da escolha”.

A criação se manteve em silêncio, com os olhos fixos na forma sem vida.

Um anjo falou:

— Mas e se ele...

— Se ele escolher não amar? — completou o Criador. — Venham, eu vou lhes mostrar.

Livres dos limites do hoje, Deus e o anjo entraram na esfera do amanhã.

— Ali está. Veja o fruto da semente da escolha, o doce e também o amargo.

O anjo ficou boquiaberto diante do que ele viu. Amor espontâneo. Devoção voluntária. Ternura deliberada. Nunca ele vira antes coisa alguma como essas. Ele sentiu o amor de Adão e de sua progênie. Ouvia a alegria de Eva e suas filhas. Viu a comida e as tarefas compartilhadas. Absorveu a bondade e maravilhou-se com o calor humano.

— O céu nunca viu tanta beleza, meu Senhor. Realmente, esta é a sua maior criação.

— É, mas você viu apenas o que é doce. Testemunhe agora o amargo.

Um mau cheiro envolveu os dois. O anjo virou-se horrorizado gritando: — O que é isto?

O Criador proferiu uma única palavra:

— Egoísmo.

O anjo ficou mudo enquanto eles percorriam séculos de repugnância. Nunca ele vira antes tanta sujeira. Corações podres. Promessas quebradas. Lealdades esquecidas. Filhos da criação percorrendo às cegas labirintos de escuridão.

— Este é o resultado da escolha? — perguntou o anjo.

— Exato.

— Eles vão se esquecer do Senhor?

— Exato.

— Vão rejeitá-lo?

— Exato.

— Eles nunca vão voltar?

— Alguns voltarão. Mas a maioria não voltará.

— O que será preciso para levá-los a ouvir?

O Criador caminhou no tempo, avançando cada vez mais no futuro, até parar diante de uma árvore. Uma árvore a ser transformada num berço. Naquele exato momento ele pôde sentir o cheiro do feno que o envolveria.

Avançando mais um passo no futuro, ele parou diante de outra árvore. Ela se erguia solitária, qual teimoso soberano de uma colina despojada. O caule

era grosso, e a madeira, resistente. Logo ela seria cortada. Logo ela seria desbastada. Logo ela seria erguida no topo pedregoso de outra colina. E logo ele seria pendurado nela.

Ele sentiu a madeira raspando-lhe as costas que ele ainda não vestia.

— O Senhor vai até lá embaixo? — perguntou o anjo.

— Vou.

— Não tem outro jeito?

— Não.

— Não seria mais fácil não plantar a semente? Não seria mais fácil não conceder o poder de escolha?

— Seria — disse o Criador lentamente. — Mas remover a escolha é remover o amor.

Ele olhou a colina ao seu redor e previu a cena. Três figuras pendentes de três cruces. Braços abertos. Cabeças caídas. Elas gemiam com o vento.

Homens em trajes de soldados sentados no chão perto do trio. Faziam uma espécie de jogo no chão e davam risadas.

Homens em vestes religiosas parados de pé a certa distância. Eles sorriam. Arrogantes, convencidos. Haviam protegido Deus, pensavam eles, matando esse falsário.

Mulheres em trajes de dor formam um grupo ao pé da colina. Não têm palavras. O rosto marcado pelas lágrimas. Os olhos fixos no chão. Uma delas pôs um braço sobre os ombros de outra e tentou levá-la dali. A outra não aceitou. “Vou ficar”, disse ela baixinho. “Vou ficar”.

Todo o céu se preparou para lutar. Toda a natureza se ergueu para o resgate. Toda a eternidade se posicionou para proteger. Mas o Criador não deu nenhuma ordem.

— É assim que deve ser... — disse ele e, em seguida, se afastou.

Mas quando retrocedeu no tempo, ele ouviu um grito que um dia seria emitido: “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?” (Mc 15.34). Ele sentia a angústia da futura agonia.

O anjo falou de novo:

— Seria menos penoso...

O Criador o interrompeu, numa voz suave:

— Mas não seria amor.

Eles voltaram para o jardim. O Criador contemplou seriamente a criação de barro. Um furacão de amor explodiu dentro dele. Ele havia morrido pela criação antes de lhe dar existência. O vulto divino curvou-se sobre o rosto moldado e soprou. O pó se agitou nos lábios da nova criatura. O peito se inflou, rachando o barro avermelhado. As faces se transformaram em carne. Um dedo se moveu. E um olho se abriu.

Mais inacreditável, porém, do que o mover da carne foi a agitação do espírito. Os que conseguiram ver o invisível soltaram um suspiro profundo.

Talvez tenha sido o vento que o disse primeiro. Talvez o que a estrela viu naquele momento seja o que a fez piscar para sempre dali em diante. Talvez tenha cabido a um anjo sussurrar isto: — Essa criatura se assemelha... se parece muito... é ele!

O anjo não estava se referindo ao rosto, às feições ou ao corpo. Ele estava contemplando o interior, a alma.

— Ela é eterna! — disse outro, mal conseguindo respirar.

Dentro do homem, Deus havia colocado uma semente divina. Uma semente de sua identidade. O Deus do poder havia criado o ser mais poderoso da terra. O Criador havia criado não uma criatura, mas outro criador. E aquele que havia escolhido amar havia criado alguém que podia retribuir seu amor.

Agora cabe a nós escolher.

DE CALÇAS ARRIADAS, MAS DE CABEÇA ERGUIDA

Steve Lyons será lembrado como o jogador que baixou as calças em público.

Ele poderia ser lembrado como um extraordinário interceptador de bolas, como o jogador que jogava em qualquer posição para o time de beisebol White Sox, de Chicago, como o cara que sempre mergulhava na primeira base, como um ídolo da torcida por comemorar na geral com quem pegava a bola mal rebatida. Ele poderia ser lembrado como um jogador acima da média que jogava com habilidade regular.

Mas ele não será lembrado por nada disso. Será lembrado como o jogador que abaixou as calças durante uma partida, no dia 16 de julho de 1990.

O time dos White Sox jogava contra os Tigers de Detroit. Lyons bateu a bola com pouca força e correu para a primeira base. Ele sabia que ia ser difícil chegar lá a tempo, por isso mergulhou para a base. Estava a salvo! O arremessador dos Tigers discordou. Ele e o juiz se envolveram numa acirrada discussão e Lyons se intrometeu para dar sua opinião.

Enquanto estava envolvido no jogo e na discussão, Lyons sentiu que um pouco de terra escorria devagar no interior de suas calças. Sem perder nada da discussão, ele abaixou as calças, limpou-as e... uuu... óóó... vinte mil queixos caíram.

E, como você bem pode imaginar, as piadas começaram. As mulheres atrás do banco dos White Sox agitavam cédulas de dólares quando ele voltava para o campo de jogo. “Ninguém”, escreveu um colunista, “havia jamais abaixado

as calças no campo de jogo. Nem Wally Moon. Nem Blue Moon Odom. Nem mesmo Heine Manush”.¹ Nas próximas 24 horas depois da sua “exposição,” ele recebeu mais convites para expor-se publicamente do que recebera durante toda a sua carreira até então: participou de sete programas televisivos e deu mais de vinte entrevistas radiofônicas.

“Temos esse arremessador, Melido Perez, que no início do mês fez um jogo inteiro sem permitir nenhuma rebatida”, afirmou Lyons, “e eu lhe garanto que, depois dessa proeza, ele não apareceu duas vezes ao vivo em programas de televisão. Eu abaixo as calças e apareço em sete. Tem alguma coisa muito bizarra nesse jogo”.

Por sorte Steve estava usando *shorts* de ginástica por baixo de seu uniforme de beisebol. Caso contrário, o jogo teria sido classificado como “Não recomendado para menores de 18 anos” em vez de “Inapropriado para menores de 12 anos”.

Ora, não conheço Steve Lyons. Não sou torcedor do White Sox. Nem aprecio a atitude de um homem de arriar as calças em público. Mas acho que Steve Lyons merece um brinde.

Em minha opinião, qualquer pessoa que mergulha para atingir a primeira base merece um brinde. Quantas pessoas você vê por aí disparando rumo à linha de fundo da vida mais preocupadas em conseguir terminar um trabalho qualquer do que em salvar a própria pele? Quantas vezes você viu alguém mergulhando de cabeça em alguma coisa?

Raríssimas vezes, certo? Mas quando isso acontece, quando vemos um ser humano corajoso que esquece sua cautela e corre alguns riscos, ali temos alguém que merece um tapinha... nas costas.

Sendo assim, brindo a todos os Steves Lyon do mundo.

Brindo ao The Miracles, um coral de Memphis constituído por pessoas mentalmente deficientes e corajosas. Simplesmente, veja se você consegue ouvi-lo e continuar sentindo pena de si mesmo.

Brindo ao herói da maratona de São Francisco que cruzou a linha de chegada sem enxergá-la. (Ele era cego).

Um brinde à mulher cujo marido a deixou com uma ninhada de filhos para criar e contas a pagar, mas que, de algum modo, me diz todos os domingos que Deus nunca esteve tão perto dela como agora.

Um brinde ao pai solteiro de duas meninas que aprendeu a fazer tranças no cabelo delas.

Um brinde aos avós que abandonaram sua aposentadoria para criar os filhos que seus filhos não podiam criar.

Um brinde aos pais adotivos temporários que acolheram uma criança por tempo suficiente para ela roubar-lhes o coração — e depois a devolveram.

Um brinde à garota a quem todos aconselharam a abortar seu bebê, e mesmo assim ela decidiu tê-lo.

Um brinde ao médico que trata mais de metade de seus pacientes de graça.

Um brinde ao viciado em heroína que se transformou num missionário.

Um brinde ao executivo que todas as quintas-feiras dirige, às 5h30 da tarde, um encontro de oração e estudo bíblico.

Um brinde a todos vocês, loucos amantes da vida e de Deus, que marcaram o primeiro gol porque pagaram o preço para conseguir esse feito.

Que importância tem, então, se vocês se esquecerem de agradecer à multidão e forem apanhados de calças arriadas? Pelo menos vocês estão jogando em times de profissionais.

A maioria de nós nem sequer pertence à liga de vocês.

LIMONADA E GRAÇA

“LIMONADA, 5 centavos”

O *i* aparece maior do que o *L*. O *m* aparece em caixa alta; todas as outras letras estão em caixa baixa. As duas últimas letras, *da*, fazem uma curva para baixo porque a artista não dispunha de mais espaço no cartaz.

O ilustrador Norman Rockwell teria gostado disto.

Duas garotas sentadas em cadeirinhas na calçada atrás de uma mesinha. A de 6 anos é o caixa, e a de 4 é a garçonete. Ela manipula o gelo. Despeja a limonada. Empilha e desempilha os copos de papel.

Atrás delas, sentado na grama, está o pai. Encostado num carvalho, ele sorri testemunhando a estreia das filhas no sistema capitalista.

O negócio está indo bem. O fluxo dos clientes da tarde de sábado já quase esvaziou a jarra. O fundo da tigela do caixa está coberto por 35 moedas de 5 centavos. Excetuados alguns extravasamentos, o serviço tem sido excepcional. Nenhuma queixa. Muitos elogios.

Parte do sucesso, todavia, se deve à estratégia de marketing.

Nossa rua não tem muito trânsito, de modo que fizemos um pouco de propaganda. Enquanto minhas filhas pintavam o cartaz, eu fiz algumas ligações para várias famílias da vizinhança e as convidei para a grande inauguração de nossa banca de limonada. Assim, todos os nossos clientes, até agora, eram pessoas conhecidas.

Eu me sentia orgulhoso. Recostei-me na árvore. Fechei os olhos. Liguei o rádio que trouxera comigo e fiquei ouvindo o jogo de beisebol.

Depois ouvi uma voz desconhecida.

— Um copo de limonada, por favor.

Abri os olhos. Era um cliente. Um cliente de verdade. Um vizinho que não fora convidado e que passava por ali viu o cartaz, parou e pediu a limonada.

“Epa”, pensei comigo mesmo. Nosso serviço estava prestes a ser testado.

Andrea, a de 4 anos, pegou um copo que já tinha sido usado.

— Pegue um copo limpo — sussurrei.

— Ah — riu-se ela e pegou um copo limpo.

Abriu o balde de gelo, olhou dentro dele e depois para mim.

— Pai, o gelo acabou.

O cliente ouviu.

— Tudo bem. Não precisa de gelo.

Ela apanhou a jarra e despejou. Um xarope açucarado escorreu da jarra.

— Pai, só tem um pouquinho.

Nosso cliente interveio de novo:

— Está ótimo. Não estou com muita sede.

— Espero que você goste de limonada bem doce — disse eu baixinho.

Ela entregou o copo ao cavalheiro, e ele lhe deu uma nota de um dólar. Ela a passou para Jenna.

Jenna se virou para mim.

— Papai, que é que eu faço? (Nós não estávamos trabalhando com quantias tão elevadas.) Enfiei as mãos nos bolsos; eles estavam vazios.

— Olha, nós não temos... — comecei a dizer.

— Não faz mal — disse ele com um sorriso nos lábios. — Não preciso de troco.

Sorri meio sem graça. Ele agradeceu às meninas. Disse-lhes que estavam fazendo um ótimo trabalho. Entrou no carro e foi embora.

“Ótimo negócio”, pensei eu. “Nós lhe servimos meio copo de xarope de limão e ele nos dá parabéns e um pagamento vinte vezes acima do devido.”

Eu me propusera ensinar as meninas acerca da livre iniciativa. Elas acabaram aprendendo uma lição sobre a graça.

E eu também. Apesar de todas as considerações teológicas que nós pregamos sobre a graça de Deus, esse bondoso desconhecido apresentou um modelo dela melhor do que os melhores sermões conseguem fazer.

Talvez a história do estranho que agraciou nossa rua seja um ponto adequado para fecharmos este livro. Pois essa história é a história de cada um de nós.

Todos nós vimos o gelo derreter-se ao sol do verão do estresse. Quem nunca tentou servir o melhor, só para depois descobrir que o melhor já havia sido servido e que a jarra precisava ser enchida de novo? E não existe pessoa viva neste mundo que nunca tenha se perguntado o que faz Deus quando o que prometemos e o que produzimos não chegam nem perto de ser a mesma coisa.

Bancas de limonada e jeitos de levar a vida seriam empreendimentos de alto risco se não surgissem bondosos estranhos em nossas ruas. Mas, graças a Deus, eles aparecem.

E, graças a Deus, Jesus apareceu.

Pois acaso não é Deus o estranho que se tornou nosso amigo depois de observar, além dos detritos, o interior de nosso coração?

E acaso não somos nós não muito mais do que filhos surpresos, maravilhados pelo fato de recebermos vinte vezes (ou um milhão de vezes) mais do que pedimos?

Na próxima vez em que sua calma se transformar num caos, pense nisso. Na próxima vez em que você se apanhar numa tempestade e não conseguir ver o horizonte, reflita sobre a banca de limonada. E, se sua caminhada sobre as águas se transformar num naufrágio pessoal, como aconteceu com Pedro, eleve seus olhos e veja...

Um Bondoso Desconhecido pode vir trazendo a graça para sua rua... para sua vida.

Acabei de fazer o mesmo que você. Acabei de ler este livro. Vou colocá-lo no correio amanhã. O pacote está sobre minha escrivaninha, e a etiqueta já foi impressa. Os editores e suas canetas vermelhas estão à espera, e os impressores e suas impressoras estão na expectativa. Mas eu ainda não estava preparado para enviá-lo. Então me sentei na poltrona com uma caneca de café e um marcador de texto e fui tomando café, lendo e... agradecidamente... sorrindo.

Gostei. Você pode se surpreender com isso. Pode presumir que todos os autores gostam do que escrevem. Normalmente, deveriam gostar, suponho eu. Mas eu sempre sinto um resquício de medo de que, depois de todo o trabalho feito, eu poderia me sentar para ler o que escrevi... e sentir descontentamento.

Mas não senti. Fiquei satisfeito.

Algumas passagens me fizeram sorrir e outras me inspiraram. Foi bom visitar de novo o litoral e ver o paciente Mestre tocando as pessoas. Foi divertido ler sobre a senhora que denunciou meu ponto fraco no avião. Senti-me bem em ler sobre a lente de contato desaparecida durante o jogo de basquete e a visão recuperada; sobre a tripulação perdida do general Rickenbacker e a misteriosa gaivota; e sobre a escada impossível e o carpinteiro anônimo.

Foi bom ser mais uma vez advertido de que esta jornada é breve. De que Jesus sabe como me sinto e que ele desceria o monte apressado e caminharía em meio à tempestade para me convencer disso.

Foi bom ouvir de novo o suave trovão de Deus. Espero que você tenha gostado. Obrigado por ter lido meu livro. Eu sei que isso lhe custou tempo e dinheiro. Espero que tenha valido duplamente a pena.

E espero que você nunca se esqueça do resumo das leis do farol: trate a vida como uma viagem numa escuna. Desfrute da paisagem. Explore o barco. Faça amizade com o capitão. Pesque um pouco. E desça do barco ao chegar em casa.

Boa viagem!

Alimento a esperança de que este livro lhe tenha infundido ânimo não apenas para enfrentar as tempestades da vida e sobreviver a elas, mas também para crescer com elas. Espero que ele lhe tenha infundido ânimo para ver Cristo de pé em meio às altas ondas e para deixar seu barco e caminhar rumo a sua santa mão estendida para ajudar.

Este guia de estudo foi concebido para ajudar você a passar de pensamentos animadores a um corajoso estilo de vida no furor da tempestade. Se você estiver fazendo a leitura deste livro em grupo, sugiro que trabalhem numa sessão de estudo por semana. (Líderes de grupo, por favor, sejam sensíveis em relação à natureza pessoal de algumas perguntas deste guia. O compartilhamento de respostas com o grupo deverá ser sempre opcional.)

Quer você use este guia em grupo, quer sozinho, eu sugiro que você tenha à mão sua Bíblia e um caderno. Registre por escrito seus pensamentos e suas descobertas. Ore sinceramente para saber como Deus gostaria que você respondesse às promessas dele! Use este guia não como um fim em si mesmo, mas como um catalisador para futuros estudos — como um instrumento para fortalecer ainda mais sua fé em meio ao furor da tempestade.

SESSÃO 1

Capítulo 1: Da calma para o caos

1. Descreva um momento em que sua vida passou da calma para o caos. Quando aconteceu isso? Quais eram as circunstâncias? Quem estava envolvido?
2. Em seguida, como você se sentiu em relação àquela repentina mudança da calma para o caos? Você se recuperou logo ou você ainda carrega cicatrizes

daquele trauma?

3. Pense sobre as senhas que você talvez tenha utilizado para lidar com o caos. Você tinha as senhas corretas? Você sabia como utilizá-las? Que senhas você precisa aprender para manter-se calmo nos momentos de maior pressão?

Capítulo 2: Deus sob pressão

1. Depois de receber as notícias do assassinato de João Batista e da ameaça de Herodes; e depois de constatar como seus discípulos estavam cansados, Jesus “pediu um tempo”. Com seus discípulos, ele “retirou-se de barco, em particular, para um lugar deserto” (Mt 14.13).

Quando você lida com uma situação difícil — quando atinge seu limite de estresse, dor, rejeição, solidão —, como “pede um tempo”? Aonde você vai? O que você faz?

2. As passagens seguintes descrevem algumas das promessas de Deus às quais podemos nos agarrar em tempos difíceis: Salmos 33.20; 34.7; 145.18; Provérbios 30.5; Isaías 41.10; 43.2; Mateus 28.20; João 16.33; Romanos 8.17; Efésios 6.10-17; Hebreus 13.6; 1Pedro 5.10. Selecione aquela que é mais importante para você, transcreva-a e memorize-a para servir-lhe de conforto na próxima vez em que seu mundo passar da calma para o caos.

3. Enquanto Jesus e os discípulos estavam no barco, reinava a paz. De repente, quando chegaram em terra, a multidão se reuniu novamente ao redor deles e malogrou suas esperanças de usufruírem algumas horas a sós.

Você consegue se ver nessa situação? Descreva uma ocasião em que você *buscou uma coisa* e o que você *conseguiu* foi algo completamente diferente. Como você se sentiu naquele momento? Como reagiu?

4. Leia Hebreus 4.15. Qual é sua reação à afirmação: “Jesus sabe como você se sente”? Será que existe a tentação, por menor que seja, de pensar: “Ele sabe como me sinto na maioria das vezes, mas ele não sabe *realmente* o que é sentir isso”?

Revisando suas experiências de vida, é difícil para você acreditar que Jesus passou plenamente por elas? Quais delas, em sua opinião, Jesus talvez não tenha vivido plenamente?

Por que você acha que é tão difícil acreditar de verdade que Jesus sabe como você se sente? Que diferença faz o fato de Jesus ter compartilhado plenamente nossa experiência de sofrer tentações, mas nunca ter pecado?

Que experiências e sofrimentos você precisa levar para Jesus (seu compreensivo Pai e Médico) para que ele possa curá-lo?

5. Escreva ou discuta o que as referências seguintes nos dizem acerca de Jesus: Marcos 2.5, 7, 10; Lucas 2.40; João 1.1,14; João 5.21; Colossenses 2.9; Tito 2.13; Hebreus 2.14; Hebreus 5.7; 1João 4.2, 3.

SESSÃO 2

Capítulo 3: Amor de mãe, empatia de amigo

1. Considere a seguinte afirmação: “Jesus conhecia o valor das pessoas. Ele sabia que cada ser humano é um tesouro. E, pelo fato de ele saber disso, as pessoas não eram uma fonte de estresse, mas sim de alegria”.

Alguém poderia fazer a mesma afirmação a respeito de você? O que, em sua opinião, faz a diferença entre ver as pessoas como fonte de estresse ou como fonte de alegria?

2. Tente colocar-se na posição se Jesus enquanto a multidão o cerca. Naquele dia você teria curado todos os doentes ou apenas alguns selecionados? Que critérios teriam norteado as suas decisões?

3. Em seu dia a dia, que critérios você usa para determinar se você vai ou não ajudar alguém? De que maneira o exemplo de Deus de ajudar e curar com base em sua generosa bondade afeta suas decisões de ajudar outras pessoas? Em que condições você está disposto a ajudar aqueles “que não desejam se tornar cristãos”?

4. Se você tivesse de fazer uma lista indicando três áreas de sua vida que Deus “ignora” quando ele derrama seu amor sobre você, que itens entrariam na lista?

5. Irritados pela presença de tanta gente, os discípulos pediram a Jesus: “Manda embora a multidão” (Mt 14.15). Quem em sua vida você mandou embora quando podia ter satisfeito sua carência de amor?

6. Como você reage às exigências que as pessoas lhe fazem? Que foi que Deus lhe pediu para fazer que deixou você boquiaberto, perguntando-se se ele estava brincando? Por que, em sua opinião, você supôs que Deus lhe pedira para fazer o impossível? Leia Hebreus 11.1 e Romanos 10.17. O que é a fé e de onde ela provém?

7. O que Jesus lhe deu que poderia capacitá-lo a entender os sentimentos de outra pessoa? Existe alguém em sua vida neste exato momento a quem você poderia estender a mão com o amor de Cristo?

8. Liste três áreas de sua vida em que você gostaria de ter mais paz e menos caos. Como poderiam as duas senhas — “Jesus sabe como você se sente” e “as pessoas são valiosas” — mudar sua maneira de lidar com o caos?

SESSÃO 3

Capítulo 4: Quando os pescadores não pescam

1. *Compaixão* significa sentir uma profunda dor por alguém que passa por uma tragédia e desejar aliviar o sofrimento. Mateus 14.14 diz que Jesus sentiu compaixão pelo povo, de modo que mudou sua programação, trocando o merecido descanso pela oferta de cura da alma e do corpo.

Alguém já lhe deu mostras dessa profunda compaixão? Nesse caso, como você sentiu a experiência de ser abençoado pela compaixão de outra pessoa?

Quando você sentiu compaixão por outra pessoa ou por um grupo de pessoas? Que atitude essa compaixão fez você adotar?

2. Quando Deus pôs em seu caminho pessoas que estavam sofrendo para romper seu isolamento e forçar você a servir? Explique como você passou ou não passou a ver as coisas sob outro ângulo quando isso aconteceu. Descreva como o equilíbrio entre o serviço em prol dos outros e o isolamento proporciona uma perspectiva piedosa em sua vida.

3. Leia Marcos 6.7-12, 30, 31. Os discípulos exultaram quando foram pescar, não é mesmo? Sentiram-se tão animados que a pressão da multidão não diminuiu o entusiasmo deles.

Quando você exulta? Que “milagres” você opera em nome de Jesus que o deixam tão animado que as multidões não o perturbam, e você se esquece até de comer?

4. As palavras de Jesus em Lucas 6.41-42 ilustram o que acontece quando as pessoas deixam de pescar e de exultar e passam a brigar.

Em termos práticos, que passos você pode dar visando concentrar mais energia na pesca e no bom êxito? De que maneiras você tende a queixar-se das meias malcheirosas de seus amigos de acampamento?

Capítulo 5: A alegria da viagem

1. É fácil julgar as pessoas, não é? Leia os seguintes versículos: Levítico 19.15; Provérbios 24.23; Atos 10.34; Romanos 10.12; Gálatas 2.6.

Quando foi que você formulou julgamentos indevidos sobre os outros e deixou passar despercebido o que você poderia ter aprendido com elas?

2. Quando sua jornada foi interrompida por uma lição que você precisava aprender? Que lição você aprendeu? Foi uma lição da qual você precisa se lembrar com frequência?

3. De que modo as palavras de Jesus sobre uma vida plena (Jo 10.10) têm a ver com seu estilo de vida? Se você pudesse desempenhar três atividades esta semana só para se divertir, que atividades seriam? De que maneira você poderia acrescentar alegria às suas atividades rotineiras?

SESSÃO 4

Capítulo 6: Coisas impressionantes

1. Depois de ler este capítulo, com sua lista de coisas “impressionantes”, mencione que aspectos impressionantes de sua vida você tende a ignorar. Que diferença faria para você o fato de reconhecer mais ocorrências impressionantes em seu dia a dia?

2. Leia Jó 38.4-39.30; 40.9-41.11. De que modo essas imagens expandem sua visão das coisas impressionantes?

3. Reflita sobre os acontecimentos do segundo dia mais estressante da vida de Jesus (Mt 14.1-21; Mc 6.7-44; Lc 9.1-17).

Em sua opinião, que coisas impressionantes os discípulos poderiam ter facilmente deixado passar despercebidas naquele dia? Se eles tivessem percebido essas coisas como realmente impressionantes, em que sentido a reação deles poderiam ter sido diferente?

Quando você observa esses acontecimentos e a reação dos discípulos, que paralelos você verifica com sua própria vida?

4. Leia 1 Tessalonicenses 5.18. Por quais coisas impressionantes você pode, neste momento, agradecer a Deus?

Capítulo 7: Obrigado pelo pão

1. Este capítulo apresenta a história de um engenheiro que correu um risco compensador. Quando sua vida foi influenciada por uma pessoa que correu o risco de lhe estender a mão?

2. Leia João 6.1-14.

Você já se expôs, como o menino da história, e fez alguma coisa que poderia levar os outros a rirem de você? Como você se sentiu? O que o motivou a fazer aquilo, apesar dos riscos?

Quais foram os resultados de sua ação? Se você não conhece os resultados, o que você espera que tenha acontecido depois?

3. Jesus multiplicou o lanche do menino de modo que sobraram doze cestos de comida. Em que sentido essa ilustração poderia ter a ver com as dádivas que você recebeu? Você acha que Deus pode servir-se de você para suas grandes realizações? Por quê?

4. As pessoas muitas vezes dizem: “Sua crença é boa para você e a minha é boa para mim. Portanto, não queira me forçar a crer no que você crê”. O que diz este capítulo acerca de como Deus poderia nos levar a correr riscos e a compartilhar nossa crença com outros?

5. A quem você deve agradecer nesta vida por ter se arriscado por você?

SESSÃO 5

Capítulo 8: Reflexões em Minneapolis

1. Para quem você liga quando “telefona para casa”, como fez o autor no capítulo 8? O que torna uma ligação para casa algo tão especial para você?

2. O que diz cada um dos versículos seguintes acerca da disposição de Jesus para ouvir e responder quando nós o procuramos: Salmos 91.15; Isaías 55.6; 58.9; 65.24; Jeremias 33.3; Lucas 11.9?

3. Quando você enfrenta momentos de grande pressão, como no caso de Jesus em Mateus 14.19, qual sua reação? Você se irrita? Despede a multidão? Ou pausa por um momento e pede que Deus o ajude?

Neste exato momento, feche os olhos e, como Jesus, escute as familiares e reconfortantes vozes do céu. Pense no que você está ouvindo.

De que modo essas vozes poderiam mudar seu jeito de lidar com as coisas se você parasse para escutá-las na próxima ocasião de pressão crescente?

Capítulo 9: Sufocando as vozes

1. Vozes tentadoras clamam em quartos de hotel, na televisão, no escritório... em toda parte. Que vozes gritam pedindo sua atenção? Que mensagens elas transmitem?

2. Observe como Jesus respondeu ao aplauso da multidão (Jo 6.14-15). Mencione duas tentações enfrentadas por você que, à primeira vista, parecem positivas e edificantes, mas que, na realidade, conduzem ao pecado. Como você reage aos clamores de vozes e tentações presentes em sua vida?

3. Em João 10.1-5, Jesus fala de como as ovelhas ouvem a voz de seu pastor. Nos versículos 7-17, ele se autodenomina o Bom Pastor e diz que suas ovelhas respondem à voz dele.

Como soa aos seus ouvidos a voz de Jesus? Você sempre consegue ouvi-la? Como você pode aumentar sua atenção a essa voz visando ser guiado por ele?

4. Leia João 5.28-29. O que acontecerá quando todos ouvirem a voz de Deus?

Capítulo 10: A foto e o arquivo

1. Verifique que atividades você programou para as próximas semanas e meses. O que dizem elas em relação às suas prioridades?

2. Se você pudesse estabelecer quatro coisas como prioridades de sua vida, o que você escolheria?

Agora compare essas quatro coisas à sua agenda. Que quadro se apresenta? Suas prioridades e sua agenda estão equilibradas? Que mudanças trariam maior equilíbrio para suas prioridades e suas atividades?

3. Leia Filipenses 1.9-11. De que modo essas palavras poderiam ajudar você a estabelecer suas prioridades.

4. Quando as pessoas lhe pedem para fazer certas coisas (coisas que você não tem certeza se deve fazer ou não) como você costuma reagir?

Descreva a última vez em que alguém usou o sentimento de culpa ou apelou para sua vaidade na tentativa de induzir você a tomar uma decisão errada.

Leia Mateus 14.22. Você alguma vez já “despediu a multidão” ou disse “não” a fim de buscar Deus? Como você se sentiu ao tomar essa decisão?

5. Quem em sua vida ama você por quem você é e não por aquilo que você sabe fazer? Que lugar essa pessoa (ou essas pessoas) ocupa(m) em suas

prioridades?

6. A história dos dois barcos a vapor impressionou você? Você já venceu a corrida, mas para fazê-lo teve de queimar a carga? Nesse caso, descreva sua experiência.

SESSÃO 6

Capítulo 11: Deus visto através do vidro estilhaçado

1. Você se lembra de alguma ocasião em que a dor estilhaçou suas expectativas em relação a Deus, quando ele fez alguma coisa que você não achou certa ou lhe concedeu o contrário do que você achava que devia receber? Nesse caso, como essa experiência afetou sua visão de Deus?

2. Você tem uma frase (ou talvez várias) sempre pronta(s) para completar a seguinte afirmação: “Se Deus é Deus, então...”? Qual (ou quais)? Essa(s) frase(s) se desenvolveu (desenvolveram) a partir de qual pensamento?

3. Leia Mateus 14.22-24. Descreva uma ocasião em que você se sentiu só na tempestade — sem a proteção e o cuidado de Deus. Você se sentiu cansado ou, quem sabe, exausto?

Como você se sentiu em relação a Deus nessa ocasião? De que maneira o seu coração, como o coração dos discípulos, ficou endurecido (Mc 6.52)?

4. Alguma vez Deus se serviu de circunstâncias extenuantes, dolorosas ou aparentemente impossíveis para lhe ensinar alguma coisa sobre si mesmo ou sobre o seu relacionamento com ele? Descreva as circunstâncias e a lição aprendida.

5. Em que áreas de sua vida você poderia confiar mais em Deus, em vez de questionar seu aparente modo de agir?

Quando a próxima tempestade surgir em sua vida, como você pode estar mais bem preparado para ver Jesus agir em meio a ela?

Capítulo 12: Dois pais, duas festas

1. De acordo com 1 Tessalonicenses 5.9, qual é o destino supremo de Deus para sua vida? De que maneiras você preferiria “descansar a viajar” rumo ao destino que Deus lhe reserva?

2. Quando você se viu numa sala de aula nada promissora ou tendo de enfrentar uma decisão que colidia com a decisão de Deus em relação a que paradas você deveria fazer ou que desvio deveria tomar em sua jornada? Quem estabeleceu o itinerário escolhido?

3. A que pedidos Deus disse não durante a jornada de sua vida? Que “nãos” foram mais fáceis ou mais difíceis de aceitar? Por quê?

4. Releia 1 Crônicas 29.15, Salmos 39.5, Tiago 4.14 e Salmos 103.15, 16. Que dizem esses versículos sobre nossa jornada? E sobre o que deveria ser importante?

5. Quais serão as recompensas eternas se você permitir que Deus planeje sua viagem neste mundo? Qual é o verdadeiro significado de “estamos sendo renovados dia após dia” (2Co 4.16-18)?

O que faz a vida valer a pena? Você acredita que Deus “fará o que é certo... e melhor” em sua vida? Por quê?

6. Como você se sente prevendo as próximas semanas? Cansado? Tenso? Furioso? Alegre? Animado? Que “sofrimentos leves e momentâneos” você enfrenta neste momento? De que maneiras eles podem estar “produzindo para nós uma glória eterna” (2Co 4.16-18)?

7. Registre por escrito três pedidos que você gostaria que Deus realizasse durante a próxima semana. Em seguida, ore pedindo sinceramente a força necessária para seguir seu destino traçado por ele.

SESSÃO 7

Capítulo 13: Tempestade de dúvidas

1. Os discípulos de Jesus não foram os únicos personagens bíblicos a enfrentar uma tempestade de dúvidas. Moisés aparentemente foi

atormentado por dúvidas (cf. Êx 3.7-4.17; 5.20-6.12; 6.28-7.6; 17.1-7, p. ex.). O livro de Jó inteiro é uma tempestade de dúvidas. Alguns discípulos de Jesus enfrentaram tempestades de dúvidas depois que ele morreu (cf. Lc 24.13-32).

Você consegue perceber a intensidade dessas tempestades de dúvidas? De que maneiras Deus mostrou sua luz? Você acha que aquelas cintilações de luz eram esperadas? Por quê?

2. Descreva suas mais sombrias tempestades de dúvidas. De que formas inesperadas Deus lhe mostrou sua luz em meio à tempestade?

3. Que luz suave proveniente de Deus você viu recentemente? Ela se manifestou de um modo esperado?

4. Você já deixou (ou quase deixou) de perceber a suave luz de Deus em meio a uma tempestade de dúvidas? Como você pode treinar seu coração a enxergar mais nitidamente sua luz suave?

Capítulo 14: O milagre do carpinteiro

1. Registre por escrito e compartilhe um caso em que, como as Irmãs de Loretto, você (ou alguém próximo a você) enfrentou o que parecia ser uma situação impossível e subiu “o monte da oração”. Quem ou o que Deus trouxe para sua vida para resolver seu problema?

2. Quando Jesus enfrentou um dia muito difícil, ele fez uma pausa para orar. Quando as coisas se complicam, o que você faz? Você trabalha mais ou ora mais? Você se irrita ou ora? O que o leva a orar diante de uma situação complicada?

3. Quais são os abismos insuperáveis em sua vida que você não consegue ultrapassar sozinho? Você acha que Jesus veio para ser uma ponte sobre o abismo entre o ponto em que você se encontra e o ponto aonde você quer chegar? Nesse caso, registre por escrito como você planeja procurar a orientação e o poder de Deus para ultrapassar os abismos.

Capítulo 15: A sabedoria do lenhador

1. Pense um instante na história do lenhador. Como você teria reagido às coisas que aconteceram na vida dele? Você teria tirado conclusões precipitadas ou teria se contentado em aguardar o que aconteceria depois?

Considere agora sua maneira de julgar as tempestades que surgem em sua vida. Você poderia se beneficiar adotando uma perspectiva mais parecida com a do lenhador do que com a dos habitantes da aldeia? Explique sua resposta.

2. Por que, em sua opinião, é tão fácil para você julgar a vida “com base nas evidências de um único dia”? Quais são os perigos de emitir julgamentos precipitados?

3. Descreva uma ocasião em que você emitiu julgamentos acerca de circunstâncias específicas sem se dar conta de como sua perspectiva era realmente limitada. Qual foi o resultado de seus julgamentos? Seus julgamentos resistiram ao teste do tempo ou deram provas de que eram apenas fragmentos?

4. Leia Mateus 6.33, 34. Em sua opinião, o que é que Jesus estava tentando comunicar a seus seguidores por meio daquelas palavras? Como essas palavras fornecem uma perspectiva para sua vida?

SESSÃO 8

Capítulo 16: As leis do farol

1. Com base no conceito das leis do farol, diga de onde você recebe a maioria de seus sinais. De outros barcos no mar? De amigos a bordo? De faróis que mudam de posição seguindo os caprichos da cultura? Do farol da Palavra de Deus testado pelo tempo?

2. Repasse a lista das luzes que o autor procura e dos sinais que ele acata. Quais deles se destacam para você? Por quê?

Agora faça a sua própria lista. Registre por escrito as luzes e os sinais que você considera vitais.

3. Com que cuidado você atenta para as advertências das leis de seu farol? Em termos práticos, o que é que você pode fazer para prestar mais atenção a elas?

Capítulo 17: Ele fala em meio à tempestade

1. Descreva a situação mais difícil que você já enfrentou. Quais pessoas estavam envolvidas? O que aconteceu? Quanto tempo durou?

Você questionou Deus ou se revoltou contra ele nessa ocasião? Qual foi o resultado?

O que você aprendeu com essa experiência? Como ela afetou sua visão de si mesmo? De Deus? Dos outros?

2. Pense em amigos que o “aconselharam” durante uma crise. Que tipo de sabedoria eles lhe transmitiram? Que espécie de conselho você deu a quem enfrentava situações difíceis?

3. Você, às vezes, recebe o infinito amor de Deus com desconfiança? Cite uma situação na qual você acreditou que o amor de Deus não seria seu supremo bem. Qual foram as consequências?

4. Leia Jó 1.8-12; 2.3-7. Por que Deus permitiu que as desgraças de Jó acontecessem? Como esse conhecimento coloca em perspectiva o que aconteceu com Jó? Esse conhecimento lança luz sobre o sofrimento presente em sua vida ou na vida de algum conhecido seu? Em caso afirmativo, explique.

5. O autor escreve que “é ali [em meio à tempestade] que Deus é mais bem ouvido.” Você concorda com isso? Por que ou por que não?

6. Leia Jó 38-41. Qual é a mensagem de Deus para você em sua resposta às perguntas de Jó?

7. Quando Deus terminou de falar, Jó disse: “Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram” (Jó 42.5). Que vantagem levou Jó em consequência de ter visto Deus?

Capítulo 18: Ponderações de peregrinos

1. Por que, em sua opinião, o Deus Pai falou com Jesus no alto do monte (cf. Mt 17.1-5)?

2. Que tipos de experiência provocam preocupações insuportáveis, deixando você sentado na encosta da montanha segurando o rosto em suas mãos? O que é necessário para você se reanimar nessas circunstâncias?

3. Descreva uma ocasião em que Deus transformou sua desolação em coragem e supriu suas necessidades de um modo específico.

SESSÃO 9

Capítulo 19: Nossa tempestade foi seu caminho

1. Deus alguma vez se serviu de uma tempestade “como seu caminho para chegar até você”? Em que circunstâncias? Qual foi o resultado disso em sua vida? E na vida de outros ao seu redor?

2. Qual é sua reação normal quando surge uma tempestade e o mergulha num profundo abismo? O que você acha mais fácil: permanecer sentado num barco jogado pelas ondas ou pular do barco e caminhar sobre as águas rumo a Jesus? Por quê?

3. Em ocasiões da vida que você se sentiu desesperado e viu uma imagem vindo em sua direção, você alguma vez perguntou: “Senhor, és tu”? Nesse caso, qual foi a resposta? Ela foi reconfortante como a resposta de Jesus em Mateus 14.27?

4. Você alguma vez saiu do barco e andou sobre as águas movido pela fé como fez Pedro (cf. Mt 14.28-29)? Por que você fez isso? Qual foi a consequência?

5. Registre por escrito uma passagem de sua vida em que Deus supriu suas necessidades de um modo especial e você percebeu que nunca mais seria o mesmo. Nessa ocasião, o que você descobriu sobre Deus que nunca havia percebido antes?

6. A maioria de nós tende a subestimar a malfadada caminhada de Pedro sobre as águas porque ele acabou afundando. Mas pelo menos ele deixou o barco! De que maneiras você pode dar passos de fé e deixar o barco nesta semana?

Capítulo 20: Eles fariam tudo de novo

1. Assim como fizeram os discípulos, você alguma vez já adorou a Deus por ele ser quem é e pelo que fez por você? Quando? Caso contrário, por que não o fez?

2. O que fez Deus tocando-o tão profundamente que sua resposta só podia ser a de adoração?

3. Que tipos de “muletas” você usa quando irrompe uma violenta tempestade? Como elas se comparam com a força de Deus?

4. Em que momentos da vida você achou muito fácil voltar-se para Deus em meio à violência de uma tempestade? Você já passou por situações em que achou difícil adorar a Deus mesmo depois de ele ter acalmado uma tempestade pessoal? Explique sua resposta.

5. Que preço você está disposto a pagar por uma visão mais nítida de Deus?

SESSÃO 10

Capítulo 21: Castelos de sofrimento

1. Que “onténs” de sua vida encarceram seus “hojes”? Que “aposentos assombrados de seu castelo” precisam ser abertos e expostos à luz do dia? Que medos, fracassos, sentimentos de culpa ou esperanças frustradas precisam ser entregues a Deus? Talvez você precise elaborar a resposta a esta pergunta diante do Senhor durante um encontro especial com ele.

2. Contraste os dois tipos de sofrimento mencionados em 2Coríntios 7.10. Quais são as consequências de cada tipo de sofrimento? Qual desses dois tipos de sofrimento desempenha o papel mais importante em sua vida?

3. Que tipo de fachada você constrói para esconder seus sentimentos de culpa, fracassos ou deficiências? Que esperança lhe dá a história do encontro de Pedro com Jesus sobre as águas (cf. Mt 14.28-32)?

4. Leia Salmos 1.1-2; Colossenses 3.16; Efésios 1.7; 2.8-9; Tiago 1.22-25; 1João 1.9; 2.12, 14. O que constitui a fundação de sua casa espiritual? O que você pode fazer para reforçá-la?

Capítulo 22: Medo que se torna fé

1. Como você reage quando está encurralado? Sua fé cresce ou vacila? Você se agarra a Deus ou à sua própria autossuficiência?

2. Você concorda que “a fé muitas vezes nasce do medo”? Por quê?

Que circunstâncias da vida aumentaram sua fé?

3. Como você definiria a fé retratada neste capítulo? Compare sua resposta com a descrição de fé em Hebreus 11.1-6.

4. Mateus 14.28-31 narra a aventura de Pedro sobre as águas. Que paralelos você vê entre essa passagem e certos aspectos de sua vida? Descreva uma ocasião em que você deu um pequeno passo de fé e foi surpreendido pelo modo como Deus supriu sua necessidade.

5. Leia Mateus 21.21-22; Romanos 1.17; 5.1, 2; Gálatas 2.16; Efésios 2.8. Quando iniciamos uma caminhada de fé, como Jesus responde?

Registre por escrito três maneiras específicas em que você vai praticar a fé nesta semana — em casa, no trabalho, com amigos. Compartilhe seus “passos de fé” com um amigo ou um membro de sua família.

SESSÃO 11

Capítulo 23: Por que Deus sorri

1. Como você se sente em relação a Jesus rindo? Um Deus sorridente? Você se sente bem com essa ideia? É difícil para você imaginar um Jesus tão real?

Explique suas respostas.

2. Pense nos acontecimentos da vida de Jesus. Em quais deles você consegue imaginá-lo com um brilho nos olhos exibindo um sorriso ou dando uma risada?

3. Jesus disse que a mulher mencionada em Mateus 15.21-28 tinha grande fé. Em sua opinião, o que ele viu de tão impressionante na fé daquela mulher? É isso que, a seu ver, deveria impressioná-lo? Por quê?

Leia Hebreus 11.4-32. Faça uma lista de pessoas presentes na Bíblia que impressionaram Deus por sua fé. Algum conhecido seu impressiona você por sua fé? Nesse caso, o que é que você nota nessa pessoa?

4. Leia Mateus 15.23. Como se sentiram os discípulos em relação à mulher? Em sua opinião, como eles se sentiram depois que Jesus conversou com ela e atendeu seu pedido?

Por que, em nossa acelerada cultura, é fácil responder às pessoas como responderam os discípulos? À luz desse exemplo bíblico, como você poderia mudar sua reação em relação aos outros?

5. Você acha que prefere a salvação à moda antiga, fazendo por merecê-la? Nesse caso, mencione as maneiras que você tentou empregar para impressionar Deus. Em caso contrário, descreva as maneiras misericordiosamente escolhidas por Deus para abençoar você.

Capítulo 24: O Visitante Sacrificial

1. Mateus 15.29-32 registra a cura operada por Jesus em benefício de muitas pessoas e o consequente louvor dirigido ao “Deus de Israel”. Mas Jesus não pregou para elas; simplesmente estendeu-lhes a mão para ajudar. O que lhe ensina isso sobre o real significado do compartilhamento de Cristo com um mundo de sofrimento?

2. Leia a versão de Lucas desse acontecimento (Lc 8.1-10). Como diferem as duas versões, a de Mateus e a de Lucas? Em que aspectos se assemelham? O que revela a narrativa de Lucas sobre a fé dos discípulos?

3. Leia João 3.16; Mateus 1.21; João 10.9; João 1.29; Apocalipse 5.12; Hebreus 7.26-27. De que maneiras você foi salvo por um Visitante Sacrificial — Jesus Cristo?

4. Na vida do general Rickenbacker aconteceu um milagre que o manteve vivo. Que milagres Deus operou em sua vida ou na vida de algum conhecido seu?

O general Rickenbacker leva baldes de camarões para as gaiotas como prova de sua gratidão. O que você pode dar a Deus para dizer-lhe “obrigado”?

5. As multidões se maravilharam quando viram o que Jesus havia feito (Mt 15.31). Como você reage quando Deus faz algo especial em sua vida? Registre por escrito quatro coisas pelas quais você pode louvar a Deus hoje.

Capítulo 25: Santidade de pijama ou camisola

1. A natureza do “momento santo” surpreendeu você? Por quê?

2. Durante a leitura deste capítulo, você chegou a um novo entendimento da relação entre *honestidade* e *santidade*, a diferença entre *perfeição conquistada* e *perfeição comprada*? (Cf. Cl 1.22 e 1Co 1.8.) Explique sua resposta.

3. Você está disposto a olhar com sinceridade no espelho? Nesse caso, o que você está pensando em fazer para tornar-se mais apresentável perante Deus?

Leia Hebreus 10.14. Como Deus fez você perfeito?

Qual é o efeito do amor divino e de sua perfeição pessoal aos olhos de Deus sobre como você se sente em relação a si mesmo? Sobre como você se relaciona com os outros? Sobre como você se relaciona com ele?

SESSÃO 12

Capítulo 26: A escolha

1. Leia Gênesis 1.1-26. Qual foi a última vez que você parou para apreciar a criação de Deus? Que criações divinas o impressionam? O que elas

comunicam sobre a natureza de Deus? Qual é a sensação de ser a criação que completou todo processo criativo de Deus?

2. Por que é tão importante o fato de Deus ter dado a Adão e Eva a oportunidade de escolher (cf. Gn 2.15-17; 3.1-13)? Se Deus não nos tivesse dado a possibilidade de escolher, como isso teria influenciado nosso relacionamento com ele? Por que é tão importante nossa escolha de amar ou não amar a Deus?

Quais foram as consequências da escolha de Adão e Eva (cf. Gn 3.14-19)?

3. Que escolha fez Jesus para lidar com os pecados da humanidade?

4. A que escolha se refere o autor quando escreve: “Agora cabe a nós escolher”?

Capítulo 27: De calças arriadas, mas de cabeça erguida

1. Em sua opinião, de que modo as pessoas vão se lembrar de você? Como alguém que mergulhou de cabeça na vida (cometendo, talvez, alguns erros memoráveis)? Como alguém que torceu, mas sempre ficou fora do jogo? Como alguém que ouvia o jogo no rádio sem prestar muita atenção? Seja sincero!

2. Leia Jeremias 29.11; Mateus 14.30-31; João 14.12; Romanos 10.11. Que efeito deveriam exercer as promessas de Deus sobre aqueles dentre nós que têm medo de se arriscar?

3. Você alguma vez pagou o preço de “ocupar a primeira base”? Nesse caso, registre por escrito essa experiência. (Se você está participando de um grupo de leitura, compartilhe a experiência com os outros).

Você faria isso de novo? Por quê? De que modo a visão que se tem de Deus determina o tipo de riscos que serão enfrentados?

4. Faça uma lista de heróis impetuosos — aqueles que destemidamente foram até o fim para realizar o que, para eles, era importante. De que modo esse seus heróis inspiram você a “entrar no jogo”?

Capítulo 28: Limonada e graça

1. A história da limonada fez você lembrar-se de uma época de sua vida em que a graça de Deus relevava os defeitos de suas obras? Nesse caso, descreva o que aconteceu.

2. Como Deus reage em relação a nós, mesmo sabendo que o que temos a lhe oferecer pode ser simplesmente um produto melecado (cf. Rm 8.32; Ef 2.4-5; Hb 4.16)?

3. Será possível que, como escreve o autor, “Um Bondoso Desconhecido pode vir trazendo a graça para sua rua... para sua vida”? De que maneiras?

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:
opinio-do-leitor@mundocristao.com.br
Acesse nosso *site*: <www.mundocristao.com.br>

1. O fraseado de Mateus 14.1-13 suscitou alguma discussão. No início da passagem, está claro que João Batista já está morto porque Herodes está preocupado, pensando que Jesus pudesse ser João Batista ressuscitado dos mortos. Jesus se retira depois de ouvir “o que havia ocorrido”. Uma pergunta justa a se fazer é esta: Que notícia recebeu Jesus? Ele ouviu que João havia sido assassinado? Ou ele ouviu que talvez Herodes o estivesse perseguindo? Ou terá sido uma combinação das duas coisas? Os estudiosos que argumentam que Jesus se isolou unicamente por causa do luto pela morte de João Batista sugerem que Mateus se esqueceu de como ele abriu o capítulo com uma referência a Herodes. “[Mateus] se esqueceu da natureza parentética da história de João Batista” (R. BULTMANN, *The History of the Synoptic Translation*, ed. John Marsh [Nova York: Harper & Row, 1963], p. 48). Outros estudiosos argumentam que a consciência de que Herodes o procurava foi o que motivou a retirada de Jesus. Lamar Cope raciocina que Jesus se isolou devido ao medo de que Herodes passasse a persegui-lo. Escreve ele: “Numa redação grega sem pontuação, eram limitadas as maneiras de delimitar as seções de pensamento” (Lamar COPE, *Catholic Bible Quarterly*, 37.4 [1976]: p. 515-518). Ele explica que o grego indica que a frase “Ouvindo o que havia ocorrido, Jesus retirou-se” refere-se diretamente ao conhecimento que Herodes tinha de Jesus. Portanto, Jesus se retirou correndo perigo. Muitos estudiosos, todavia, concordam que a frase “Ouvindo o que havia ocorrido, Jesus retirou-se” refere-se a uma combinação de dor e cautela. Para outras referências ver: *A Commentary Critical; Experimental and Practical of the Old and New Testaments; Matthew-John*, org. David Brown, vol. 5 (Grand Rapids: Eerdmans, 1948), p. 159; J. S. EXELL, ed. *The Biblical Illustrator: Matthew* (Grand Rapids: Baker Book House, 1955), p. 267; J. W. MCGARVEY, ed., *New Testament Commentary: Matthew and Mark*, vol. 1 (Delight: Gospel Light Publishing, 1900), p. 130; Allan Hugh MCNEILE, *The Gospel According to St. Matthew, Greek Text* (Londres: Macmillan & Co., 1952), p. 212; C. E. MONTEFIORE, *Synoptic Gospels* (Londres: Macmillan &

Co., 1909), p. 60; J. B. ORCHARD, *A Synopsis of the Four Gospels in Greek* (Macon: Mercer University Press, 1983), p. 30; Adam CLARKE, *Clark's Commentary: Matthew-Acts*, vol. 5 (Nashville: Abingdon Press, 1831, 1967), p. 157; Frederick Dale BRUNER, *Matthew: The Churchbook*, vol. 2 (Dallas: Word Publishing, 1990), p. 526-527; William BARCLAY, *The Gospel of Matthew*, vol. 2 (Philadelphia: Westminster Press, 1975), p. 98; *The Expositors Bible Commentary*, vol. 8 (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1984), p. 340-341; ver especialmente William HENDRICKSEN, *The Gospel of Matthew* (Grand Rapids: Baker Book House, 1973), p. 593-594.

2. John MACARTHUR, *The MacArthur Commentary: Matthew 8-15* (Chicago: Moody Press, 1987), p. 427.

3. São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p. 28.

4. Não é fácil entender como a natureza divina e natureza humana pudessem coexistir no mesmo corpo. De fato, o paradoxo da encarnação tem sido uma fonte de tensões para os teólogos ao longo da história. O desconforto perante o mistério levou pensadores a relegar a doutrina para um destes dois extremos, cada um dos quais é igualmente perigoso. Uma linha de raciocínio, conhecida como ebionismo, nega a plena divindade de Cristo. Os que abraçam essa posição rejeitam a presença de Deus em Cristo. Ele é apresentado como um gênio religioso, um mestre espiritual, um guru, mas não como o próprio Deus. Ele tinha a “perfeita personalidade religiosa, uma vida espiritual completamente preenchida pelo entendimento de Deus que é amor” (Walter RAUSENBUSCH, *A Theology for the Social Gospel*, p. 154-155, citado por Bloesch em *Essentials of Evangelical Theology*, 1:135). A outra abordagem da encarnação parte da deidade de Cristo, mas nunca chega à sua humanidade. O “docetismo” (termo que deriva do verbo grego *dokeo*, que significa “parecer, ter a aparência de”) rejeita Deus como um ser humano palpável, atingível e relega Jesus à metafísica. Ver Stephen NEILL, *Jesus Through Many Eyes* (Philadelphia: Fortress Press, 1976), p. 139. Essa forma

de gnosticismo, mesmo não se opondo radicalmente ao padrão ou verdade abrangente exemplificados em Cristo, não consegue endossar completamente a presença de Deus no homem Jesus. As duas abordagens, o ebionismo e o docetismo, se esforçam para exaltar uma das naturezas em detrimento da outra. As duas são igualmente heréticas. Uma nos apresenta um bom professor que enganou o mundo com falsidades e truques. A outra nos apresenta um deus que simplesmente se mascarou em ser humano, mas nunca passou pela experiência da natureza humana. Os apóstolos João e Paulo têm palavras fortes para as duas abordagens. “Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne procede de Deus; mas todo espírito que não confessa Jesus não procede de Deus” (1Jo 4.2-3). “Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2.9). “No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus” (Jo 1.1). Foi essa Palavra [Jesus] que assumiu a condição humana e “viveu entre nós [...] cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14). Outras passagens das Escrituras entram nesse coro. Jesus era “nascido de mulher, nascido debaixo da Lei” (Gl 4.4). Ele participou “dessa condição humana” (Hb 2.14). Ele “ofereceu orações e súplicas, em alta voz e com lágrimas” (Hb 5.7). Ele cresceu em sabedoria e graça (Lc 2.40). No entanto, embora fosse humano, ele era divino. Ele é chamado “nosso grande Deus e Salvador” (Tt 2.13). Ele perdoou pecados (Mc 2.5, 7, 10). Ressuscitou mortos; deu e dá vida (Jo 5.21). Ele venceu a morte (2Tm 2.8). Como justificamos o paradoxo? Como explicamos que “o Senhor se humilhou para estar em comunhão com os homens e da mesma forma o Servo foi exaltado para estar em comunhão com Deus”? (Karl BARTH, *The Humanity of Gods*, tr. Thomas Wieser e John Newton Thomas [Richmond: John Knox Press, 1964], p. 64). Como explicamos que Deus era igualmente humano e divino? Não explicamos. É um segredo que está além de nosso alcance e, conseqüentemente, é digno de nossa adoração. Por isso Paulo escreveu: “Não há dúvida de que é grande o mistério da piedade: Deus foi manifestado em corpo, justificado no Espírito,

visto pelos anjos, pregado entre as nações, crido no mundo, recebido na glória” (1Tm 3.16).

5. *More of Paul Harvey's The Rest of the Story*, ed. Paul Aurandt (Nova York: Bantam Books, 1980), p. 79-80.

1. Ann TREBBE e Valerie HELMBRECK, “‘Ideal’ is Body Beautiful and ‘Clean Cut’”, *USA Today*, 15 de set. de 1989.

1. Citação extraída de Stephen R. COVEY, *The Seven Habits of Highly Effective People* (Nova York: Fireside — Simon & Schuster, 1989), p. 33.

1. “Rocha Eterna”, hino composto por Augustus M. Toplady e traduzido por João Gomes da Rocha.
2. “Firmeza”, hino composto por Edward Mote e traduzido por Francisco Caetano Borges da Silva.
3. “A estranha graça”, hino composto por John Newton e traduzido por J. Costa.
4. Idem.

1. Paul Lee TAN, *Encyclopedia of 7700 Illustrations*, Rockville, MD: Assurance Publishers, 1979, p. 509.

1. "Moon Man", *Sports Illustrated*, 13 de agosto de 1990, p. 58-63.